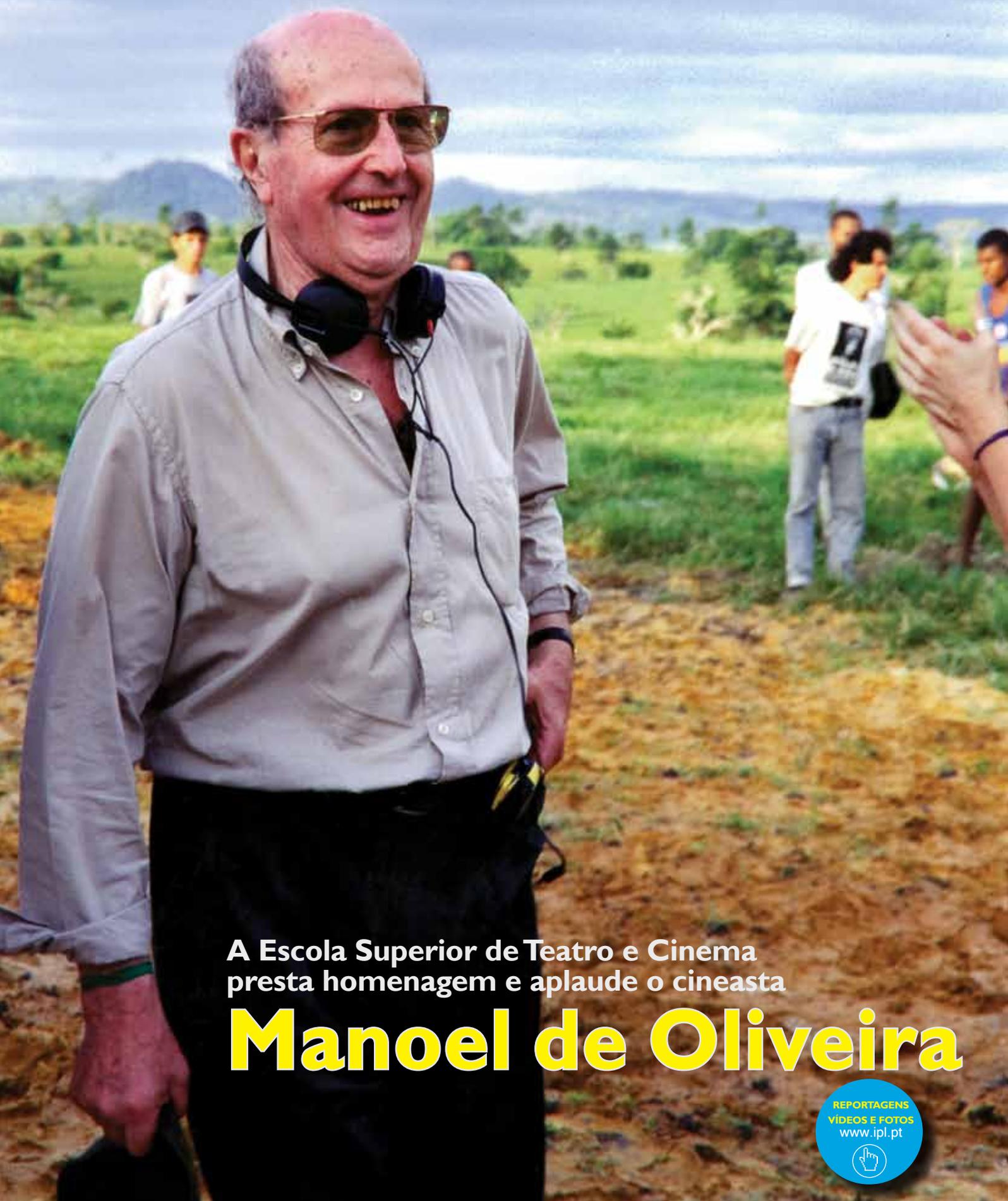


# POLITECNIA

Revista do Instituto Politécnico de Lisboa

Ano IX • N.º 27 • março de 2013



A Escola Superior de Teatro e Cinema  
presta homenagem e aplaude o cineasta

## Manoel de Oliveira

REPORTAGENS  
VÍDEOS E FOTOS  
[www.ipl.pt](http://www.ipl.pt)



# NOVO SITE

www.ipl.pt

## INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA



### 6 secções:

- Instituto
- Alunos
- Candidatos
- Serviços
- Media
- Investigação



Versão em língua inglesa

Acesso às páginas de internet das escolas e institutos do Politécnico de Lisboa

### Notícias da comunidade académica do Politécnico de Lisboa

**06/05/2013**  
**Newsletter n.º 66 de fevereiro de 2013**

Nesta edição tem destaque a homenagem a Eurodeputada Maria da Graça Carvalho, que no Dia do IPL vai proferir uma comunicação sobre "Fundos Comunitários". E de resaltar ainda a eleição do provedor do estudante do IPL.

**06/02/2013**  
**Do marketing no cinema para o Poliemprende**

O ESEL recebeu mais de quarenta participantes para ouvir Paulo Leite falar de marketing no cinema, numa ação inserida na 10.ª edição do Poliemprende.

Subscrição de feed de notícias o utilizador é alertado, por mensagem, sempre que é publicado uma notícia

**Agenda**

**Candidaturas Maiores de 23**  
ESTC - 04/05/2013 - 11:00 a 26/05/2013 - 11:00

**Conferência sobre Direito da Coexistência e Coexistência Igual**  
ISCAL - 15/05/2013

**Fórum 2013**  
Feira Internacional de Lisboa - 15/05/2013 - 16:00

**Conferência "Política dos 3 R's, a chave do futuro"**  
Autódromo da ESEL - 15/05/2013 - 14:30

Agenda consulta, por dia e mês, de eventos a realizar nas escolas e institutos do IPL (conferências, cursos, espetáculos, ...)

### Poliemprende



O Poliemprende é um concurso de ideias e projetos de vocação empresarial do ensino superior politécnico, cujo objetivo é o de incutir e estimular o empreendedorismo e proporcionar saídas profissionais através da criação do próprio emprego.

Poliemprende informações, candidaturas e galeria multimédia do concurso de empreendedorismo

### Repositório



O Repositório Científico do Instituto Politécnico de Lisboa tem como objetivo reunir e divulgar a produção científica de professores, investigadores, estudantes e pessoal não docente do IPL, aumentando a visibilidade e o impacto da investigação desenvolvida pela comunidade académica.

### Investigação

acesso aos conteúdos digitais de teses, artigos, posters e muito mais na página do Repositório Científico do IPL e nas redes sociais

### IPL nos Media reportagens, peças áudio, artigos de imprensa difundidas nos meios de comunicação social

**IPL nos Media**

**03/04/2013**  
**Opresenta de empresa da ESEL apresenta espetáculo em Coimbra**

**03/04/2013**  
**Américo Morgado, docente da ESEL, apresenta obra "Melódica de Água" em Palanca**

**03/04/2013**  
**Conferência sobre a temática "Anos Silbantes Portugueses 2004-2020" foi discutida em Évora**

**03/04/14/05/2013**  
**Tecnologia de Saúde promove workshop "Adaptações Curriculares Individuais e Estratégias de Diferenciação Positiva para Alunos com Necessidades Educativas Especiais"**

**04/12/2013**  
**Manual técnico para instalação de sistemas solares térmicos foi apresentado no ISEL**

**05/03/2013**  
**Docente da ESEL participa em "Jornadas de Comunicação" da Escola Superior de Educação de Portalegre**

**05/03/2013**  
**Brasil vai reconhecer cursos de engenharia e arquitetura portugueses**

**05/01/05/2013**  
**Alunos da Escola Superior de Dança convidados para atuar no Festival 2013, na FIL**

Investigação sinopses dos livros da coleção Caminhos do Conhecimento. O utilizador pode adquirir online as edições, através do site da Editora

**Caminhos do Conhecimento**

**Mecânica - Uma Introdução**

Autores: António Jorge Simões e Paulo Inês Carlos Teixeira

Este livro destina-se ao ensino de uma primeira disciplina de Mecânica de cursos de engenharia ou de arquitetura. Tem-se a sua génese na unidade curricular de "Mecânica Geral" que os autores têm vindo a actualizar no segundo semestre do primeiro ano do Licenciatura em Engenharia Química e Biológica do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa (ISEL).

ISBN: 978-972-985-110-0

**Supply Chain Management, A Materialização da Cadeia de Valor**

Autores: Carlos Quintana Dias

O objetivo principal deste trabalho foi o de trazer à tona e compreender aos fenómenos inerentes à materialização da cadeia de valor. Além disso pretendeu-se estabelecer a ligação estratégica entre as cadeias de valor globais, a economia e as possibilidades de criação de valor.

ISBN: 978-972-985-110-0

# 14



Para a eurodeputada Maria da Graça Carvalho o aumento das propinas, no ensino superior, é sinónimo do agravamento da despesa pública em ação social. A antiga ministra do Ensino Superior e da Ciência, não encara os cursos de curta duração, a lecionar, pelos Politécnicos como uma missão menos nobre. A eurodeputada aconselha o Governo português a aplicar as verbas do pacote europeu na educação, ciência e inovação.

# 28

Há mais de 15 anos que o navegador Ricardo Diniz promove a imagem de Portugal no mundo. Em pequeno era o rapaz tímido da turma, hoje fala para mais de 25.000 pessoas por ano. Considera o empreendedorismo uma saída para o futuro profissional dos jovens.



# 50

Inês Figueira é técnica de perfusão. Tirou o curso na Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa. Na cirurgia tem a função de garantir a substituição das funções vitais do paciente. A *Politecnia* esteve no bloco operatório a acompanhar o trabalho desta técnica de saúde.



# 30

Começou por ser conhecido pelo desporto e automobilismo. Com 20 anos decidiu entrar no mundo do cinema, onde se mantém até hoje. Figura emblemática do cinema, Manoel de Oliveira continua, aos 104 anos, com vontade de fazer filmes. A *Politecnia* falou com várias figuras próximas do cineasta e faz o perfil deste homem que é uma verdadeira força da natureza.

## Sumário

- 5** [Parar Para Pensar](#)  
*L. M. Vicente Ferreira*
- 6** [Reportagem](#)  
Estreia do Estúdio de Ópera  
*Clara Santos Silva*
- 11** [Ação Social](#)  
Como funciona o apoio dos SAS  
*Teresa Martins*
- 14** [Grande Entrevista](#)  
Graça Carvalho, eurodeputada  
*Paulo Silveiro*
- 21** [Empreendedorismo](#)  
Saber fazer para empreender  
*Clara Santos Silva*
- 30** [O Protagonista](#)  
Manoel de Oliveira, o cineasta  
*Vanessa de Sousa Glória*
- 40** [Novo e Interessante](#)  
Terapias no Cancro da Mama  
*Mário Matos, Cláudia Reis,  
Liliana Aranha e Vera Moura*
- 44** [Investigação](#)  
Laboratório Alcatel no ISEL  
*Paulo Silveiro*
- 46** [Empregabilidade](#)  
O apoio da ESD aos diplomados  
*Jorge Silva*
- 48** [Vocações & Afetos](#)  
Funcionária e aluna do IPL  
*Paulo Silveiro*
- 50** [Profissão](#)  
Inês Figueira: perfusionista  
*Clara Santos Silva*
- 53** [Voz aos alunos](#)  
Os alunos no Conselho Geral  
*Luis Castro*
- 55** [A saber](#)  
Nova orgânica da presidência do IPL  
*Pedro Pinto Coelho*
- 57** [Mala Diplomática](#)  
Docentes em mobilidade  
*Carla Ruivo*
- 59** [Para Refletir](#)  
Relação da escola e família  
*Pedro Silva e Mariana Dias*
- 61** [Estante](#)
- 66** [Tribuna Livre](#)  
*António Lagarto*

# ESTATUTO EDITORIAL

1. A revista Politecnia é uma publicação trimestral, editada pelo Instituto Politécnico de Lisboa, que assegura e disponibiliza informação de referência sobre a vida do IPL e a atividade das oito escolas que o integram;
2. A Politecnia respeita a Constituição da República e as leis que se enquadram nos direitos, obrigações e deveres da Imprensa, tendo em conta o Código Deontológico dos jornalistas. E compromete-se a respeitar os direitos e deveres inerentes à liberdade de expressão e ao direito a ser informado, observados que sejam os princípios consignados neste Estatuto Editorial;
3. A Politecnia rege-se por critérios de rigor e honestidade, sem dependências de ordem ideológica, política ou económica, no respeito integral pelos Estatutos e a Lei Orgânica do IPL;
4. A Politecnia elege como público de referência as instituições (económicas, políticas e sociais) da sociedade civil e o corpo docente das oito escolas do IPL, e os alunos, pais e educadores em geral;
5. A Politecnia quer contribuir para a unidade do IPL e a afirmação da sua cultura própria, em prol do desenvolvimento em Portugal de um Ensino Superior de qualidade, apostado na qualificação profissional dos alunos;
6. A Politecnia diferencia os artigos de conteúdo opinativo dos artigos informativos e reserva-se o direito de interpretar e comentar, nos seus espaços de opinião, os fatos e acontecimentos de âmbito educativo que se relacionem com a sua atividade;
7. A Politecnia está aberta à colaboração de todos os docentes do Instituto Politécnico de Lisboa que tenham contributos, no domínio da Educação, importantes que queiram partilhar;
8. A Direção da Politecnia reserva-se o direito de não publicar a colaboração não solicitada, que considere não ter a qualidade pretendida;
9. A responsabilidade dos textos publicados é inteiramente assumida pelos seus autores;
10. A Politecnia participa no debate dos grandes temas da atualidade educativa, relacionados com o Ensino Superior, tendo em vista a discussão de questões de interesse para o IPL e a troca de ideias entre aqueles que se preocupam e dedicam ao seu desenvolvimento e prestígio.

**POLITECNIA**

Ano XIII Número 27 março 2013

**Director**

L. M. Vicente Ferreira

**Editor**

Gabinete de Comunicação e Imagem

**Redatores**

Clara Santos Silva, Jorge Silva, Margarida Jorge, Paulo Silveiro e Vanessa de Sousa Glória

**Fotografia**

Bruna Viegas, Cinemateca Portuguesa, ESTeSL, Gonçalo Pinheiro, Pedro Pina, Stock.xchng, Pedro Almeida, Luisa Buisel, Vanessa de Sousa Glória

**Correspondentes**

Ana Raposo (Saúde), Célia Cardoso (Dança), Carla Nogueira e Roger Madureira (Contabilidade e Administração), Lucy Wainwright (Educação), Luísa Marques e Pedro Azevedo (Teatro e Cinema), Marcos Melo (Comunicação Social) e Susana Teque (Engenharia)

**Colaboradores Permanentes**

José Cedoura, Luís Osório e Luísa Marques

**Colaboradores**

António Silvestre, Carla Ruivo, Cláudia Reis, Helder Martins, Inês Sim Sim, João Dias, Liliana Aranha, Luis Castro, Maria Centeno, Mariana Dias, Mário Matos, Pedro Pinto Coelho, Pedro Silva, Ricardo Diniz, Teresa Martins, Vera Moura.

**Colunista**

António Lagarto

**Grafismo e Paginação**

Clara Santos Silva e Vanessa de Sousa Glória

**Propriedade**

Instituto Politécnico de Lisboa  
Estrada de Benfica, 529  
1549-020 Lisboa  
Telefone: 217 101 200  
Fax: 217 101 236  
e-mail: gci@sc.ipl.pt  
site: www.ipl.pt

**Redação, Admin. e Publicidade**

Estrada de Benfica n.º 529  
1549-020 Lisboa

**Impressão**

Europress, Editores e Distribuidores de Publicações  
Rua João Saraiva, 10A  
1700-249 Lisboa

**Depósito Legal**- 158054/2000  
ISSN- 1645-006x

**Tiragem:** 4 000 exemplares

**Capa:**

Vanessa de Sousa Glória (arranjo gráfico)  
Foto na rodagem do filme "Palavra e Utopia" (2000), Baía, Brasil

A Politecnia aderiu ao Novo Acordo Ortográfico

## As formações superiores como ferramentas de alta competitividade

PORTUGAL vive uma crise económica e financeira com reflexos negativos em todos os setores de atividade. Poderíamos apontar várias causas e culpados para este momento dramático que vivemos. Todavia, o mais importante é desenvolver e implementar políticas capazes de vencer e ultrapassar as dificuldades do presente.

É universalmente aceite, e está comprovado, que os investimentos na formação e qualificação de ativos sempre foram, e continuarão a ser, investimentos reprodutivos que contribuem, de forma ímpar, para o desenvolvimento socioeconómico das sociedades, quer a curto, médio, ou longo prazo. Talvez a isso se devam, o sentido de responsabilidade, a vontade e o esforço heroico das famílias portuguesas, que continuam, estoicamente, a manter os filhos no ensino superior, apesar dos imensos sacrifícios porque estão a passar.

Esta constatação responsabiliza ainda mais as instituições de ensino que têm a obrigação de dar respostas eficientes e eficazes com vista a adequar os currículos às solicitações, e exigências dos mercados, e às suas dinâmicas. Responsabilidade que passa, não só, pela procura constante de qualidade nos aspetos pedagógicos e científicos, mas que obriga também, e cada vez mais, a complementar os planos estruturados de formação formal, com formação não formal, que habilite os estudantes com competências adicionais capazes de gerar uma matriz de competitividade diferenciadora em valências tão importantes, como são, por exemplo, o empreendedorismo, a



L. M. Vicente Ferreira

*É preciso ter a perceção que o nosso maior recurso reside no potencial humano, que se desenvolve com a aquisição de conhecimento, através de uma formação terciária ao mais alto nível*

assunção de risco ou experiências de vida em ações e atividades de grupo, entre tantas outras.

Por tudo isto, importa dizer que o desinvestimento no ensino superior português, que de forma sistemática vem acontecendo desde 2006, e

que já representa mais de 40% de cortes do orçamento de Estado, atingiu níveis mínimos alarmantes face aos valores médios da União Europeia, podendo induzir, porventura, dinâmicas contrárias àquelas que Portugal precisa.

Esta realidade evidencia, de modo flagrante, uma falta de visão estratégica para o futuro de Portugal, mesmo tendo em atenção a atual crise económico/financeira do País. É preciso ter a perceção que o nosso maior recurso reside no potencial humano, que se desenvolve com a aquisição de conhecimento, através de uma formação terciária ao mais alto nível. Só, deste modo, a União Europeia e, conseqüentemente, Portugal poderão gerar uma força de trabalho competitiva capaz de fazer face à oferta de mão de obra intensiva excepcionalmente barata dos países asiáticos.

O investimento no ensino superior e o objetivo de atingirmos os níveis de população com formação superior da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico), cujos valores rondam os 40% contra os atuais 15% em Portugal, devem fazer parte de um imperativo nacional de curto/médio prazo, se quisermos ter uma sociedade competitiva, dinâmica e coesa, capaz de produzir e transmitir conhecimento, criar riqueza e promover o crescimento económico alicerçado numa economia de alto valor acrescentado. Este afigura-se-nos ser o único modelo sustentável para garantirmos, condignamente, a qualidade de parceiros iguais e membros de pleno direito no espaço da União Europeia.

## Estúdio de Ópera da Música estreia

"Páris e Helena", a ópera em cinco atos, do alemão Christoph Willibald Gluck, foi a escolha para a estreia do Estúdio de Ópera da Escola Superior de Música de Lisboa. O Teatro Municipal S. Luiz serviu de palco. O projeto foi idealizado por Nicholas McNair, encenado por Clara Andermatt, com luzes e cenário de Rui Horta.

O jornal "Público" escreveu, a propósito do espectáculo: "(...) sinal de que há suficientes jovens talentosos e bem enquadrados".

*Texto de Clara Santos Silva  
Fotos de Vanessa de S. Glória*

PRIMEIRA ESCOLHA de Nicholas McNair, diretor artístico do Estúdio de Ópera da ESML, para a estreia deste projeto, Páris e Helena, foi apresentada pela primeira vez em 1770. A terceira ópera reformista do compositor alemão e do poeta italiano Ranieri relata a história de amor e sedução de um dos mitos da antiguidade que continua a inspirar manifestações artísticas.

A ópera que Gluck dedicou a um português, D. João Carlos de Bragança, Duque de Lafões, só foi conhecida por McNair em 2011. Mas sem rodeios diz que, quando a encontrou, percebeu ser "o projeto perfeito para arrancar com o Estúdio de Ópera. "Criei o projeto de "Páris e Helena" a pensar nestes cantores", confessa.

A direção da Escola Superior de Música de Lisboa encarou esta estreia do Estúdio de Ópera da instituição, "uma criação cénica com uma abordagem artística contemporânea e arrojada, revelando o valor e talento de uma instituição capaz de enfrentar dificuldades e limitações de recursos e, simultaneamente, ultrapassar o âmbito de um contexto escolar".

Constituído por alunos, diplomados e outros convidados, o Estúdio, tem, segundo o seu diretor artístico, liberdade para "chamar pessoas de fora da escola para fazer parte do projeto". A opção por Clara Andermatt para a coreografia, Rui



A história de amor e sedução de um dos mitos da antiguidade

Páris



"Páris e Helena" foi apresentado pela primeira vez em 1770



Horta para as luzes e cenário e a solista Marina Pacheco para o papel de Páris refletiu esta opção, afirma Nicholas McNair.

O resultado dos contactos e convites estabelecidos para concretizar o projeto, traduziu-se numa coprodução entre o Estúdio

# com "Páris e Helena" no São Luiz



interpretado pela solista Marina Pacheco



Helena interpretada pela solista Carmen Matos



O Estúdio de Ópera da Escola Superior de Música de Lisboa em estreia no Teatro Municipal S. Luiz

de Ópera da Escola Superior de Música de Lisboa, a Companhia de Clara Andermatt, O Espaço e o Tempo de Rui Horta e o Tea-

tro Municipal S. Luiz, onde "Páris e Helena" estreou, seguindo para o Teatro Circo em Braga. Da parceria artística "surgiram todos

os problemas sobre como arrancar com uma ópera sem financiamento", afirmava na altura a encenadora Clara Andermatt.



Contatada pelo também coreógrafo Rui Horta, Clara aceitou e demonstrou vontade em ter esta experiência. Difícil foi “arrancar uma ópera sem financiamento nenhum”, confessava a encenadora no ensaio geral. Mas desde início sentiu uma grande dis-

ponibilidade e entrega por parte de todos, nomeadamente dos elementos do Estúdio de Ópera, “recetivos a fazerem coisas corporais sem nenhum entrave”. O trabalho de encenação começou por exercícios de improvisação. “Encontrar o personagem e

trabalhar o texto e tudo o que a peça transmitia” foi a principal preocupação.

A antestreia da ópera decorreu no cineteatro de Alcobça, ainda sem Marina Pacheco, por impedimentos profissionais da solista. Esta apresentação serviu como preparação da equipa do Estúdio para a sala principal do S. Luiz, em Lisboa. McNair ressalta que tiveram várias mudanças de

## Duas figuras emblemáticas no mundo artístico



CLARA ANDERMATT é uma das pioneiras do movimento da nova dança portuguesa. Iniciou os estudos com Luna Andermatt, sua mãe. Foi bailarina da Companhia de Dança de Lisboa. Em 1991 cria a sua própria companhia. Gosta do contacto com outras áreas, géneros e estilos, talvez por isso o convite para coreografar uma ópera. Como coreógrafa procura sentir e perceber a diferença de cada indivíduo.



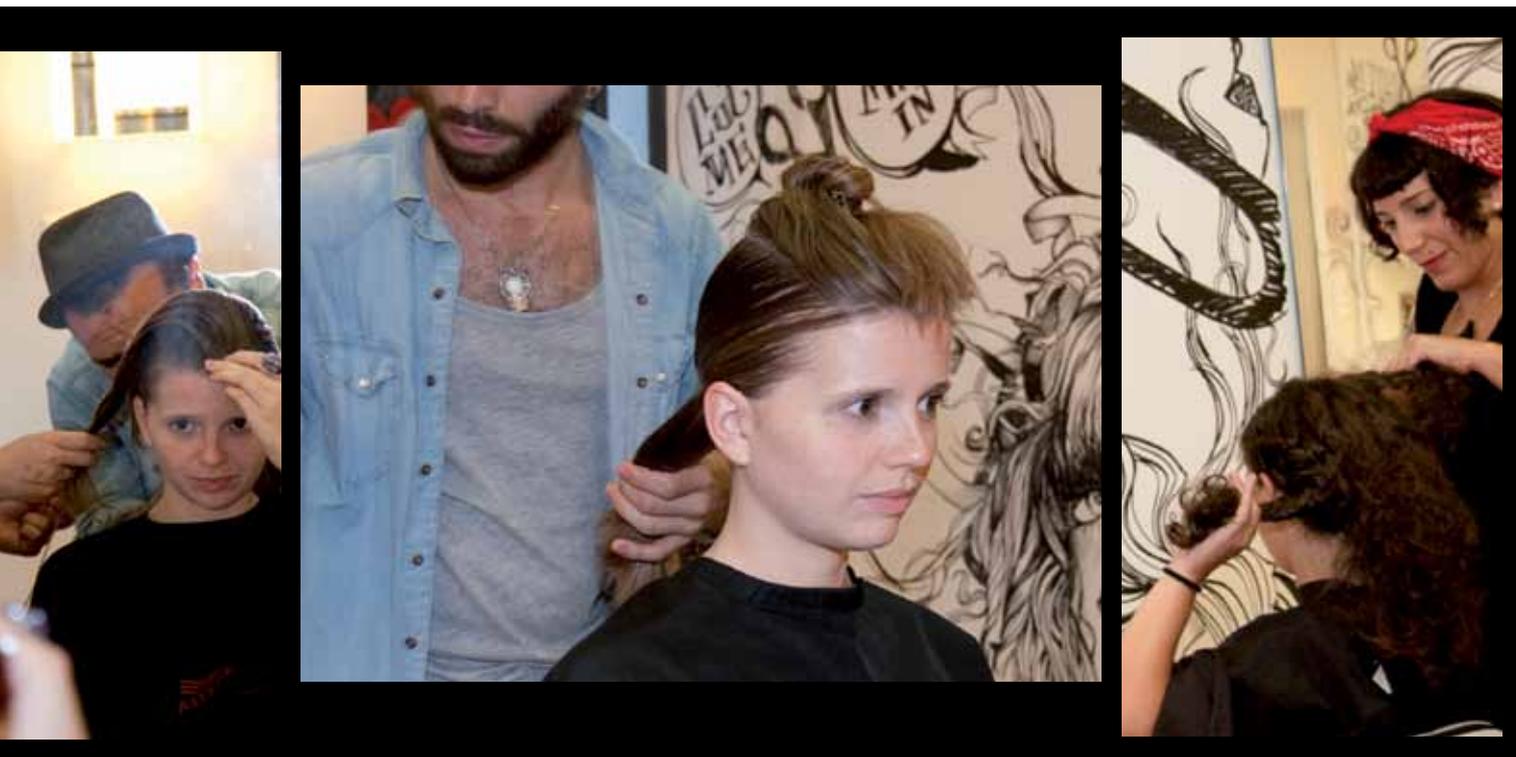
NICHOLAS MCNAIR é professor na Escola Superior de Música de Lisboa desde 1988. É diretor artístico do Estúdio de Ópera da escola. Quem com ele trabalha diz que tem um “conhecimento musical incrível”. Os alunos olham para o professor como alguém “muito metódico”. No seu percurso merece especial realce uma “rara capacidade de improvisação”. Aos seis anos McNair já compunha ao piano.

*Relata a história de amor e sedução de um dos mitos da antiguidade que continua a inspirar manifestações artísticas*

solistas, mas que Marina “se integrou de uma forma fantástica”, dado só ter iniciado os ensaios para a apresentação no S. Luiz.

Um cenário minimalista, pelos “poucos meios”, diz Clara Andermatt, acabou por se tornar também uma opção para trabalhar os corpos num ponto de vista mais cenográfico. Clara afirma que, acima de tudo trabalhou com os cantores, o “encontrar o personagem e trabalhar o texto e tudo o que a peça transmite”. Sobre o jogo de luzes de Rui Horta, diz ter permitido “criar ambiente e espaços alternativos”.

Referindo-se a Carmen Matos, solista que deu vida e voz a Helena, a coreógrafa diz ter sentido “uma graciosidade”. Considera que o seu trabalho como encenadora foi fa-



Nos bastidores, são os próprios artistas a assegurar a caracterização de cada personagem

cilitado, pelo facto de, como músicos, terem uma sensibilidade para a música e para o ritmo. Carmen, diplomada pela ESML, interpretou Helena de Tróia, tida como a mulher mais bonita do seu tempo, e que por isso teve que desenvolver outro tipo de movimentos, “mais redondos porque é muito direta e presa”

neste campo. A solista considera ser muito racional em palco, e “Clara despertou outra sensibilidade e de noção corporal”.

Depois do primeiro grande papel que assumiu, com a ópera “Cosi Fan Tutte” pela Contemporaneus, Carmen Matos encara a participação no Estúdio como garantia de

pelo menos um ano de trabalho. A lecionar atividades extracurriculares no ensino básico, saída para muitos dos seus colegas da ESML, a solista fez questão de realçar quanto desafiante foi trabalhar com Clara Andermatt. Apesar de ter sido “uma das coisas mais complicadas” que fez até à data.



A Orquestra de Música Antiga da Escola Superior de Música de Lisboa, dirigida por Clara Alcobia Coelho

Sobre o personagem que interpretou, Helena, Carmen traduz como sendo “bastante imponente, um pouco mais rude que Páris”. É alguém que sabe muito bem o que quer mas nem sempre é assim, continua. Tentou transmitir um personagem que vai avançando gradualmente, mas que ao longo da ópera vai denotando fragilidades.

Marina Pacheco, Sónia Alcobaça e Sara Marques, foram as solistas que interpretaram Páris, Pallade e Erasto, respetivamente. Os sopranos, altos, tenores e baixos, foram contribuindo para dar corpo e voz à história de sedução, onde Deuses e Homens conspiram em nome do amor. Acompanhados, ao pormenor, pelos músicos da Orquestra de Música Antiga da Escola Superior de Música, dirigidos pela enérgica Clara Alcobia Coelho.

Sara Marques que interpretou Erasto Amore, terminou a licenciatura na Superior de Música em 2011. Para além de concertos ocasionais e eventos, o seu trabalho tem-se centrado no Estúdio de Ópera. Também ela sente que “neste país a cultura é posta de parte e há cada vez menos oportunidades”. Caracterizou a sua personagem

como um cupido mascarado de servo de Helena, para a juntar a Páris.

No ensaio geral, por entre momentos de descontração, sentados no palco à conversa com Clara An-

*uma criação cénica, com uma abordagem artística, contemporânea e arrojada, revelando o valor e talento de uma instituição capaz de enfrentar dificuldades e limitações de recursos e, simultaneamente, ultrapassar o âmbito de um contexto escolar*

dermatt, e experiências com as luzes e o cenário de Rui Horta, sentia-se o envolvimento de todos os intervenientes. Sempre que iniciavam a interpretação, Nicholas McNair, percorria o corredor central da sala do S. Luiz, com a mão junto ao ouvido, tentando perceber pequenos acertos

a fazer e o alcance das vozes dos cantores em vários pontos da sala.

No dia da apresentação ao público, os últimos pormenores obrigaram a uma minuciosa gestão de tempo por parte da organização. Desde os penteados adequados às características dos papéis de cada elemento, à maquilhagem e guarda-roupa, assegurada pelos elementos do Estúdio de Ópera, nada foi esquecido.

Conscientes da responsabilidade de se apresentarem perante um público exigente e expectante, numa sala de grande tradição, os cantores, nervosos, afinavam vozes nos bastidores, e os músicos da orquestra pediam silêncio para afinar os instrumentos.

As últimas indicações de Clara An-dermatt, o “ouvido clínico” de Nicholas McNair, e o ensaio das luzes, incentivaram os cantores, mostrando estarem preparados. Habitualmente com a responsabilidade de dirigir o Coro, Clara Alcobia Coelho assumiu a direção da Orquestra de Música Antiga da Superior de Música, em substituição de Pedro Castro, assegurando “uma concentração constante durante duas horas e trinta minutos”.

## A ação social no Politécnico de Lisboa

# Como funciona o apoio aos alunos

Os Serviços de Ação Social, do Instituto Politécnico de Lisboa, destinam-se a apoiar os estudantes, através de vários benefícios, que contribuam para a melhoria das condições de estudo. Alojamento, bolsas de estudo, alimentação, são alguns dos serviços disponíveis. A administradora, Teresa Martins, traça-nos um panorama sobre o funcionamento destes serviços. E um aluno bolseiro fala-nos da sua experiência.

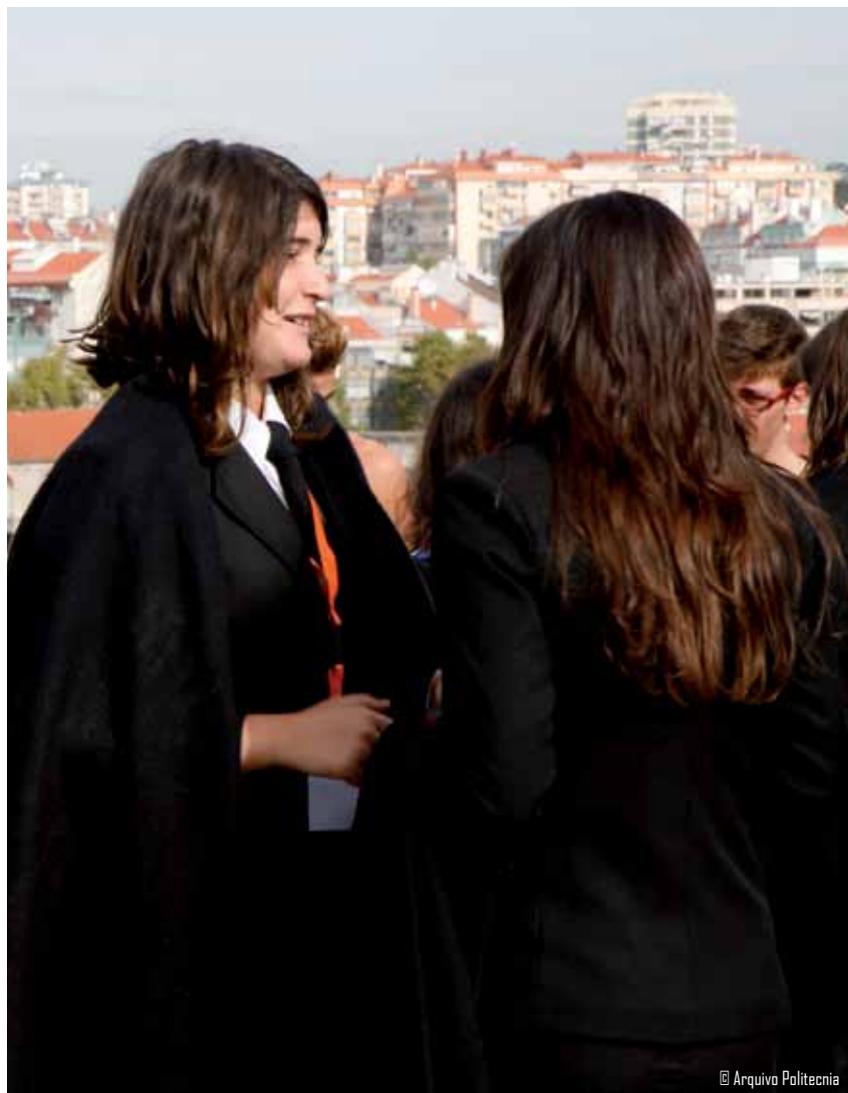
*Texto de Teresa Martins*

A ATRIBUIÇÃO DE BOLSAS de estudo aos estudantes que frequentam o ensino superior, no caso dos estudantes que frequentam os cursos ministrados nas oito Escolas e Institutos do Instituto Politécnico de Lisboa, rege-se por legislação própria emanada do Ministério da Educação e Ciência e engloba os chamados apoios diretos que visam promover uma efetiva igualdade de oportunidades no sucesso académico.

Compete aos Serviços de Ação Social do IPL, em concreto à Direção de Serviços de Apoio Social, garantir nos termos fixados pelo Regulamento de Atribuição de Bolsas de Estudo a Estudantes do Ensino Superior, a atribuição de bolsa de estudo, para participação nos encargos com a frequência do curso, bolsa essa traduzida numa prestação pecuniária, atribuída pelo Estado a fundo perdido e que é calculada em função do agregado familiar e respetivos rendimentos.

O processo de candidatura a benefícios sociais é operacionalizado exclusivamente por meio eletrónico, através da plataforma BeOn, acessível no sítio da Direção-Geral do Ensino Superior, constituindo-se assim como um meio privilegiado para os estudantes, não só pela sua fácil acessibilidade como também pela desmaterialização que introduziu nos procedimentos .

De acordo com o Regulamento de atribuição de bolsas de estudo atrás referido, Despacho n.º 8442-A/2012 de 22 de junho, publicado no Diário da República, 2.ª série nº120,



disponível no sítio dos SAS/IPL ([www.sas.ipl.pt](http://www.sas.ipl.pt)), o valor anual da bolsa pode variar de acordo com as características do agregado familiar em que o estudante se insere, bem

como do valor das propinas da instituição que o estudante frequenta.

Em concreto, no corrente ano letivo a bolsa mínima atribuída é de 921,50 € /ano e a bolsa máxima de

5 554€ /ano, bolsa esta atribuída nos termos da a) do n.º 3 do art.º 4.º e n.º2 do art.º 16 do regulamento citado.

Concluído o processo de análise da candidatura a benefícios sociais e proferido o resultado do montante da bolsa anual atribuída, o pagamento é efetuado em dez prestações, sendo a entidade pagadora a Direção-Geral do Ensino Superior.

Uma das dificuldades que se colocam aos estudantes para a gestão da bolsa que lhes foi atribuída é o facto de não poder ter sido disponibilizado o calendário mensal dos pagamentos, pese embora a informação do processamento seja enviada por SMS, para o estudante, no dia em que é efetuada a transferência bancária

Outro dos apoios com especial relevância é a concessão de alojamento aos estudantes deslocados, disponibilizando-lhes alojamento na Residência dos SAS/IPL – Residência Maria Beatriz, sita no Campus do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, com capacidade para alojar 200 estudantes, numa oferta de quartos duplos e individuais.

Aos estudantes bolsheiros deslocados é-lhes concedida prioridade na atribuição do alojamento, na residência dos SAS/IPL, para o período letivo, bem como beneficiam de um complemento mensal igual ao valor base a pagar no montante de 73,36€.

Até à presente data, esta oferta tem dado satisfação aos pedidos apresentados pelos estudantes deslocados, não tendo ainda havido lugar à não atribuição de alojamento por falta de capacidade instalada.

Os Serviços de Ação Social do IPL, em articulação com as Associações de estudantes e com as direções dos estabelecimentos de ensino têm promovido a realização de ações de divulgação e esclarecimento junto da comunidade estudantil no sentido de presencialmente poder transmitir a informação necessária ao correto preenchimento do formulário constante na plataforma "BeOn", bem como à sua correta instrução no que respeita ao envio de documentos subjacentes.

No corrente ano letivo, 2012/13, apresentaram requerimento para

## A residência Maria Beatriz não é para morar é para viver

HUGO MACHADO é um dos alunos bolsheiros dos Serviços de Ação Social do IPL. Natural de Guimarães é um dos habitantes da residência "Maria Beatriz", onde é o presidente da comissão de residentes. O seu dia a dia reparte-se entre a Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa, onde frequenta o 3.º ano do curso de saúde ambiental, e a residência onde, para os alunos deslocados, todos são uma verdadeira família.

Para Hugo Machado residir na "Maria Beatriz" é uma grande vantagem, "aqui existem alunos de várias escolas e cursos o que facilita a troca de livros e materiais de estudo". Esta heterogeneidade permite alargar os horizontes dos residentes, contribuindo para a discussão de vários assuntos. O apoio entre os residentes é recíproco, nas tarefas diárias de lavar roupa, cozinhar, limpar os quartos e no diálogo entre todos. "Nós aqui somos como uma família" refere.

A comissão de residentes tem como funções ser o elo de ligação entre os alunos que residem na "Maria Beatriz" e os Serviços de Ação Social do Instituto. Prestam apoio aos alunos em todos os problemas que eles tenham ao nível de bolsas, alojamento, e financeiros. Na residência existe uma máquina de venda de produtos alimentares e bebidas, explorada pela comissão, cujas receitas são aplicadas na aquisição de pequenos eletrodo-



© Paulo Silveira

mésticos, como os micro-ondas e torradeiras, que são disponibilizados aos residentes mais carenciados. Os problemas, quando existem, são resolvidos no âmbito da residência. Também a animação está a cargo da comissão de residentes, através da realização de churrascos e atividades desportivas.

A convivência entre rapazes e raparigas na residência é normal, as longas horas de convívio levam ao aparecimento de grandes cumplicidades, "Em média saem daqui doze casais por ano" afirma Hugo.

Para Hugo Machado seria impensável vir estudar para Lisboa, sem o apoio prestado pelos SAS. Alugar um quarto só para ele na capital, estava fora de questão por motivos financeiros. O bom ambiente, existente na residência, substituiu a ausência da família, contribuindo para o bem-estar de todos os residentes. Nós aqui somos como uma família" conclui.

**PJS**



© Paulo Silveira



A cantina do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa é uma das unidades alimentares dos Serviços de Ação Social do IPL

atribuição de bolsa de estudo, 2314 estudantes, podendo este número ser alterado, dado que a apresentação de candidaturas termina em 31 de maio.

Este número representa 16,70% do universo dos estudantes que frequentam os estabelecimentos de ensino do Instituto, verificando-se que esta taxa é das mais baixas a nível nacional. Não está ainda apurada de forma estruturada a razão(ões) pela(s) qual(is) estes números são tão baixos, estando previsto que esta análise venha a ser efetuada pelos SAS/IPL, no âmbito do Observatório para a Ação Social, estrutura recentemente previstas nos Estatutos e onde os estudantes que fazem parte do Conselho de Ação Social, seguramente irão dar o seu contributo.

A taxa de bolsas efetivamente atribuídas ficou nos 53,85%, ou seja 1246 estudantes viram os seus processos de candidatura a bolsa deferidos.

Das causas de indeferimento, ressalta com maior impacto a que respeita ao rendimento per capita do agregado familiar ser superior ao das condições fixadas na Lei que representam cerca de um terço dos

indeferimentos, logo seguida pela falta de aproveitamento escolar no último ano letivo em que o estudante teve inscrito, que representam 25% dos indeferidos.

Verificou-se em relação ao ano letivo anterior uma significativa melhoria no que respeita ao indeferimento por falta de elementos no processo - instrução incompleta, passando de 307 estudantes com processo indeferido para 125 estudantes.

*A taxa de bolsas efetivamente atribuídas ficou nos 53,85%, ou seja 1246 estudantes viram os seus processos de candidatura a bolsa deferidos*

No que respeita ao alojamento, verifica-se uma ocupação na ordem dos 90% ou seja encontram-se alojados 184 estudantes, dos quais 119 são bolseiros.

Na sequência do que foi dito anteriormente, o facto de não existir procura por parte dos estudantes

bolseiros deslocados que esgote a oferta de camas existentes, tem permitido que estudantes que não sendo bolseiros, possam também usufruir do alojamento a um preço muito abaixo do praticado no mercado de alojamento na cidade de Lisboa.

De realçar, que muitos dos nossos estudantes habitam os concelhos limítrofes e por isso não são considerados deslocados dado lhes ser possível a deslocação diária entre a sua residência e o estabelecimento de ensino que frequentam.

Os Serviços de Ação Social do Instituto Politécnico de Lisboa continuam a focar a sua atuação numa atitude que se traduz no objeto da sua Missão, Visão e Princípios Éticos-, ou seja uma relação de presença, proximidade e apoio constante, junto de todos os estudantes em particular dos que carecem de apoios diretos, para a prossecução dos seus estudos superiores, sendo certo que a concretização do desígnio de que nenhum estudante fique fora do sistema por não reunir condições financeiras para o efeito, é, na prática, muitas vezes condicionado por causas não imputáveis aos estudantes.

Maria da Graça Carvalho, eurodeputada

## “O Governo não deve aumentar as propinas no Ensino Superior”

Europeísta convicta, Maria da Graça Carvalho defende uma aposta na educação e inovação como fatores de desenvolvimento da Europa. Para a antiga ministra do Ensino Superior e da Ciência, aumentar as propinas implica um acréscimo da despesa pública em ação social. Relatora do programa específico de execução do programa Horizonte 2020, compete-lhe definir objetivos, e linhas gerais das atividades, em consonância com as prioridades do programa: “Excelência científica; criação de liderança industrial e respostas aos desafios Societais”

*Entrevista por Paulo Silveiro • Fotos de Vanessa de Sousa Glória*



**Politecnia – Durante os dois mandatos que exerceu, como Ministra da Ciência e do Ensino Superior do XV Governo Constitucional e Ministra da Ciência, Inovação e Ensino Superior do XVI Governo Constitucional, quais foram as principais preocupações?**

**Professora Maria da Graça Carvalho** – As minhas preocupações essenciais passaram por manter um sistema de ensino superior e ciência competitivos a nível internacional, no qual os licenciados, mestres e doutorados estivessem entre os melhores. Foi, ainda minha preocupação, conciliar este aspeto com a coesão social, ao alargar a base do ensino superior, trazendo mais alunos para o sistema e aumentando o número de investigadores.

**POL. – Essa meta foi atingida?**

**M.G.C.** – Penso que sim e com escassos recursos financeiros. Esses objetivos foram atingidos numa situação de crise semelhante à que estamos a viver, com fortes reduções orçamentais e um substancial recurso aos fundos europeus.

**POL. – A ciência e o ensino superior são assuntos permanentes na sua agenda?**

**M.G.C.** – Essas áreas são fundamentais para o desenvolvimento do país. A minha preocupação passava por transmitir, para os meus colegas do Governo de então, que as áreas da ciência, inovação e ensino superior são prioritárias. A solução passou por reprogramar os fundos comunitários, geridos em Portugal, para estas áreas.

**POL. – Foi assim que nasceu o programa Ciência e Inovação?**

**M.G.C.** – Exatamente, o programa foi criado com o apoio do governo, canalizando fundos de outras áreas para a ciência e inovação, permitindo manter o número de bolsas de pós-graduações, aumentar o apoio na ação social e investir em equipamentos e infraestruturas.

**POL. – Foi com esse investimento que foi possível a construção do novo edifício da Escola Superior de Música de Lisboa?**

**M.G.C.** – Sim, é um excelente edifício para o estudo da música, mas também a Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Beja e várias

escolas de Saúde. Para mim, é um grande orgulho quando hoje me desloco pelo país e vejo o meu legado nas várias infraestruturas, ligadas ao ensino superior e à investigação, que permitem as melhores condições para quem os frequenta.

**POL. – Como vê o atual estado da educação?**

**M.G.C.** – Portugal tem um comportamento peculiar no que respeita ao ensino. Por um lado temos o problema do abandono escolar, por outro, no



*As propinas do Ensino Superior português já são das mais altas da Europa*

ensino superior estamos ao nível dos nossos parceiros europeus, no que se refere à qualidade do mesmo. Mas necessitamos de aumentar o número de jovens com formação superior.

**POL. – A qualidade, a que se refere no Ensino Superior português, é reconhecida internacionalmente?**

**M.G.C.** – Sim e não é por acaso. Com a reforma de Bolonha fizemos uma aposta muito firme na definição dos conteúdos em cada área de ensino. Tive o cuidado de organizar grupos de trabalho, constituídos por professores e especialistas, para adotarmos as melhores soluções. Gostaria de

destacar a área da engenharia, cuja qualidade de ensino é reconhecida em países como a Alemanha.

**POL. – As reformas foram feitas com base nas sugestões desses grupos de trabalho?**

**M.G.C.** – Existiu um grande envolvimento por parte da comunidade académica e científica na reestruturação dos currícula. Na área da saúde a proposta visava que os cursos de enfermagem e das tecnologias da saúde fossem constituídos por dois ciclos, apostando numa formação de longa duração com um cariz científico muito grande, com forte ligação à medicina.

**POL. – Foi uma aposta ganha?**

**M.G.C.** – Certamente, em Bruxelas contato com ordens profissionais de enfermeiros, provenientes de vários países, devido às diretivas da mobilidade dos profissionais de saúde, que me manifestam o seu espanto pela formação aprofundada que é ministrada aos nossos profissionais de saúde.

**POL. – Esse reconhecimento vem justificar o investimento realizado nessas áreas?**

**M.G.C.** – Todos sabemos que os cursos de saúde são caros. Na altura os cursos de medicina tinham um valor de 12 mil euros ano por aluno, e os de enfermagem na ordem dos 7 mil. Já nas engenharias andavam à volta dos 5 mil euros. Mas os resultados falam por si, os nossos médicos, enfermeiros e técnicos de saúde são dos melhores da Europa.

**POL. – A saúde foi uma escolha estratégica para a melhoria das condições de saúde dos portugueses a longo prazo?**

**M.G.C.** – Definitivamente, a opção pela implementação de cursos longos, com vários anos de formação, significa uma aposta na tecnologia da saúde capaz de acompanhar o envelhecimento da população.

**POL. – A aposta no ensino superior é para manter?**

**M.G.C.** – Depois de atingirmos este nível é necessário mantê-lo, continuando a considerar o ensino superior como uma prioridade com um valor muito importante para o país.

**Poli. – Atualmente assiste-se a uma política de agregação e fusão de**



Eurodeputada Maria da Graça Carvalho: " (...) O projeto europeu é único, defendendo valores como a paz, o ambiente, a qualidade de vida, os direitos humanos."

**instituições. Na sua opinião qual é o objetivo desta política?**

**M.G.C.** – Estas medidas não são originais, já quando eu era ministra, existiam associações que incluíam diversos estabelecimentos de ensino superior. Hoje temos o exemplo da fusão de duas das nossas principais universidades. É importante esta conjugação de esforços, no sentido de criar massa crítica. Num mundo cada vez mais globalizado, para sermos competitivos, necessitamos de ganhar dimensão quer na ciência quer no ensino superior.

**POL.** – Um estudo recente, encomendado pelo Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP) à European University Association (EUA) defende uma maior cooperação entre as universidades e politécnicos que se situam na mesma região, e talvez uma agregação dos mesmos, concorda?

**M.G.C.** – Para isso temos de pensar em algumas regiões do interior, como por exemplo na Beira Interior onde existem a UBI e os Politécnicos de Castelo Branco e da Guarda.

Seria conveniente a formação de um cluster, para partilha de equipamentos e custos, evitando a sobreposição de cursos.

**POL.** – Assiste-se a uma grande quebra nos candidatos ao ensino superior para as instituições localizadas no interior. Qual a razão?

**M.G.C.** – Existem várias, uma delas é demográfica faltam jovens nessas regiões. Outra é o abandono escolar no secundário que impede que muitos alunos se candidatem ao ensino superior. E por fim a crise, que levou ao desemprego massivo, desmotivando muitos jovens a prosseguir os seus estudos.

**POL.** – Acredita que esta situação seja pontual?

**M.G.C.** – Sim, porque necessitamos de formar mais jovens, mesmo nas áreas onde atualmente se assiste a grandes quebras, como as engenharias e a saúde. Até porque, a nossa engenharia é reconhecida internacionalmente, exemplo disso, é o investimento que empresas como a Embraer e a Siemens estão a fazer em Portugal, fruto da excelente reputação dos nossos engenheiros.

**POL.** – Nos grandes centros, como Lisboa e Porto, é possível existir essa cooperação entre as instituições de ensino em vez do clima de concorrência que se vive?

**M.G.C.** – Temos o exemplo recente das Universidades Técnica e de Lisboa, onde existe uma grande complementaridade. Na minha opinião, é positivo uma imersão no verdadeiro espírito da universidade. Nesta perspetiva um engenheiro pode adquirir, nas cadeiras que têm flexibilidade, conhecimentos em áreas mais culturais, como a filosofia e as humanidades. Por outro lado, nesta fusão, também há uma complementaridade em áreas como a medicina que, cada vez mais necessita da tecnologia para o seu desenvolvimento. Por tudo isto, estou confiante que este vai ser um projeto bem-sucedido.

**Poli.** – O estudo refere também haver uma certa confusão entre os objetivos do ensino politécnico e universitário, concorda?

**M.G.C.** – Na minha opinião é muito claro o papel que cabe a cada um neste modelo binário do ensino su-

## Melhor deputada ao Parlamento Europeu na área da investigação e inovação em 2011

MARIA DA GRAÇA CARVALHO nasceu a 9 de abril de 1955, em Beja. É Professora Catedrática no Departamento de Engenharia Mecânica do Instituto Superior Técnico (IST) desde junho de 1992. Em 1983, fez o doutoramento no Imperial College de Londres. Participou e coordenou um grande número de projetos internacionais de I&D.

Foi Ministra da Ciência e do Ensino Superior do XV Governo Constitucional, Ministra da Ciência, Inovação e Ensino Superior do XVI Governo Constitucional, Diretora-Geral do GRICES - Gabinete de Relações Internacionais da Ciência e do Ensino Superior e Vice-Presidente da Ordem dos Engenheiros.

Foi membro do Conselho Diretivo e Presidente-Adjunto do Conselho Científico do Instituto Superior Técnico (IST), Universidade Técnica de Lisboa, membro do Conselho Nacional de Educação e do Conselho Nacional do Ambiente e do Desenvolvimento Sustentável.

É deputada do Parlamento Europeu, pelo Grupo do PPE, desde 14 de julho de 2009. É membro efetivo na Comissão da Indústria, Investigação e da Energia, membro suplente na Comissão dos Orçamentos. É membro



efetivo na Delegação à Assembleia Parlamentar Paritária ACP-UE. Foi eleita copresidente da Comissão do Desenvolvimento Económico, Finanças e Comércio da Assembleia Parlamentar Paritária ACP-UE (África, Caraíbas, Pacífico - União Europeia) e membro suplente na Delegação à Assembleia Parlamentar da União para o Mediterrâneo.

Em maio de 2010 foi nomeada relatora do processo de definição das regras de participação nos atuais e nos futuros programas europeus de ciência e inovação.

Em novembro de 2011 recebeu o prémio de melhor deputado ao Parlamento Europeu 2011 na área da Investigação e Inovação. Em fevereiro de 2012 foi nomeada relatora do programa específico de execução do programa Horizonte 2020 - Programa-Quadro de Investigação e Inovação (2014-2020). Foi suplente na Comissão Especial temporária do Parlamento Europeu sobre os Desafios Políticos e os Recursos Orçamentais para uma União Europeia Sustentável Após 2013.

perior. Quando referi, ser importante aumentar o número de jovens que ingressam no ensino superior, estava a pensar no ensino politécnico. Este é um ensino mais perto das empresas e da sociedade, centrado nas formações técnicas avançadas. É aqui que necessitamos de formar mais alunos, sempre com a possibilidade da mobilidade entre os dois subsistemas.

**Poli. – A decisão do governo de criar cursos de carácter tecnológico, com a duração de dois anos, é**

**uma tentativa de chamar mais alunos para os Politécnicos?**

**M.G.C. –** Os alunos necessitam de tempo para realizarem opções. Estes cursos de especialização tecnológica são muito importantes, com um nível de qualificação 5, podem ser financiados através de fundos comunitários, apresentando uma forte ligação aos tecidos culturais e sociais. No fim deste ciclo de estudos, os alunos vão estar mais seguros das vocações profissionais, podendo complementar a formação no ensino clássico, ingres-

sando nas licenciaturas dos Politécnicos e das Universidades.

Com estas medidas vamos estar a alargar o acesso ao ensino superior.

**POL. – Quais são as áreas que esses cursos de curta duração devem abranger?**

**M.G.C. –** Áreas como o turismo e a indústria devem ser privilegiadas. A sociedade do conhecimento deve ser constituída por cidadãos com um alto grau de formação. Uma das razões da nossa baixa produtividade resulta de, grande parte da nossa

população, não possuir uma formação qualificada. Essa percentagem apresenta deficiências nos métodos de trabalho utilizados que não são os mais eficientes nem os mais produtivos. O aumento da produtividade e da competitividade passa pelo cres-



cimento do grau de qualificação da nossa população, e isso faz-se através do aumento de ingressos no ensino superior e pela formação ao longo da vida, atualizando as competências da população ativa.

**POL. – Ministrar cursos de curta duração não conferentes de grau, pode ser considerado uma desvalorização do ensino ministrado nos Politécnicos?**

**M.G.C. –** Não concordo, porque este ensino é muito importante para o país, continuando os Politécnicos a ministrar cursos de licenciatura e mestrado. Eu própria fui responsável pela criação de vários cursos de especialização tecnológica. Estando assegurada a mobilidade entre esse ensino e as licenciaturas dos Politécnicos e Universidades, estamos a atrair mais alunos para o sistema.

*Quando referi, ser importante aumentar o número de jovens que ingressam no ensino superior, estava a pensar no ensino politécnico. Este é um ensino mais perto das empresas e da sociedade, centrado nas formações técnicas avançadas*

Na minha opinião não vejo que, para os Politécnicos, a lecionação dos cursos de curta duração seja uma missão menos nobre.

**POL. – Numa palestra que apresentou no Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP) referiu que entre as vinte melhores universidades do mundo só duas eram da união europeia, qual a causa deste facto?**

**M.G.C. –** A Europa possui muitas universidades médias, mas as

de topo são escassas por falta de massa crítica. Isso deve-se à grande diversidade cultural e geográfica existente na União Europeia, o que representa algumas desvantagens relativamente a países como os Estados Unidos. As universidades de

*Para mim, é um grande orgulho quando hoje me desloco pelo país e vejo o meu legado nas várias infraestruturas, ligadas ao ensino superior e à investigação, que permitem as melhores condições para quem os frequenta*

excelência funcionam como catalisadores de ecossistemas baseados na inovação e criação de riqueza. Se olharmos para as regiões do mundo que apresentam um maior crescimento, verificamos que são onde estão sediadas as melhores universidades.

**POL. – Estamos a falar de universidades que, para além da difusão do saber, são polos de atração de investimentos, concorda?**

**M.G.C. –** Inteiramente, podemos referir o exemplo da região entre o M.I.T (Massachusetts Institute of Technology) e a Universidade de Harvard onde estão representadas todas as grandes empresas. As companhias sediadas em Singapura ou na Coreia, não prescindem de estarem presentes junto dos grandes centros do ensino superior, pois sabem que é aí que

podem recrutar os melhores profissionais para os seus quadros.

**POL. – Na Europa essa situação não acontece?**

**M.G.C. –** Ao contrário da Europa que dispersa recursos, os Estados Unidos une-os criando massa crítica. Esta é uma cultura tipicamente americana, onde o investimento privado nas universidades é uma realidade.

**POL. – Quer com isso dizer que é necessário, então, convencer as**

**empresas a investir nas universidades europeias?**

**M.G.C. –** Já existem alguns casos no Reino Unido, em Portugal temos a Fundação Champalimaud como modelo de um investimento privado em ciência, mas estes exemplos são raros.

**POL. – Será utópico pensarmos numa universidade europeia transnacional?**

**M.G.C. –** Essa é a ideia do Instituto Europeu de Inovação e Tecnologia, embora seja baseado nas universidades existentes. Uma instituição de ensino superior de referência necessita de várias gerações de estudantes, bem-sucedidos, para ganhar fama. A solução passa, mais uma vez, pela criação de massa crítica, e é isso que o Instituto Europeu de Inovação e Tecnologia está a tentar fazer, através da constituição de redes de universidades em colaboração com as empresas. Este aglutinar de esforços, por parte de várias universidades através da mobilidade de recursos humanos e materiais, pretende aumentar a sua competitividade a nível internacional.



**POL. – Relativamente ao tema do financiamento do ensino superior, num debate na Universidade de Lisboa, a engenheira defendeu, na ocasião, que “aumentar as propinas é sinónimo do acréscimo da despesa pública em ação social”, o que é que pretendia dizer com essa afirmação?**

**M.G.C. –** Partindo do princípio que não deixamos de fora alunos por razões económicas, já no ano de 2005 está-

vamos no limiar de qualquer aumento de propinas, implicar um aumento do orçamento da ação social. Atualmente a situação deve ser mais grave. Tendo em consideração que necessitamos de mais alunos no ensino superior e, estando, neste momento, as famílias portuguesas a passar por graves dificuldades financeiras para manter os seus filhos a estudar, qualquer aumento de propinas implica um aumento nas bolsas de estudo.

**POL. – O governo deverá rever a política no que respeita ao financiamento do Ensino Superior?**

**M.G.C. –** O governo não deve aumentar as propinas do Ensino Superior, porque elas já são das mais altas da Europa, sendo mesmo as mais elevadas se as compararmos com o PIB.

**POL. – A despesa que o Estado tem com a educação, relativamente ao PIB de 4%, está ao nível dos países Asiáticos.**

**M.G.C. –** Sim, a nível europeu, só o Reino Unido tem propinas mais altas que as nossas, mas na prática nem todos os alunos as pagam. Tenho aconselhado o Governo para que, no quadro europeu 2014/2020, considere a educação como uma área estratégica apresentando um programa que inclua o ensino superior, a ciência e a investigação. Programa esse que deve ser financiado através de fundos comunitários. A verba não pode ser usada para despesas correntes, mas aplicada em bolsas de mestrado, doutoramento e na aquisição de equipamento.

**POL. – Houve uma redução no montante dessa verba atribuído a Portugal. Quais são as consequências disso?**

**M.G.C. –** Sim, mas muito ligeira relativamente ao Quadro de 2007/2013. Este novo envelope vai, no ponto de vista dos projetos e do capital humano, ser maior porque, ao contrário do anterior quadro de apoio, cuja maior fatia foi utilizada em infraestruturas, este pode ser aplicado em projetos de educação e inovação.

**POL. – A medida vai diminuir a fuga de doutorados para o estrangeiro?**

**M.G.C. –** Essa terá que ser a aposta, no financiamento de projetos cientí-

ficos. Quando fizemos a reprogramação, para o período 2005/2007 dedicamos a esta área, que engloba a ciência, educação e a inovação, dois mil milhões de euros. Ou seja mil milhões por ano, praticamente metade do financiamento de todo o ensino superior em Portugal. Este seria um objetivo que o governo deveria tentar alcançar. Importa realçar que o financiamento do Fundo Social Europeu, não se aplica só a bolsas mas também à celebração



*Na minha opinião não vejo que, para os Politécnicos, a lecionação dos cursos de curta duração, seja uma missão menos nobre*

de contratos com jovens licenciados ou com pós-graduações em empresas e centros de investigação.

**POL – Isso pode ajudar as Empresas a recrutar jovens talentos?**

**M.G.C. –** Sim, seria muito importante ver licenciados, mestres e doutores em PME's inovadoras. Isso iria reduzir o desemprego e tornar competitivas as nossas empresas. Um jovem com grande potencial científico, que ingresse numa PME, pode fazer toda a diferença. Se estas medidas forem aplicadas, como eu espero, vamos

dar alento ao tecido empresarial e incentivar o emprego científico.

**POL. – A área científica deve ser prioritária na escolha dos futuros programas de investimento?**

**M.G.C. –** Portugal possui bons indicadores a nível da Europeu, para a ciência, fomos os que mais crescemos dos vinte e sete, no número de doutorados e publicações, mas somos o único país em que, esse facto, não tem uma relação direta com o crescimento do PIB.

**POL – Qual a razão para isso?**

**M.G.C. –** Isto é consequência do reduzido número de doutorados que passam para o setor privado. A maioria ou fica no setor público ou emigra, não contribuindo para a produção de riqueza nacional. Portugal debate-se com várias fragilidades, o nosso setor privado é débil, a tradição assenta num setor público dominante e na falta de iniciativa privada. O próprio mercado funciona mal, com muita burocracia e pouca concorrência.

**POL. – A crise que vive o país veio agudizar essas deficiências?**

**M.G.C. –** Sim, o acesso ao crédito, a partir de 2007, tornou-se problemático. Todas estas questões, que acabam por estar interligadas, terão que estar resolvidas para que exista um crescimento baseado na inovação. Se isso se verificar, o nosso sistema de ensino superior e ciência melhorará substancialmente. Mas só isto não chega, temos igualmente de possuir um mercado a funcionar, com um setor privado dinâmico e uma banca capaz de conceder o financiamento necessário ao desenvolvimento das empresas. Outro aspeto importante, passa pela capacidade de Portugal atrair imigrantes qualificados.

**POL. – Mas em Portugal já existem muitos imigrantes.**

**M.G.C. –** Estou a referir-me a imigrantes com altas qualificações. Posso dar o exemplo dos Estados Unidos, onde existe um regime especial para os grandes talentos. É muito fácil, para quem possuir um currículo excecional, ser recrutado. A captação de grandes cérebros, por parte das empresas, contribui para o sucesso comercial dessas grandes companhias, produzindo

simultaneamente, riqueza para a sociedade americana.

**POL. – Para o modelo ser aplicado em Portugal, o que é necessário fazer?**

**M.G.C. –** Seria necessário realizar um conjunto de reformas que incluísse um sistema de inovação com maior cultura de risco, menos burocracia, uma banca eficiente com capacidade para financiar a sociedade, um respeito pelas leis da concorrência e um sistema de justiça mais célere. Basta um destes fatores não funcionar bem, para que neste sistema nada funcione corretamente. A Suíça, é um exemplo muito interessante de um país onde os bons indicadores científicos se refletem na produção de riqueza.

A globalização, nos dias de hoje, veio trazer novas regras aos mercados. Um país que apresente fragilidades, rapidamente vê os investidores e os profissionais qualificados a mudarem-se para outro país que apresente melhores condições.

**POL. – Qual o impacto que as metas fixadas na agenda 2020 podem ter no nosso país, nomeadamente a redução da taxa de abandono para abaixo dos 10% e atingir os 40% de jovens com um curso superior?**

**M.G.C. –** A procura da competitividade deve ser prioritária, a sua melhoria passa pela modernização da base empresarial e industrial do país, sobretudo através da inovação. O investimento deve ser feito na ciência, inovação, educação e formação, desenvolvendo as competências necessárias ao mercado de trabalho fomentando o conhecimento que, posteriormente, dará origem a bens e serviços inovadores. Portugal deve aproveitar as infraestruturas que foram criadas para a ciência e o ensino superior que, contrariamente a algumas opiniões, não são excessivas. Nós possuímos ótimas instalações para a investigação e formação superior, servidas por boas acessibilidades.

**POL. – O que é que falta?**

**M.G.C. –** Falta ainda aproveitar o potencial científico existente, canalizando as verbas do pacote europeu,

que não podem ser usadas nas infraestruturas, para as grandes prioridades nacionais.

**POL. – Quais são as grandes prioridades nacionais?**

**M.G.C. –** Formar profissionais de grande qualidade, fomentar o emprego, aumentar a competitividade do nosso setor privado, principalmente o exportador. Outro setor onde vamos ter de apostar é na exploração dos nossos recursos naturais,



*Num mundo cada vez mais globalizado, para sermos competitivos, necessitamos de ganhar dimensão quer na ciência quer no ensino superior*

onde somos muito pouco eficientes, talvez por não possuímos, ainda, muitas pessoas qualificadas.

A tónica deve ser dada no apoio às PME's (Pequenas e Médias Empresas), em áreas emergentes como ecoinovação, turismo, indústrias ligadas ao mar. Estas empresas devem estar ligadas aos Institutos Politécnicos às Universidades e centros de investigação, formando um conjunto capaz de participar em redes de escala europeia e internacional, que potencie a vantagem competitiva das empresas.

**POL. – Acredita que o projeto Europeu vai vingar?**

**M.G.C. –** Absolutamente, o projeto europeu é único defendendo valores como a paz, ambiente, qualidade de vida e os direitos humanos. E a prova, que estamos no caminho certo, são os pedidos que temos recebido, de vários países, para aderir à União Europeia.

**POL. – Qual é o próximo passo para a consolidação europeia?**

**M.G.C. –** Estamos a meio caminho da construção Europeia. O atual problema é a falta de instrumentos para a estabilização da moeda única, o que provoca instabilidade orçamental em alguns países como a Grécia, Portugal e Irlanda.

**POL. – Essa é a razão pela qual o Reino Unido ainda não aderiu à moeda única?**

**M.G.C. –** No dia em que o mercado interno estiver a funcionar plenamente o Reino Unido vai acompanhar os restantes países. Não acredito que eles deixem o projeto europeu. Existem alguns pontos, em que a integração ainda não está completa, e nós, que trabalhamos no Parlamento Europeu, temos desafios muito importantes pela frente. Um deles é o envelhecimento da população europeia causador de problemas na produtividade e inovação, mais ligada aos jovens, contribuindo também para uma sobrecarga na segurança social. Outro problema é a energia, que apresenta um custo excessivo, sendo necessário criar tecnologias amigas do ambiente e mais baratas.

**POL. – E ao nível da alimentação, recentemente, existiram casos, que geraram uma onda de pânico na população europeia, como o da carne de cavalo, as vacas loucas e os pepinos da Alemanha.**

**M.G.C. –** Essa é uma questão muito sensível. O controle da qualidade alimentar deve ser reforçado, apesar dos grandes progressos que se têm feitos nos últimos anos. Muitos destes desafios passam pelo desenvolvimento científico e tecnológico. Acredito que no futuro a União Europeia vai se tornar numa sociedade que assegure aos cidadãos o bem-estar, o desenvolvimento e estabilidade.

## Empreendedorismo: uma aposta no futuro

# Importância do saber fazer para poder empreender

O Instituto Politécnico de Lisboa assume o empreendedorismo como um projeto formativo de estratégia para o futuro. É por isso, uma prioridade em termos do reforço das ações, indo de encontro à importância que representa no ensino superior português o “saber fazer” para a criação do próprio emprego.

*Textos de Clara Santos Silva*

FOMENTAR uma cultura de empreendedorismo que potencie o desenvolvimento de competências por parte dos estudantes, tem sido uma das apostas, dos últimos anos, do Instituto Politécnico de Lisboa.

Inculcir nos alunos do ensino superior um espírito empreendedor tem merecido especial atenção. Neste campo, o IPL tem desenvolvido esforços para incluir o empreendedorismo nos planos curriculares dos cursos lecionados nas suas unidades orgânicas. A Escola Superior de Comunicação Social foi a pioneira ao incluir, desde há alguns anos a disciplina de Seminário de Empreendedorismo no 3.º ano de todas as licenciaturas. Este ano letivo, na Escola Superior de Educação de Lisboa, Introdução ao Empreendedorismo passou a ser uma unidade curricular opcional no 1.º semestre de todas as licenciaturas.

Em 2011, o Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa iniciou o mestrado em Gestão de Empreendedorismo, que no ano letivo em curso teve, de acordo com dados da instituição, 51 candidatos para as 30 vagas disponíveis.

Para além das mudanças no campo do ensino, é de assinalar a presença do Politécnico de Lisboa no Concurso Poliemprende, do qual têm saído vários casos de sucesso.

Sendo um concurso de ideias e projetos de vocação empresarial da rede de ensino superior politécnico, tem como objetivo partilhado, inculcir e



estimular o empreendedorismo e proporcionar saídas profissionais através da criação do próprio emprego.

*Do concurso Poliemprende, organizado pelo IPL, têm surgido vários casos de sucesso, de empresas já constituídas*

A iniciativa, promovida pelos quinze institutos politécnicos portugueses, pelas escolas superiores não

integradas (Enfermagem de Coimbra, Hotelaria e Turismo do Estoril e Náutica Infante D. Henrique), e escolas politécnicas das universidades de Aveiro, Algarve e de Trás-os-Montes e Alto Douro, já vai na 10.ª edição, e este ano, coordenada pelo Instituto Politécnico da Guarda. Associado ao concurso desde 2010, o Comendador Rui Nabeiro aceitou continuar como Patrono do Poliemprende.

O concurso de ideias e projetos de vocação empresarial Poliemprende tem demonstrado, ao longo dos anos uma troca de experiên-

cias, única entre os vários politécnicos do país, promovendo um forte espírito de união, equipa e pro atividade. Do concurso Poliempreende, organizado pelo IPL, têm surgido várias de empresas entretanto constituídas. Ahua Surf Within, Bad Behavior, Belmont e Cardiorespira são alguns exemplos. Criar equipas multidisciplinares, com promotores das várias unidades orgânicas do IPL é a visão de futuro para o concurso.

No apoio ao sucesso do concurso tem assumido especial relevância as boas relações com várias instituições como o IAP-

MEI (Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e à Inovação), a Gesbanha e as incubadoras de empresas DNA Cascais e Madan Parque, em Almada.

O Poliempreende, e as redes de contacto que tem permitido criar, tem sido uma forma de capacitar e motivar os alunos para o envolvimento em projetos autónomos e de equipa, que possam vir a constituir empresas.

Dados disponibilizados pela FNABA – Federação Nacional de Associações de Business Angels mostram que, ao contrário de outros países, apenas 6% dos jovens

constituem empresas em Portugal. E dos 75 mil investigadores, 76% continuam a desenvolver o seu trabalho no ensino superior, restando apenas 24% nas empresas. Isto apesar de, na opinião de vários analistas termos no nosso país um verdadeiro “ecossistema empreendedor”, com fundos europeus para investir, mas com medo de arriscar.

Paulo Andrez, administrador da DNA Cascais e presidente da Associação Europeia de Business Angels, disse, no âmbito de um seminário, organizado pelo IPL, que “nunca houve tanto dinheiro em Portugal

## Vencedores do concurso Poliempreende



**A ideia de uma unidade modelar para substituir tendas e roulottes levou Patrícia e Pedro à vitória do 9.º Poliempreende. Mas os ganhos foram além do concurso de ideias do Instituto Politécnico de Lisboa. Uma rede de contactos, parcerias, novos projetos e, acima de tudo a experiência do saber fazer que os leva além-fronteiras.**

*Textos de Clara Santos Silva*

PATRÍCIA FERNANDES e Pedro Almeida, quando venceram o Poliempreende com o projeto Unibox, em julho de 2012, não imaginavam o que a experiência lhes viria a proporcionar mais tarde. José Carlos Graça, representante do Madan Parque no júri regional, contactou-os pouco depois, convidando-os a trabalhar com ele em três projetos. Esta foi a catapulta para voos mais distantes.

A Unibox deu entretanto lugar à M-dwell Systems, nome, segundo os jovens, mais adaptado à nova área de negócio, a do sistema construtivo. Ainda com o apoio do, também empreendedor, José Carlos Graça, Patrícia Fernandes e Nuno Almeida foram desafiados a pensar um sistema habitacional de 14 mil apartamentos para funcionários públicos da República do Gana. Os jovens empreendedores estão, neste momento, em conversações com o governo do país africano que irão

para investir em start ups (...) o problema não é o dinheiro”.

Investir na aproximação de alunos e empresários, ultrapassando receios e mostrando as competências adquiridas, nas várias fases da formação superior, é uma missão que o IPL tem procurado desenvolver enquanto instituição de referência no ensino superior. Merece destaque o investimento feito na sinergia entre várias áreas de atuação, não só do tecido empresarial, mas das autarquias, em busca de soluções para o desemprego, e das próprias instituições de ensino

superior, como forma de melhorarem os índices de empregabilidade.

Recentemente, o Instituto Politécnico de Lisboa foi convidado pela Câmara Municipal da Arruda dos Vinhos, para apoiar na realização de sessões de formação de empreendedorismo, sensibilizando alunos e professores, do ensino secundário, para a temática. Este apoio tem sido dado com especial incidência no esclarecimento e fomento da literacia de empreendedorismo, mas também como ferramenta motivacional, para a importância de aprender a empreender desde cedo.

Sendo o ensino politécnico caracterizado pela sua forte ligação ao mercado de trabalho e ao exercício de uma profissão, o investimento na criação de áreas para incubação de *start ups* que queiram usufruir de equipamentos das instituições de ensino e a elas continuar ligadas, tem sido uma das formas de potenciar a criação do próprio emprego. O Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, é um destes exemplos com um centro de incubação virtual de empresas de cariz tecnológico, localizado no interior das instalações, associado à Incubadora Open da Marinha Grande.,

## expandem negócio para República do Gana



Fachada do sistema habitacional desenvolvido pela Modwell Systems

culminar na realização de um consórcio. A próxima fase será o desenvolvimento de um protótipo para avaliar o projeto em pormenor, algo que, segundo Pedro, no papel é mais difícil de fazer.

No campo das parcerias, estão confirmadas a SmartAqua, empresa na área da eficiência hídrica e hidráulica, e a Rotomoldagem, esta por indicação de José do Vale, do IAPMEI (Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e à Inovação) também, ele, membro do júri do Poliempree em no Instituto Politécnico de Lisboa. O Instituto Superior de Engenharia de Lisboa é outro dos parceiros, que irá dar apoio à investigação com recurso a bolsiros, que surgiu da ligação ao projeto Veeco-RT. Pedro considera mesmo que o facto de estarem associados ao

veículo elétrico desportivo, ele como designer, Patrícia no campo do marketing, lhes deu credibilidade para esta parceria.

Os restantes contactos são na área da construção civil.

A implementação do sistema habitacional na República do Gana vai permitir, que depois de realizado o consórcio, seja possível constituir a empresa sem qualquer investimento próprio. O Governo do país africano vai afetar uma verba a este projeto, que garantirá o arranque da primeira fase de investigação, e só depois se iniciará a construção.

Para este projeto, a unidade modelar conhecida como Unibox vai dar lugar a um sistema habitacional com vários pisos, que será inserido numa estrutura aberta, com corredores de acesso, elevador e garagens. Segundo Pedro Almeida, algumas preocupações terão que ser asseguradas, entre as quais a temperatura do país e o clima húmido, colmatadas com um sistema de ventilação natural. “Para além destas questões mais técnicas, o custo é outro dos pormenores a considerar, dado tratar-se de um país de fracos recursos”, reforça o arquiteto.



Exterior da Unibox, uma unidade modelar que tem como objetivo substituir tendas e roulottes



© Pedro Almeida

Simulação da integração do sistema habitacional em estudo para acomodar funcionários públicos da República do Gana

Este é o culminar de um trabalho de equipa e uma simbiose de polivalências que caracteriza dois jovens que se conheceram no curso de ar-

quitetura. Patrícia percebeu que não era o caminho certo e optou por mudar para a licenciatura de Marketing e Publicidade da Escola Superior de

Comunicação Social, que entretanto já concluiu.

Apesar da distância, o contacto manteve-se, e juntos foram idealizando projetos e “sonhos”. Daqui surgiu o conceito da Unibox associado à arquitetura temporária que imaginaram ver aplicado aos Festivais de verão.

Uma opção barata, com mais conforto que uma tenda, a Unibox ficou a aguardar o momento certo. Já na Escola Superior de Comunicação Social, a unidade curricular de Empreendedorismo e o estímulo, de Vítor Gonçalves, professor da disciplina, serviram de motor de arranque à candidatura do concurso de ideias Poliemprende .

Sobre a vitória no Poliemprende, dizem que foi graças “ao trabalho de equipa”. “As valências complementares conseguiram chegar a um projeto mais completo”, refere o arquiteto. Patrícia adianta que o facto de “terem conseguido materializar em imagem o produto que pretendiam propor e a maquete que mostraram ao júri” foi decisivo.



© Pedro Almeida

Interior da unidade modelar Unibox

## Empreendedores concebem casa para formigas

ENQUANTO a empresa Modwell Systems não é, formalmente constituída, as ideias e os sonhos continuam a fluir. “E porque não apostar num terrário para colónias de formigas”, pensaram Patrícia Fernandes e Pedro Almeida, numa noite em que as formigas resolveram atacar.

Sendo um conceito antigo nos Estados Unidos da América, em Portugal, da pesquisa que fizeram, perceberam que, não há nada do género. Sem quaisquer conhecimentos sobre formigas, e não pretendendo chegar a um produto pouco consistente, optaram por perceber quem, no nosso país mais sabe sobre este pequeno animal. Chegaram ao biólogo Eduardo Sequeira da Universidade de Évora. Muito disponível, o investigador ficou, segundo dizem, “muito entusiasmado e alinhou na ideia”. O objetivo era o de chegar a um produto credível, com o qual as pessoas pudessem aprender mais sobre formigas.

A presença do biólogo num programa exibido na RTP1, com José Carlos Malato, foi a primeira oportunidade para divulgar o projeto Formigarium e seus objetivos.

Esta foi, segundo Patrícia Fernandes, a melhor forma de dar a conhecer a empresa e o formigueiro didático que pretendem colocar à venda no mercado nos próximos meses. Mas, adianta que para aproveitar esta ida ao programa televisivo, tiveram que, em três dias criar um protótipo do terrário, um site e uma página nas redes sociais.

O produto final vai ser em plástico, e para tal vão contratar uma empresa na área para o produzir. Todo o investimento feito no Formigarium, dizem ser com capital próprio, cerca de dois mil euros.

A equipa pensa desenvolver uma versão para crianças, que nas escolas possa servir para estimular o interesse pela observação e estudo das formigas.

Vão entretanto desenvolver uma “versão mais adulta”. Para os mais pequenos, não querem que o preço vá além dos doze euros. Pretendem que “seja o animal de estimação da crise”, afirma Patrícia Fernandes.

Com o Formigarium já vai ser possível constituir formalmente uma empresa. Sendo um projeto simples, Patrícia Fernandes e Pedro Almeida conseguem, desta forma, “ver algum retorno financeiro num curto espaço



de tempo” o que ainda não foi conseguido com a Unibox, que ainda não chegaram a formalizar. A dupla encara este desafio como uma aprendizagem para o futuro.

A passagem para o Poliempreende nacional em Viseu, exigiu, segundo os jovens, “um grande esforço e preocupação”. O 3.º lugar “soube a pouco” afirma Patrícia Fernandes, porque quando pensam uma candidatura o objetivo é sempre o de ganhar. Mas, compreendem o porquê da classificação, até porque lhes pareceu que os outros projetos estariam mais próximos do mercado. Patrícia traduz o resultado como tendo “muita ideia e pouco produto”.

A ida à cidade de Viseu com o Poliempreende não foi em vão. Os jovens empreendedores aproveitaram para estabelecer parcerias, e tiveram também oportunidade de co-

nhecer os vários promotores de outros projetos, e os elementos do júri, cujos conselhos muito valorizaram.

*Patrícia Fernandes e Nuno Almeida foram desafiados a pensar um sistema habitacional de 14 mil apartamentos para funcionários públicos da República do Gana*

A decisão de alterar o nome da empresa de Unibox para Modwell Systems foi, aliás, uma das suges-

tões do júri, do concurso nacional, que aceitaram, com humildade. Patrícia Fernandes e Pedro Almeida consideram que nesta 10.ª edição do Poliempreende, a realização dos vários seminários, organizados pelo Instituto Politécnico de Lisboa, em que tiveram oportunidade de participar quer como oradores, quer como ouvintes, são uma boa forma de “aproximar candidatos de outras edições de futuros candidatos”. Na perspetiva de ambos, convidar jovens empreendedores para falarem da sua experiência no processo que os trouxe até ao presente é fundamental. “Dar exemplos para inspirar”, refere Patrícia.

## Poliempreende no Politécnico de Lisboa

# Arranque positivo do concurso

A décima edição da fase regional do Poliempreende no Instituto Politécnico de Lisboa arrancou em dezembro de 2012, com a realização do primeiro de três seminários. Inseridos nas Oficinas E, e de inscrição gratuita, tiveram uma adesão que superou anos anteriores, demonstrando o crescente interesse da comunidade académica pelo empreendedorismo. Os participantes puderam ouvir experiências, na primeira pessoa, partilhadas pelos empreendedores e business angels convidados.

*Texto de Clara Santos Silva • Fotos de Vanessa de Sousa Glória*



MOTIVAÇÃO, marketing e mitigação de riscos serviram de mote aos três seminários realizados no âmbito das Oficinas E do 10.º Poliempreende.

O Instituto Superior de Engenharia de Lisboa foi o local escolhido para receber os cerca de cinquenta participantes inscritos em cada seminário

Com novo formato e divididos em três áreas distintas, mas complemen-

*A criatividade vem sempre da dificuldade*

tares, o enfoque dos oradores convidados foi a sua própria experiência.

Fomentar um maior envolvimento de alunos e professores, não só no concurso de ideias, mas também na forma de encarar o empreendedorismo, foram os objetivos centrais das três ações. Esta foi uma mudança implementada por Vítor Gonçães, coordenador do concurso no IPL,



Paulo Andrez, Francisco Banha e Paulo Leite foram os oradores convidados dos seminários de empreendedorismo

como forma de aproximar os participantes de empreendedores que já concorreram ao Poliempreende e se revelaram casos de sucesso.

Motivação foi o ponto de partida do primeiro seminário, no qual Nuno Mesquita, da empresa Ahua Surf Within foi um dos convidados. Vencedor da 8.ª edição do Poliempreende regional, Nuno, que já exporta handplanes em cortiça, falou da sua experiência no concurso, e frisou que "a criatividade vem sempre da dificuldade". Patrícia Fernandes e Pedro Almeida, vencedores da 9.ª edição do concurso de ideias, ainda constituíram uma empresa, mas já têm a experiência de uma rede de contactos conseguida com o Poliempreende.

Francisco Banha, referência incontornável do empreendedorismo em Portugal, e Business Angel, terminou o seminário, realçando as características que investidores, como ele, procuram em ideias que lhes possam ser apresentadas.

O Marketing no cinema foi explicado por Paulo Leite, produtor da Bad Behavior e professor na Escola Superior de Teatro e Cinema, no segundo seminário. Vencedor da 6.ª edição do Poliempreende regional do IPL e terceiro classificado no concurso nacional, realizado pelo Politécnico de Coimbra, o empreendedor

aconselhou os participantes, a conhecer bem o mercado em que pretendem implementar as suas ideias. Reforçou que, gostar da área de ne-

*Empreender é como saltar de um penhasco e construir o avião durante a queda*

gócios é um dos fatores que acrescenta valor a qualquer plano de negócio.

"Empreender é como saltar de um penhasco e construir o avião durante a queda", começou por dizer

Paulo Andrez, administrador da DNA Cascais, no seminário de plano financeiro. Citando Reid Hoffman, criador da rede LinkedIn, Andrez, reforçou que a mitigação de riscos do Plano de Negócios é o mais importante. Com a experiência de quem constituiu a primeira empresa aos 18 anos, disse aos participantes que "ao conseguirem reduzir o risco, a probabilidade de obter financiamento aumenta". Avançou ainda que "em Portugal 50% das empresas deixam de existir passados dois anos", no que é considerado o "vale da morte" da vida de uma *start up*.



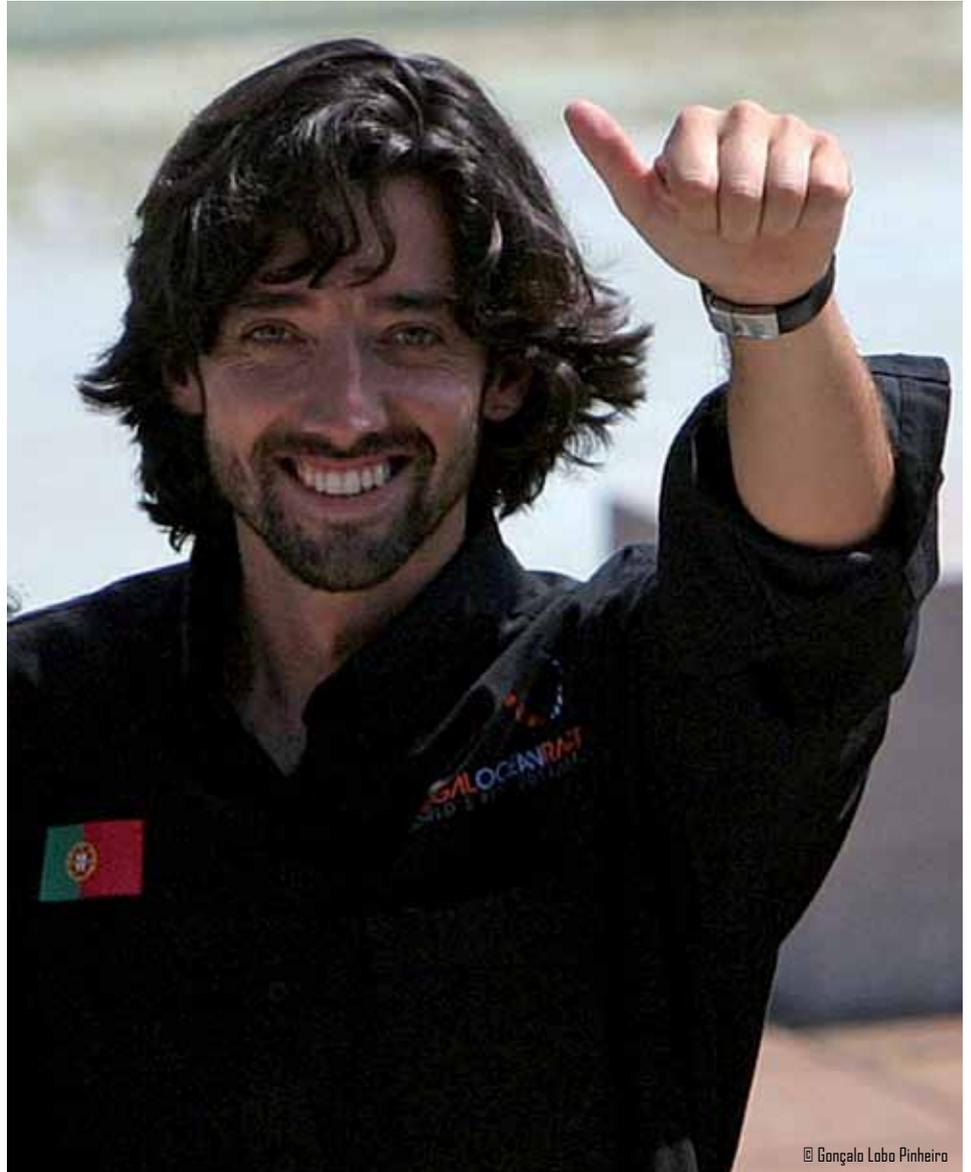
Vitor Gonçalves, coordenador do Poliempreende, no seminário de motivação

## Ricardo Diniz: empreendedor, orador, Temos, nós, os Portugueses

**A paixão de Ricardo Diniz é o mar e Portugal. Há mais de 15 anos que desenvolve projetos que ajudam a comunicar o país no mundo. No Encontro Nacional de Alunos de Saúde Ambiental, na Escola Superior de Tecnologia da Saúde, contou a sua história. Motivou os alunos para olharem o empreendedorismo como uma saída para o futuro profissional. Para este navegador “Vale a pena acreditar” porque o mundo é grande.**

HOJE EM DIA não há desculpa. Não há mesmo. Temos acesso imediato a toda a informação possível imaginária sobre todos os assuntos. Podemos ler biografias inspiradoras, ver TED's às dezenas com pessoas fascinantes que partilham as suas “Ideas Worth Spreading”. Temos ainda ANJE's e Iapmei's, Aicep's e Qren's, formadores, coaches, gurus e os seus livros de auto ajuda, que vendem como se tivessem mel. Ok. Porreiro. Mas.... E agora? Porque é que ainda estamos rodeados de pessoas desanimadas, sem esperança, a maioria com a certeza de que Portugal não é o país certo para elas? Confesso que também a mim me faz alguma confusão.

Eu agora podia aqui desenvolver uns bons e bem recheados parágrafos sobre ‘Why I Love Portugal’. Ou melhor, ‘Why I Believe in Portugal’. Mas não. Prefiro focar em ti. Sim, porque para mim Portugal não é só o retângulo e as suas lindas ilhas, ou a maior zona marítima da Europa, ou o país líder mundial em inúmeros setores, ou dos países do mundo com a melhor e mais estratégica localização geográfica. Não. Para mim, o que torna o nosso Portugal num país incrível e maravilhoso é mesmo tu, estimado “Tuga”.



© Gonçalo Lobo Pinheiro

E sabes porquê? Porque das dezenas de países por onde já passei, por onde já vivi, ou povos com quem já trabalhei, nenhum é como nós. A sério. Somos um povo do CA-RA-ÇAS! Somos rijos, mas meigos. Somos lutadores, mas sensatos. Ninguém sabe receber e cuidar como o Português. Por outro lado, embora sejamos os maiores críticos de nós próprios, somos orgulhosos e vaidosos. Lembra-se da instantânea reação coletiva à ridícula análise das agências de rating? “Somos o quê?? Lixo?? Como é que

é??”. Pela minha parte enviei logo uma cartinha aos senhores. Continha alguns ‘mimos’...

Com a base humana que temos e a garra que nos corre nas veias - e vivendo nesta era absolutamente incrível -, temos, nós os Portugueses, TUDO para dar certo.

Ao longo dos anos temos conseguido montar projetos fortes, todos eles desenhados para promover Portugal, prestigiar e credibilizar empresas, produtos e marcas de Portugal. Temos gerado cobertura

# navegador solitário e escritor fez tudo para dar certo



mediática em todo o mundo, nomeadamente CNN, BBC, Sky News e todos os principais meios em Portugal. Na minha caminhada independente desde os 17 anos, idade em que iniciei os meus primeiros passos rumo à vida que tenho hoje, já dei centenas de entrevistas, geri acima de 100 parceiros, gerámos mais de 10 milhões de euros e chegámos a dezenas de milhões de pessoas em todo o mundo. E é a primeira vez que partilho estes dados desta maneira. Sinto que é importante fazê-lo para reforçar, não o sucesso atual, os grandes patrocinadores que temos ou as dezenas de palestras que sou contratado para fazer em multinacionais em todo o mundo, mas sim o início. E esse primeiro passo, simples e natural, foi com pouco mais do que todo o entusiasmo do mundo e um sorriso. Não tinha carro ou telemóvel, não havia sequer internet (hoje até custa a acreditar!), nem tão pouco tinha um computador. Comecei com o que tinha e nunca sequer me ocorreu reclamar

em relação ao que não tinha. Cedo entendi que o relógio está sempre a contar.

As minhas grandes amizades de hoje, e até algumas parcerias profissionais, são com pessoas que conheci entre os 11 e os 18 anos. Vendi bolos na praia. Com esse dinheiro comprava e vendia fatos e pranchas de surf. Mais tarde, pedi 200 contos emprestados a um amigo do meu pai para investir num negócio mais sério. Disse que lhe pagava em 10 dias. Ele disse que podia pagar em 3 meses. Paguei em 8. Dias.

Gerei um lucro de 110 contos que não hesitei em reinvestir de imediato. Quando acredito, acredito mesmo! Dou pouco valor ao dinheiro. Para mim são sacos de sementes e os nossos projetos são enormes terrenos que lavramos de sol a sol, na esperança que algo resulte. Investimos em diversos setores e investimos até ao limite, muitas vezes ficando bem abaixo do que seria aceitável para um empresário, um pai. Por exemplo, no mesmo ano que comprei o primeiro veleiro,

2011, tinha no dia 1 de janeiro a fantástica quantia de 2 euros. Nem mais. Nem menos.

Voltando o foco para ti, quero que saibas que quando digo que acredito em ti e na força dos teus sonhos e objetivos, é mesmo verdade. Pois dentro de cada um de nós, há essa imaginação sem limites que pode mesmo transformar sonhos em realidade. Não te preocupes se achas que tens pouco a teu favor. Inicia a caminhada. Passo a passo, derrota a derrota, vais começar a definir o teu percurso, a tua vida, o teu sonho.

Ninguém diria que um dos putos mais tímidos da escola, o último a ter uma namorada, o que tinha más notas por ser um distraído e que apenas adorava o mar e Portugal, estaria hoje a falar para mais de 25.000 pessoas por ano, em grandes empresas e universidades. E se eu consigo, acredita mesmo - tu também consegues!

**Ricardo Diniz**  
 portugal@ricardodiniz.com

Patriarca do cinema português tem 104 anos



# Manoel de Oliveira

## Uma força da natureza



Dotado de uma vida intensa e multifacetada, feita de sonhos concretizados e desfeitos, Manoel de Oliveira é o último realizador, em atividade, desde o início do cinema mudo. Elogiado e aplaudido, vezes sem conta, nos principais festivais internacionais, nem sempre reconhecido em Portugal, Oliveira contribuiu para projetar o cinema português lá fora. O teatro tem assumido papel de relevo ao longo da carreira do cineasta. A Escola Superior de Teatro e Cinema prestou homenagem ao homem que, com uma energia invulgar, continua aos 104 anos, com vontade de fazer filmes.

*Textos de Vanessa de Sousa Glória*



Mergulho da prancha da praia do Molhe, na Foz. (fotógrafo António Amadeu) in *Fotobiografia Manoel de Oliveira* de Júlia Buisel

ALMA rebelde, solitária, como a de um animal excessivamente sensível, Manoel de Oliveira diz que é isto que o liga ao cinema. Nasceu com o “dom” de realizar. Sábio, fruto da longevida-

de que o destino lhe deu, estamos perante um criador de obras. Com humildade, prefere ser reconhecido como uma criatura. Manoel de Oliveira é um Senhor, com uma perspetiva mui-

to própria do cinema e das temáticas que aborda nos filmes que idealiza. É um caso singular na história do cinema mundial. O realizador mais velho do mundo em atividade não consegue

# O Protagonista

estar parado. O enorme amor que dedica ao que faz, alimenta a vontade e garra de continuar por cá e de, aos 104 anos, querer fazer mais filmes. A morte não o assusta, não quer é sofrer. É a única coisa na vida em que podemos confiar, “é uma porta”, partilha, com os que lhe são próximos. Ainda não terminou um filme e a cabeça deste homem já está a pensar no próximo projeto. Homem do Porto, pertence a uma família católica. Em 2007, veio de propósito a Lisboa para conhecer o líder espiritual Dalai Lama. Não tinham encontro marcado, não se sabe do que falaram.

Casado, tem quatro filhos, dois rapazes e duas raparigas, netos e bisnetos. Aventuroso, na vida e na profissão, gosta de assumir riscos. Chegou à idade adulta entre duas guerras mundiais.

Amante incondicional do desporto desde muito jovem. Teve a proeza e coragem de fazer um triplo salto mortal. Com a mesma determinação não desistiu quando “Douro, Faina Fluvial” (1931), o filme-documentário que marca a estreia do realizador no mundo do cinema, foi pateado em Portugal. Tinha, na altura, 22 anos. Vanguardista e inovador – para o que se fazia, na altura, em Portugal – Manoel de Oliveira não segue as modas do cinema. Por vezes incompreendido, Oliveira assistiu ao fracasso de “Aniki Bóbo” (1942). O filme fala de sentimentos como a amizade, ciúme e amor. A crítica reagiu mal e o filme foi considerado imoral. Cenas como o protagonista a namorar à janela, ou o roubo de uma boneca, foram mal vistas.



Oliveira, ao centro, na rodagem de Aniki Bobó, o primeiro filme de amor do cineasta

Dotado de uma energia fora do comum, desde 1979, que trabalha a um ritmo quase constante de um filme por ano. Até completar cem anos, subia os degraus

de escadas dois a dois e ainda conduzia. Preocupado com a saúde, deixou de fumar no momento em que percebeu que o tabaco fazia mal.



Com 19 anos in Fotobiografia Manoel de Oliveira de Júlia Buisel

## O primeiro trabalho de

**SURPREENDIDO** Luigi Pirandello, dramaturgo italiano, perguntou se, em Portugal, era costume aplaudir com os pés, no final da projeção de “Douro, Faina Fluvial” (1931), o primeiro filme realizado por Manoel de Oliveira que ainda não tinha 23 anos.

O documentário, que retrata a faina no Porto e as árduas condições de trabalho foi pateado e provocou um verdadeiro impacto entre a crítica portuguesa. “Uma vergonha mostrar aos estrangeiros aquelas mulheres esfarrapadas com carretos de carvão à cabeça, de pé descalço...aquelas nojentas vielas do Porto... aqueles prédios leprosos do Barredo”,

escrevia a imprensa da época, com receio da possível “má imagem” para o estrangeiro que o documentário podia transmitir.

Pirandello e outros estrangeiros, presentes na sessão que decorreu no Festival de Crítica, no Palácio Foz, consideraram o filme uma obra-prima.

Justiça seja feita, refere Mário Jorge Torres, investigador de cinema, José Régio teceu uma crítica positiva ao documentário na revista “Presença”.

O filme também foi apreciado por António Lopes Ribeiro, cineasta do regime, que, mais tarde, em 1934, tornou possível que “Douro, Faina Fluvial”, fosse projetado, em sala, antes da exibição “Gado Bravo”



Col. Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema

Evita falar de política, embora esteja preocupado com a situação do país. Mantém o hábito de ler o jornal todos os dias para estar a par do que se passa. Passa horas em fren-

te ao computador que aprendeu a utilizar aos oitenta anos. Na adolescência, reunia-se, no café central, no Porto com Casais Monteiro, estudantes de Belas Artes, pintores, poetas e filósofos. O grupo, mais visionário do que político, era mau visto pelo regime. Mais tarde, nos anos 60, chegou a ser preso, juntamente com outras personalidades, pela PIDE. Da acusação constavam "Actividades contra a segurança do Estado, desenvolvidas pela Associação secreta e revolucionária denominada "Organização República"". Faltavam sete dias para completar 55 anos. Valeu-lhe o abaixo-assinado, dirigido ao presidente da República da altura, para a libertação do cineasta. Personalidades como o jornalista Baptista Bastos e o realizador Paulo Rocha assinaram o documento.

Teimoso, gosta de fazer e refazer os filmes que tem em mente. Extremamente exigente, consigo e com os outros, no papel de realizador, tem a capacidade de transmitir aquilo que pretende fazer. Sabe muito bem o que quer. Irrita-se com ele próprio quando as coisas não correm como quer. Às vezes é tão intransigente a avançar que pode parecer impertinente, mas a delicadeza que detém não lhe permite ser desagradável.

Muitos aspetos da nossa história foram abordados por Manuel de Oliveira. Ousado, avançou com uma das produções mais ambiciosas do cinema português. No filme "Non ou a Vã Glória de Mandar" (1990) conta a história de Portugal através de derrotas e batalhas perdidas. Foi uma produção internacional que envolveu, para além do nosso país, Espanha e França.



Brevet de aviator In Fotobiografia Manoel de Oliveira de Júlia Buisel

Dotado de uma vida repleta de grandes histórias, Oliveira guarda a inocência da criança Manoel Cândido que nasceu há 104 anos. Curioso, quer aprender tudo o que não sabe. Numa das viagens que fez ao Japão ficou fascinado com o teatro Kabuki, apesar de não ter compreendido uma única palavra.

Tímido por natureza, esconde esta faceta por detrás de um sentido de humor peculiar, apreciado por aqueles que con-

## Oliveira foi pateado em Portugal

o primeiro filme sonoro de Lopes Ribeiro, acrescenta Mário Torres.

Vanguardista, para o que se fazia, na época, em Portugal, "Douro, Faina Fluvial" é o filme, de Oliveira que "mais segue as estéticas praticadas no estrangeiro, uma moda de montagem em relação às cidades", diz Mário Torres, antigo crítico de cinema do jornal "O Público". O primeiro trabalho de Oliveira absorve a influência do cinema de vanguarda, de Walter Ruttmann, caracterizado por rapidez de montagem que pode ser vista em "Berlim, Sinfonia de uma Capital", de 1927, uma referência clássica do grande cinema alemão ainda do tempo do mudo.



# O Protagonista



Manoel conheceu Maria Isabel Oliveira quanto esta tinha 19 anos

vivem de perto com ele. Tem um lado de comediante, gosta de dizer piadas.

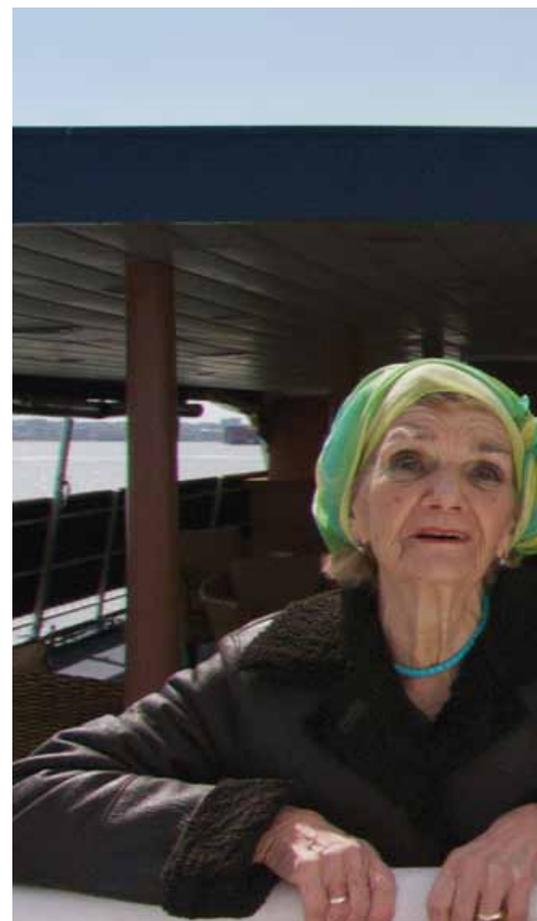
Na direção de atores não é de muitas palavras e explicações. Dá indicações rigorosas, diz apenas o que é preciso. Não é homem de dar muita intimidade aos atores. Conhece os atores pelo nome da personagem que desempenham. Diz que, assim, não cansa a cabeça. São muitos os nomes que constam dos genéricos dos seus filmes. Repete frequentemente os mesmos atores como se fossem uma família, à semelhança, do que se passa no teatro. Leonor Silveira, Luís Miguel Cintra, Diogo Dória são os atores com quem trabalha há mais tempo. Quem entrou nos filmes de Oliveira, diz que ficou ancorado à obra exemplar e à pessoa que é. São vários os atores famosos que gostavam de participar nas suas obras cinematográficas. John Malkovich, Catherine Deneuve, Mastroianni, Michel Piccoli tiveram esse privilégio. Sabe o que vale, mas não aprecia o vedetismo. Tal-

vez por isso trate de igual forma um ator de carreira internacional e um figurante.

Habitado às passadeiras vermelhas dos principais festivais de cinema do mundo,



O pai, Francisco José Oliveira in fotobiografia



O casal Oliveira a representar a história

conquistou a crítica internacional. Subiu ao palco, vezes sem conta, para receber prémios. Mais aclamado no estrangeiro do que em Portugal, tem sido difícil seduzir o público do seu país. Criticado, por alguns, pela utilização de planos longos nos filmes, para Oliveira é preciso tempo para se verem as coisas. Autor do filme mais longo da história do cinema mundial. “Le Soulier de Satin” (1985), tem duração de 6 horas e 45 minutos e foi rodado durante seis meses. Os décors, praticamente todos em estúdio, foram concebidos com o maior rigor. Outras obras cinematográficas de Oliveira têm pouco mais de uma hora de duração e também não tiveram boa aceitação por cá. Completou um século de vida enquanto filmava “Singularidades de uma rapariga louca” (2009). Alguns jornais estrangeiros noticiaram o acontecimento na primeira página. Até um jornal chinês fez referência ao aniversário. Foram várias as personalidades que se juntaram à festa, que decorreu, na Fundação de Serralves no dia de folga das filmagens.

“Singularidades de uma rapariga louca” é uma adaptação do conto de Eça de Queirós. A longa-metragem mais curta do realizador, combina elementos da época



em "Cristóvão Colombo - o Enigma" (2007) Col. Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema

## Oliveira e Cintra homenageados



Ao celebrar 175 anos, a Escola Superior de Teatro e Cinema prestou homenagem a Manoel de Oliveira, no dia 10 de janeiro, agradecendo-lhe ter dado a conhecer, internacionalmente, os atores de teatro portugueses. Na ocasião o ator Luís Miguel Cintra, figura constante nos filmes de Oliveira, e amigo do realizador, também foi homenageado pela escola.

## A teimosia de grandes amigos

JÚLIA BUISEL, anotadora de longa data dos filmes de Manoel de Oliveira, é autora da primeira fotobiografia do realizador Manoel de Oliveira, publicada em 2002, e da obra "Antes que me Esqueça", apresentada recentemente na Fnac do Chiado. Neste livro Júlia relata uma série de memórias da colaboração cinematográfica entre ambos. "Antes que me esqueça" foi publicado no âmbito de Guimarães 2012, Capital Europeia da Cultura, um dia depois do 104.º aniversário do mestre do cinema português.

Já lá vão 32 anos quando Júlia Buisel conheceu o realizador. A anotadora foi convidada pelo produtor Paulo Branco para trabalhar no filme "Francisca" (1981). Foi quando se viram pela primeira vez. "No início não foi fácil", diz Júlia, que praticamente não falava com o cineasta. Valeu-lhe a simpatia e o à vontade de Maria Isabel Oliveira, a mulher do cineasta, para se aproximar do realizador.

A determinada altura zangaram-se. Trabalhavam juntos, mas não se falavam. Foi assim durante três anos. O motivo da zanga foi "perfeitamente idiota" diz Júlia que prefere não falar do sucedido. A esposa do realizador, que tem por hábito acompanhar a equipa nos filmes, servia de intermediária. Levava-lhe perguntas escritas da anotadora e depois trazia as respostas do realizador. Cansada desta situação, a mulher de Oliveira pediu para se entenderem porque, afinal, tão teimoso era um como o outro. A zanga passou, nunca falaram do que aconteceu.

Com o realizador, Júlia Buisel aprendeu a gostar de um determinado tipo de cinema e, acima de tudo, a ter curiosidade por aquilo que não sabe. Graças ao excesso de rigor do realizador, a anotadora, ainda hoje, anda sempre com uma fita métrica na carteira. A história remonta, há alguns anos, quando Manoel de Oliveira, no decorrer de um filme, queria transpor para o estúdio a casa da história que ia contar e queria medir as janelas.

# O Protagonista

com ambientes atuais. Impressionou-se, na apresentação do filme, em Bruxelas, em 2009, ao ver a sala repleta de um público internacional admirador da obra do mestre português.

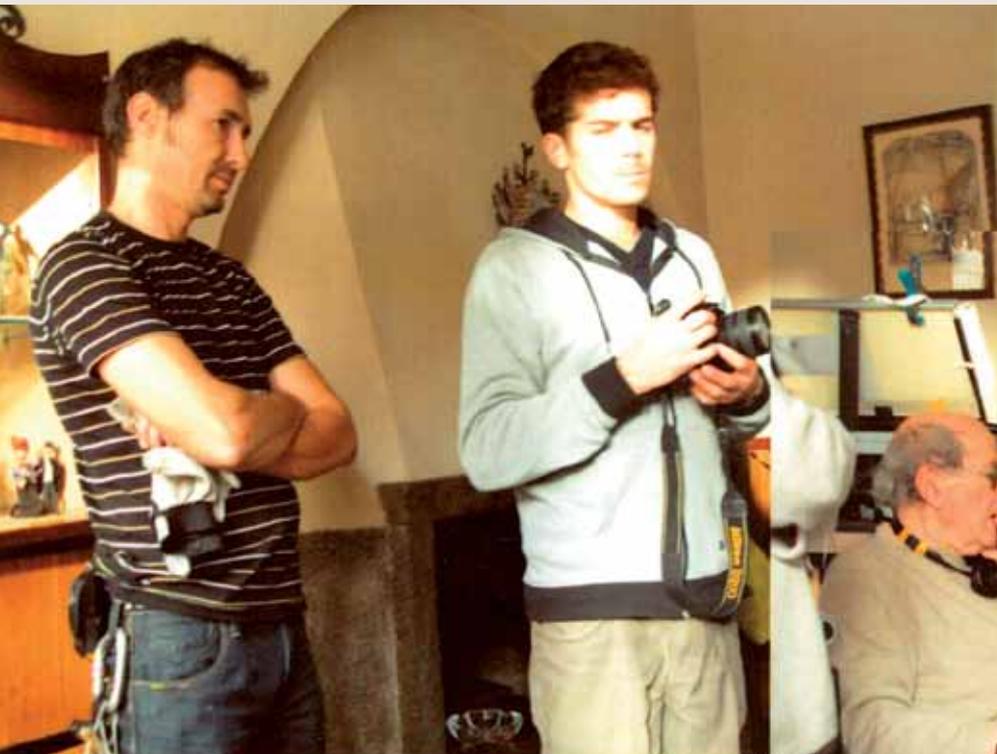
Ao longo da carreira deu expressão cinematográfica aos escritores Camilo Castelo Branco, José Régio e Agustina Bessa-Luís.

Trabalhou com produtores distintos. Oliveira começou a carreira com o produtor Paulo Branco.

Recebeu o grau de Doutor Honoris Causa pela Universidade do Algarve. Recentemente foi homenageado na Assembleia da República. Emocionou-se, agradeceu com as palavras “Viva o cinema”.

Galã, ontem e hoje, habituou-se a usar chapéu, faz parte do estilo que adotou. Tem um olho mais claro do que o outro. Não se importa nada com isso. Ainda jovem frequentou um colégio de jesuítas, interno, na Galiza. Admite ter sido sempre mau aluno. Fez um esforço para vencer a timidez porque queria ser ator. Frequentou uma escola de atores no Porto e participou em alguns filmes. Na Canção de Lisboa, em 1933, contracenou com Vasco Santana.

Na adolescência, gostava de frequentar clubes noturnos. Abandonou a vida boémia pelo desporto. Praticou pa-



ALGUMAS das personagens que fazem parte do elenco dos filmes de Manoel de Oliveira não são atores. O “Ato da primavera” (1962), é o maior exemplo disso, em que o realizador filma um Auto de Paixão, celebração tradicional da Páscoa, interpretado por populares, numa aldeia perto de Chaves. Esta é uma prática corrente do realizador que “gosta muito de misturar registos de profissionais com não profissionais”, refere Mário Torres, professor de cinema. Como por exemplo no filme “A Caixa” (1994), em que o ator Ruy de Carvalho, numa cena passada na taberna, contracena, com um guitarrista.

Para Mário Torres ao reunir, em plateau, atores, não atores, atores de várias escolas, o realizador pretende “criar uma espécie de distanciamento”, e fazer “anti naturalismo”. São raros os filmes do cineasta, para o professor de cinema, em que não existe esse choque. São estratégias de levar o público a distanciar-se do objeto “pretende romper com a regra do espectador se prender com aquilo que vê”.

## Os não atores do realizador Oliveira



### Jornalista, barão no filme Os Canibais

O JORNALISTA do “Expresso”, António Loja Neves, tinha encontro marcado com o realizador Manoel de Oliveira, num hotel em Lisboa, onde tem por hábito ficar quando vem à capital. O realizador preparava nessa altura, nos anos 80, “Os Canibais”, um filme ópera produzido por Paulo Branco, com a participação especial de Glória de Matos. O realizador viu no jornalista a pessoa ideal para interpretar o barão, uma das personagens da obra “Os Canibais”. Também aluno de cinema na Escola Supe-

tinagem artística, foi piloto de aviões e corredor de automóveis.

Manoel Cândido Pinto de Oliveira nasceu no dia 11 de Dezembro de 1908, às 10h30, na Rua 9 de Julho, n.º 42, no Porto. É do signo sagitário, mas não liga à astrologia. Os pais, Francisco José de Oliveira, e Cândida Ferreira Pinto de Oliveira, eram da alta burguesia do Porto. Tinham uma assinatura no camarote para a ópera e outra no Teatro.

Humildade, assim como conversa com um intelectual, Manoel de Oliveira entra nu-

ma taberna e conta uma anedota. Gosta de falar com os taxistas, embora, tenha consciência, que provavelmente nunca viram os seus filmes. Dotado de um sentido de humor peculiar, mesmo quando está irritado, tem sempre uma piada para dizer que deixa todos desconcertados. Tem uma faceta muito comediante.



A determinada altura o pai, um industrial bem-sucedido em malhas e tinturaria, ofereceu-lhe uma máquina de filmar. Era a vez da paixão pelo cinema o roubar ao desporto. Desde o "Douro, faina Fluvial" até ao filme "Gebo e a Sombra", de 2012, Oliveira realizou mais de cinquenta filmes, traduzidos em vários línguas, e foi ator em dez.



© Henri Maikoff

O realizador, no ano em que completou um século de vida, ao centro, com a anotadora Júlia Buisel, e com os netos: Jorge Trêpa com a máquina fotográfica (esq.ª) e à câmara Francisco Oliveira (dt.ª)

Rodagem do filme "Singularidades de uma rapariga louca" (2009)

## servem para distanciar o espectador do objeto

rior de Teatro e Cinema, António Neves tirou uma licença sem vencimento do jornal. Durante alguns meses preparou-se para o do filme. Aprendeu a dançar valsa para uma das cenas do filme, o baile filmado no Palácio da Ajuda. E teve aulas de canto, apesar de fazer playback. Para o jornalista foi uma honra dobrar a voz de Luís Madureira

### Professor da Música entra num filme

LUÍS MADUREIRA, para além de dar voz ao Barão, também desempenhou o papel de capelão, no filme. O atual professor da



Escola Superior de Música de Lisboa, reconhece que foi uma experiência inesquecível com muito divertimento à mistura. Baseado no conto macabro de Álvaro do Carvalho, Manoel de Oliveira idealizou um "filme-ópera", com partitura de João Paes, em que resultado é uma festa. Madureira recorda-se da exigência e rigor do realizador, mas também não esquece a cumplicidade que este tinha com os atores. "Os Canibais" é o filme que marca a estreia de Leonor Silveira, com apenas 17 anos, no cinema. A partir daqui a atriz assumiu diferentes facetas na obra do realizador Manoel Oliveira.

# O Protagonista

O desporto não ficou esquecido. Ganhou o hábito de fazer ginástica matinal. Mesmo em trabalho, na rodagem dos filmes, usa o quarto de hotel como ginásio. Gosta de mostrar a boa preparação física que tem. No plateau surpreende, e por vezes até assusta, a equipa quando decide subir andaimes ou fazer flexões.

Guloso, em criança gostava dos folhados com recheio de ovos, que chamavam “cócós”, da Confeitaria Oliveira.

Religioso, Manoel Cândido Pinto de Oliveira, casou pela igreja católica, com Maria Izabel Brandão de Menezes de Al-

meida Carvalhais. A cerimónia realizou-se em Dezembro, o realizador estava a poucos dias de completar 33 anos. Apesar das diferenças de feitios, partilham a paixão pelo cinema. Apoiado pela mulher, a dona Isabel – como costumam tratá-la – abdicou da pintura, para o acompanhar na rodagem dos filmes. Companheira inseparável, na vida e no trabalho, Maria Isabel Oliveira não se preocupa apenas com o realizador. É uma mãe para todos, uma mulher extraordinária, dizem os que convivem com ela. Tem por hábito distribuir chocolates pela equipa quando

estão a filmar. Nas projeções dos filmes tem sempre um comentário a fazer. As sugestões são bem aceites pelo realizador. Noutros tempos chegou a ter responsabilidades técnicas e participações em alguns filmes do marido.

Homem, com dificuldade em demonstrar afetos, Manoel de Oliveira desabafa, em jeito de confidência, aos que lhe são próximos, a mulher é a pessoa que mais ama no mundo. Isabel Oliveira, no desempenho do filme “Cristóvão Colombo- O Enigma” (2008) em que contracena com o marido, pergunta-lhe “Manoel tu amas-me?”. E ri. A frase não fazia

## "E se o Adão espevita?"



AINDA HOJE Júlia Buisel, anotadora e amiga de longa data de Manoel de Oliveira, não consegue deixar de rir, quando se recorda do momento em que nas filmagens da “A Divina Comédia” (1991), Adão e Eva, apareciam nus, como diz a bíblia, e, debaixo de chuva, provocada propositadamente pelos bombeiros, o realizador perguntou: “E se o Adão espevita?”. Foi das frases mais engraçadas que Júlia Buisel alguma vez ouviu e que, para ela, demonstra a inocência de criança que o realizador ainda hoje mantém. O filme é uma reflexão de Oliveira sobre a humanidade. O papel de Adão foi interpretado por Carlos Gomes e Eva por Leonor Silveira.

## Ricardo Trêpa tem espírito

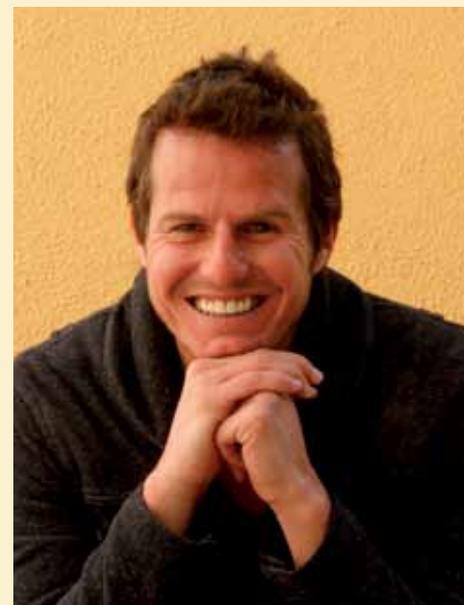
O JOVEM que, nos anos 90, tocava o gongo no programa televisivo da “Amiga Olga”, é o único, dos seis netos de Manoel de Oliveira, que seguiu as pegadas do cineasta. “Deixei-me levar pelo meu avô”, diz, Ricardo Trêpa, em tom de brincadeira, referindo-se à influência que o realizador teve na escolha em querer ser ator.

Apesar da diferença de idade que os separa, Ricardo Trêpa, aos 41 anos, consegue ver no avô, com 104 anos, muitas semelhanças. Ricardo gosta de se transpor para a época em que o avô nasceu e imaginar como seria a sua vida.

A determinada altura Ricardo Trêpa teve o privilégio de acompanhar o realizador Manoel de Oliveira nas múltiplas viagens em trabalho, principalmente, nas ocasiões públicas. Foi uma oportunidade única, em que vivenciou episódios que não esquece. Percebeu, nesses momentos que passaram juntos, que tinham aspetos em comum, mas também algumas diferenças.

Partilham o gosto pelo desporto e pela vida. Já no campo das novas tecnologias são diferentes. Ricardo não tem computador, nem é adepto das redes sociais. Já o avô desde que aprendeu a mexer no computador, aos oitenta anos, é capaz de passar horas em frente ao monitor.

Avó e neto assumem um espírito rebelde e, por vezes, têm dúvidas metafísicas. Quando completou 40 anos, Ricardo Trêpa, fez uma viagem espiritual ao Oriente, sentiu necessidade de se recolher para se reencontrar.



Ricardo Trêpa, neto de Oliveira

Brincalhão, o ator tem, em algumas situações, uma faceta de criança que Oliveira ainda hoje mantém, dizem os que o conhecem. Também a avó, Maria Isabel Oliveira, mulher do realizador, vê no Ricardo Trêpa parecenças físicas com o

*Partilham o gosto pelo desporto e pela vida. Já no campo das novas tecnologias são diferentes.*

realizador, quando era novo, e também, algumas semelhanças, em determinados aspetos de feitio.

O ator começou na televisão, com participações em telenovelas, mas é no cine-

parte do guião. Conheceram-se num baile. Isabel Oliveira tinha 19 anos. O realizador convidou-a para dançar, ela respondeu-lhe que tinha de ficar na lista. A pouco tempo de comemorar as bodas de diamante, o casal Oliveira é uma história de amor, com um final feliz, ao contrário de tantas outras que retrata nos seus filmes.

Evita falar da morte, para que ela não se lembre dele. Mas, aos 74 anos, decidiu escrever o próprio testamento em filme. “A Visita ou Memórias e Confissões” foi o nome dado à obra, confessional e testamentária. Nessa altura a carreira do cineasta estava

em alta. O sucesso de “Francisca”, baseado no romance “Fanny Owen” de Agustina Bessa-Luís, levou-o, pela primeira vez, ao Festival de Cannes.

O filme “A Visita ou Memórias e Confissões” foi realizado com secretismo. A pedido do cineasta, só vai ser exibido após a sua morte. Pouco se sabe deste trabalho. E quem sabe, prefere não falar. Foi ponto de honra, que os críticos de cinema não podiam ver o filme. Na cinemateca portuguesa, onde está guardado a sete chaves, decorreram algumas sessões privadas. A carreira de Manoel de Oliveira nem a meio chegava.

Não se emociona com facilidade, mas quando fala do escritor José Régio, fica comovido. Só espera que o amigo e cúmplice geracional, tenha recebido, à hora da morte, o sinal divino que aguardou durante a vida.

Hoje, aos 104 anos, no inverno da vida, continua a desafiar o tempo. Aguarda, ansiosamente, para conseguir filmar os múltiplos projetos que, ainda, tem em mente. Até lá recupera dos problemas de saúde, fruto da idade, que teve recentemente. Vive no Porto, com a mulher e a filha mais nova. A cidade, que o viu nascer, retratada, várias vezes, nos seus filmes, serve-lhe de porto de abrigo.

## rebelde e brincalhão do avô Oliveira

ma, nos filmes de Manoel de Oliveira, que tem feito carreira. Na obra autobiográfica “Porto da minha infância” (2001), que o realizador dedica aos filhos, Ricardo assumiu a personagem do próprio Oliveira.

O rei D. Sebastião, foi a personagem que interpretou no filme “O Quinto Império-Ontem como hoje” (2004), e que mais gozo lhe deu fazer pela importância desta figura na história de Portugal.

*Reconhece que o avô tem uma natureza muito especial, é muito dedicado ao mundo dele, mas quando é preciso está lá.*

O avô ajudou-o a perceber as qualidades que tem como artista e principalmente como ser humano, que Ricardo considera, ainda, mais importante.

“Foi através do cinema que me aproximei dele”, diz Ricardo. Reconhece que o avô tem uma natureza muito especial, é muito dedicado ao mundo dele, mas quando é preciso está lá.

Manoel de Oliveira faz questão de passar o Natal com a família no Porto, a cidade onde nasceu e vive. Nos últimos anos reúnem-se em casa de Adelaide Trêpa, uma das filhas de Oliveira, a mãe de Ricardo. Já são muitos à mesa na noite de Natal, diz Ricardo que se considera um rapaz de sorte porque desde pequeno que, com exceção do avô paterno, a família mantém-se igual. Adelaide Trêpa, dedica-se ao negócio de lojas de roupa no Porto. Em alguns filmes do cineasta foi responsável pelo guarda-roupa.



Ricardo no "Porto da minha infância" (2001) Col. Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema



## Ciência pela ciência ou ciência pela pessoa?

# Novas Terapias para o cancro da mama

Hoje de facto é importante que a ciência esteja ao serviço das pessoas e para isso precisamos de um movimento recíproco de sinergia entre cientistas e sociedade. O cancro da mama é o exemplo de uma doença onde a tecnologia permite já alcançar muito e perspetivar um futuro melhor. No entanto, sabe-se que muitos são os fatores (de risco e protetores) que dependem do estilo de vida de cada um. Parte dos cancros da mama seriam evitáveis apenas alterando hábitos de vida.

*Textos de Mário Maia Matos, Cláudia Reis, Liliana Aranha e Vera Moura\**



Laço Humano com a participação de mais de trezentos estudantes e a colaboração da associação Laço

A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA crescem hoje à velocidade da luz, a um ritmo que por vezes é difícil acompanhar. Onde a física revela a existência do bóson de Higgs e a nanotecnologia nos permite guardar uma infinidade de informação num

dispositivo do tamanho da cabeça de um alfinete. É fascinante! A sociedade é convidada a acompanhar esta evolução, esta exponencialidade do crescimento científico e tecnológico, e descobrir a sua aplicabilidade. É um desafio constante com

que nos deparamos. Mas estimula também cada investigador a tornar este conhecimento mais próximo da sociedade, de o construir com maior operacionalidade, poderíamos dizer, de o tornar real e concreto para cada indivíduo.

O cancro da mama é, de longe, o cancro mais comum nas mulheres em todo o mundo, tanto nos países desenvolvidos como em desenvolvimento, tendo anualmente cerca de 1,38 milhões de novos casos e provocando 458 mil mortes. Em Portugal a incidência estimada é de cerca de 79 novos casos e a mortalidade de 19 mortes por cada cem mil mulheres ao ano (IARC Globocan, 2008). É uma doença complexa cuja prevenção passa pela sua deteção precoce para melhor se poder agir, sendo que a eficácia do diagnóstico precoce e as hipóteses de terapêutica adequada dependem do funcionamento de uma equipa multidisciplinar.

## Mês de Prevenção do Cancro da Mama

Foi deste entrecruzar entre investigação e vida real que a Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa, organizou em outubro passado, o mês da Prevenção do Cancro da Mama, dedicado à abordagem multidisciplinar desta patologia. Assim, durante este período realizaram-se nove sessões temáticas para estudantes e profissionais das mais diversas áreas da saúde: desde a radiologia, à farmácia, da anatomia patológica à radioterapia e medicina nuclear, passando pela biologia e pela psicologia. No dia 30, Dia Nacional de Prevenção do Cancro da Mama, as portas da ESTeSL abriram-se para toda a comunidade com sessões de esclarecimento sobre o tema para a população em geral e com a construção do Laço Humano, com a participação de mais de trezentos estudantes e a colaboração da associação Laço.

Na sessão dedicada às novas terapias dirigidas para cancro da mama a Farmácia e a Anatomia Patológica mostraram um caminho que as duas áreas podem continuar a percorrer juntas. Este desafio é-nos colocado na investigação clínica direta, alguma dela feita em Portugal.

## Dirigir terapêuticas em cancro: a questão farmacológica

A terapêutica do cancro da mama é dirigida a variados alvos, desde os recetores hormonais ao HER-2, sen-



"O cancro da mama é, de longe, o cancro mais comum nas mulheres no mundo"

do ainda insuficientes para abranger o espectro de tumores diferentes, e que não respondem a estas terapêuticas. O estabelecimento de novas terapêuticas implica o cruzamento de diversas áreas do saber, sendo na fase clínica de extrema importância o cruzamento de estratégias de base bio e nanotecnológica, para a veiculação modificada de fármacos. E dos testes moleculares de anatomia patológica, de forma a aumentar a efetividade terapêutica e evitar muitos dos problemas relacionados com a quimioterapia clássica.

Nas últimas décadas, importantes avanços tecnológicos vieram possibilitar a associação de Sistemas de Libertação Controlada (SLC), a fármacos utilizados em quimioterapia, apresentando como principais vantagens a otimização da terapêutica instituída. O desenvolvimento e utilização destes sistemas avançados, direcionados para a veiculação específica e libertação controlada de fármacos, permite melhorar o índice terapêutico do fármaco, definido como a razão entre a dose eficaz média e a dose tóxica média, refletindo a sua eficácia, seletividade e segurança.

Através da associação de uma substância ativa a um sistema transportador, de que são exemplos, especialmente importantes, os sistemas coloidais lipídicos e poliméricos, como lipossomas, microsferas e nanopartículas, os fármacos são especificamente direcionados para recetores, tecidos ou órgãos alvo. Com o aumento da seletividade para as células tumorais, a associação de fármacos a sistemas de libertação controlada permite, por um lado, diminuir o impacto negativo de muitos dos efeitos secundários e toxicidade relacionados com a quimioterapia clássica do cancro da mama e, por outro lado, contribuir para a diminuição do aparecimento de resistências associadas a fenómenos de tolerância.

Para além dos benefícios na terapêutica, esta estratégia permite uma abordagem mais racional para o desenvolvimento de novos recursos terapêuticos (menos dispendioso e mais célere do que a introdução constante de novos fármacos), permitindo repantear fármacos bem-sucedidos após a sua associação a SLC, encontrando-se, também por isso, em franca expan-

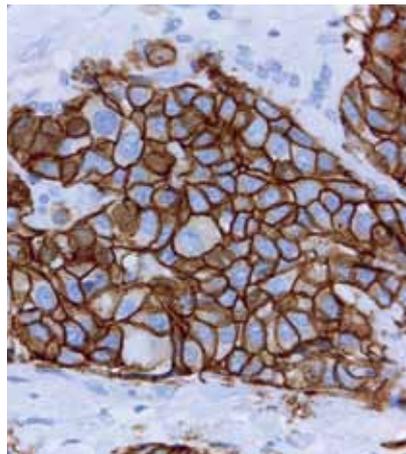
são no seio da indústria farmacêutica inovadora, com dezenas de medicamentos associados a SLCs atualmente comercializados, e mais de 70 candidatos em fase de ensaios clínicos só na área da nanotecnologia.

Os desafios para o sucesso da medicina personalizada em oncologia, compreendem abordagens de translação, que permitam uma melhor integração entre diagnóstico e terapêutica. Desde a identificação de biomarcadores ao desenvolvimento tecnológico dos fármacos, para que possam ser utilizados meios de diagnóstico precisos capazes de identificar pacientes que podem beneficiar de inovações terapêuticas em terapias direcionadas.

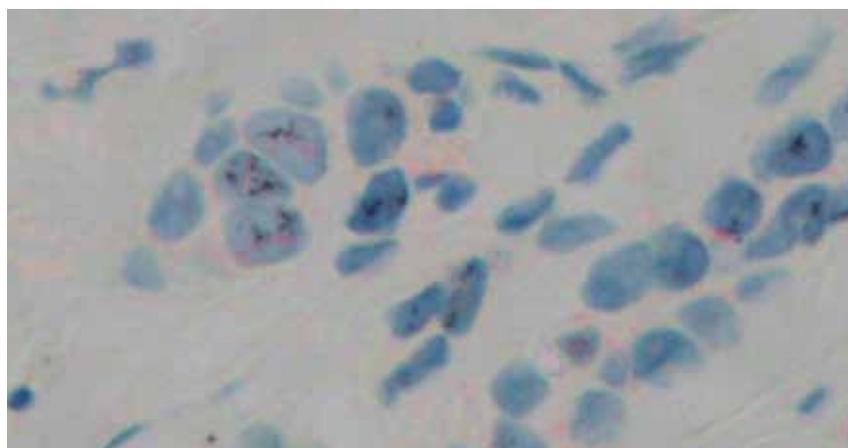
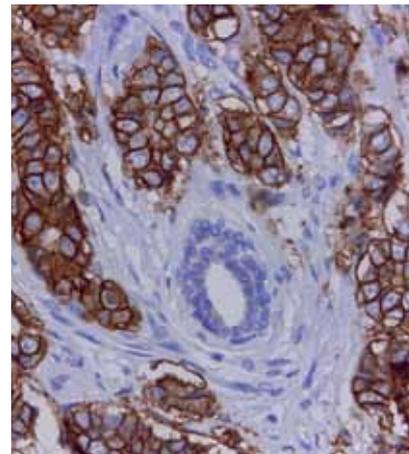
## Selecionar doentes para terapêuticas em cancro: a questão anatomopatológica

As terapêuticas dirigidas em cancro implicam um maior conhecimento da biologia tumoral subjacente, a qual muitas vezes é desconhecida, ou as metodologias disponíveis apenas nos permitem ter acesso a parte dessa informação. A grande vantagem desta estratégia terapêutica é poder ter um tratamento específico para aquele doente, tendo em conta todas as suas características físicas, morfológicas, genéticas e psicológicas, pelo que se deduz que poderão ser mais eficazes, não apenas pela plausibilidade biológica mas também pela adesão e tolerância do paciente. Esta metodologia designa-se de Personalized Health Care in Oncology e é desenvolvida com grande ênfase pelas grandes companhias farmacêuticas.

Para esta metodologia poder ser utilizada deverá existir tecnologia adequada à avaliação destas características dos doentes que os selecionam para a terapêutica, sabendo antecipadamente, que uma percentagem dos mesmos poderá beneficiar do seu efeito. Um exemplo clássico desta metodologia é a terapêutica com trastuzumab (Herceptin® Roche), um anticorpo monoclonal humanizado anti-HER2. Esta proteína HER-2 está sobre expressa em cerca de 20-30% dos tumores da mama, tendo estes tumores um mau prognóstico e com taxas de sobrevida



Carcinoma ductal invasivo da mama onde se evidencia a castanho por imunocitoquímica a proteína HER2 que se encontra sobre expressa



Carcinoma ductal invasivo da mama onde se evidencia por hibridação in situ a vermelho o cromossoma 17 e a preto o gene HER2

inferiores a 50% ao fim de 36 meses, comparativamente com os quase 80% de sobrevida das doentes sem sobre expressão. O trastuzumab veio alterar a história desta doença, pois estas mulheres passaram a ter um aumento da sobrevida, em relação às mulheres sem sobre expressão da proteína, superior a 10% ao fim de cinco anos. A metodologia que permite selecionar os doentes para esta terapêutica é, por excelência e validação, a imunocitoquímica com teste reflexo de hibridação in situ, onde se vai identificar se o tumor tem ou não a sobre expressão da proteína.

Para se chegar a este ponto, onde um teste anatomopatológico determina prognóstico e encaminhamento terapêutico, estes necessitam de ser validados clinicamente em estudos de pré-desenvolvimento, estudos pré-clínicos e ensaios clínicos até poderem ser trazidos à prática clínica com segurança. Este é um desafio para todos os

que trabalham no campo, pois estão a surgir novas metodologias e estratégias de tratamento dependentes deste tipo de seleção, algumas delas em Portugal.

## PEGASEMP® Estratégia terapêutica para cancro da mama desenvolvida em Portugal

A TREAT U é uma spin-off da Universidade de Coimbra, fundada em janeiro de 2010, com sede em Coimbra. É uma empresa vocacionada para a inovação e articula-se com o Centro de Neurociências e Biologia Celular da Universidade de Coimbra, com o Biocant Park, e com a Bluepharma – Indústria Farmacêutica, S.A.. Tem como missão desenvolver estratégias mais seguras e eficazes para o tratamento do doente oncológico, com o objetivo de melhorar a saúde e a sua qualidade de vida. Os seus projetos são desenvolvidos

na área da Biotecnologia, estando voltada para o setor da Medicina Personalizada em Oncologia. A terapêutica convencional para o tratamento do cancro constitui um problema à escala mundial. A quimioterapia tradicional, caracterizada por um elevado volume de distribuição, apresenta uma fraca seletividade para as células do tumor e consequentemente uma extensa acumulação em tecidos saudáveis, causando-lhes danos. Por esta razão, muitos doentes são alvo de reajuste posológico, quer em redução da dose administrada, quer no espaçamento dos intervalos de administração, o que poderá levar à falha do tratamento e até mesmo ao desenvolvimento de resistência e à metastização.

Com foco nestas limitações, desenvolvem-se plataformas com base nanotecnológica para o transporte de fármacos (quer pequenas moléculas, quer siRNA), para que estes sejam libertados apenas no local pretendido, através de ligações muito específicas ligando-recetor. Assim, torna-se possível aumentar a eficácia das terapêuticas convencionais, devido à possibilidade de aumentar a concentração do agente terapêutico no tumor, ao mesmo tempo que se consegue reduzir os efeitos secundários, devido à diminuição da extensão de acumulação em órgãos sem lesão.

O primeiro projeto de investigação e desenvolvimento tecnológico da empresa teve início em 2006, com o desenvolvimento da plataforma PEGASEMP™. Esta nanopartícula de base lipídica funciona como uma plataforma que permite encapsular um fármaco e transportá-lo ao longo da corrente sanguínea até ao seu alvo específico (o tumor). Chegando ao seu local de ação, a nanopartícula liga-se especificamente a duas populações distintas de células alvo, é internalizada por estas e liberta o seu conteúdo no espaço intracelular. Isto permite uma elevada concentração de fármaco apenas no tumor, não causando dano às células sãs dos outros órgãos. Desta forma, a falta de seletividade da quimioterapia convencional e os efeitos secundários indesejáveis daí decorrentes (como alopecia, náuseas, vômitos, entre outros), são evitados. A tecnologia PEGASEMP™ foi patenteada



da nos EUA em julho de 2012, e os direitos de exploração licenciados à TREAT U pela Universidade de Coimbra. O projeto de introdução da plataforma em ensaios clínicos está a ser financiado pela Bluepharma – Indústria Farmacêutica S.A. e pelos fundos do QREN/FEDER, com um incentivo financeiro de cerca de meio milhão de euros.

A TREAT U pretende abordar primeiramente o mercado das terapias direcionadas em cancro da mama, mas o seu pipeline conta com o desenvolvimento de novas abordagens em tumores de diferentes origens histológicas, como o cancro do pulmão, e de novas plataformas para o tratamento específico de tumores hematológicos.

A plataforma PEGASEMP é, portanto, uma tecnologia apelativa para a Indústria Farmacêutica, dada a sua versatilidade na incorporação de fármacos ou combinações de fármacos de origens distintas. Os medicamentos já existentes no mercado, com patentes expiradas ou a expirar, podem assim ganhar um novo valor pela aquisição de diferentes propriedades no tratamento do cancro, tais como especificidade de ação, segurança e eficácia, quer para as indicações aprovadas, quer para novas indicações terapêuticas.

O plano estratégico é de demonstrar a eficácia e segurança do seu pipeline em humanos, em ensaios clínicos de fase I e II, licenciando depois os direitos de comercialização a companhias farmacêuticas, em regime de “out-licensing”. Com base em estudos preliminares recentes, as plataformas

poderão ser aplicadas em mais do que um tipo de cancro, tais como, cancro da mama, próstata, cólon, pulmão e melanoma, e também noutras doenças com uma taxa de proliferação celular elevada e dependência angiogénica.

A TREAT U perspetiva, que em 2015 se iniciem os primeiros ensaios em humanos com a tecnologia PEGASEMP. O êxito da demonstração de segurança e eficácia em ensaios clínicos conduzirá ao licenciamento da tecnologia, com a introdução no mercado perspetivada em 7 anos (máximo).

## Ciência pela ciência ou ciência pela pessoa?

Mas porque quisemos nós falar de cancro da mama? A primeira razão é global: é o tumor com maior incidência nas mulheres portuguesas e a segunda maior causa de morte por cancro na mulher, sendo por isso uma questão de saúde pública contribuir para controlar estes números. A segunda é individual: o cancro da mama agride um órgão cheio de simbolismo para a mulher, tanto na maternidade como na feminilidade, e é por isso muito lesivo não apenas para as mulheres, mas também para as suas famílias. Tornemo-nos hoje portadores desta mensagem, que é antes de mais uma mensagem de esperança.

\* Docentes da Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa: Mário Maia Matos (área científica de Anatomia Patológica); Cláudia Reis (área científica de Radiologia) e Liliana Aranha (área Científica de Farmácia)

Vera Moura, TREAT U Chief Executive Officer

## ISEL e ALCATEL apostam na Laboratório de última

A Alcatel-Lucent Portugal juntou-se ao Instituto Superior de Engenharia de Lisboa para implementar um laboratório completo de IP/MPLS da última geração em Portugal. Constituindo um dos mais avançados da Europa, tem capacidade para a formação de cerca de 150 alunos, por ano, na área de telecomunicações, contribuindo com competências únicas para a empregabilidade e competitividade destes jovens, numa áreas de maior crescimento.

*Textos de Paulo Silveiro*



UMA PARCERIA, existente há dez anos, possibilitou a implementação no Instituto Superior de Engenharia de Lisboa por parte da Alcatel-Lucent de um laboratório, único em Portugal, com as novas tecnologias de Multiprotocol Label Switching (MPLS), usadas atualmente pelas empresas da área das telecomunicações.

A colaboração entre o ISEL e a multinacional francesa tem sido pontual, passando pelo apoio aos projetos finais de curso, realização de visitas de estudo e

cedência de documentação. A ideia de alargar esta parceria resultou da troca de impressões entre docentes e profissionais da Alcatel, muitos deles diplomados pelo Instituto de Engenharia ou a frequentarem uma pós-graduação, que sentiram a necessidade de adequar a oferta formativa do ISEL, às necessidades do mercado de trabalho. Essa atualização implicava um avultado investimento em equipamentos que o Instituto de Engenharia não conseguia suportar individualmente.

Nuno Cota, vice-presidente da área departamental de engenharia de eletrónica e telecomunicações e de computadores do ISEL (ADEETC) foi um dos mentores do projeto. A ideia passava por convencer, os responsáveis da Alcatel-Lucent, dos benefícios para ambas as instituições, na implementação de um laboratório com tecnologia de MPLS.

Para o Instituto Superior de Engenharia a vantagem seria o aumento da competitividade e a captação de novos alunos através da oferta de formação em tecnologias utilizadas no mercado profissional. Para Nuno Cota, a falta de profissionais para configurar redes de MPLS é uma realidade que deriva, das instituições de ensino superior, não apostarem naquela área. O investimento da Alcatel-Lucent seria recuperado quando, os diplomados qualificados para a utilização do novo protocolo, saíssem para o mercado capazes de operar a tecnologia comercializada pela empresa.

O desafio foi bem acolhido pela Alcatel-Lucent, tendo sido feita uma primeira proposta há quatro anos, para o ISEL ser a primeira instituição de ensino superior a conceder uma certificação em IP/MPLS. Apesar de vantajosa, a proposta implicava um avultado investimento da parte do Instituto de Engenharia. A ideia foi amadurecendo até ao ano passado quando, uma alteração na gestão interna da Alcatel passou o processo para as mãos de um quadro da empresa, Miguel Simões, que foi aluno do ISEL.

O projeto deixou de ser considerado um investimento operacional, passando a ser um instrumento de marketing na projeção da marca Alcatel em Portugal. Outro fator que ajudou a desbloquear a situação, foi a visita do CEO da Alcatel, Ben Verwaayen ao nosso país. Através de vários contatos foi possível marcar uma reunião para lhe apresentar o projeto. Uma "troika" constituída pelo presidente do ISEL e da ADEETC, acompanhados por Nuno Cota, explicaram ao dirigente máximo da Alcatel a ideia. O resultado excedeu todas as expectativas. O CEO da empresa não só gostou do projeto, como quis fazer dele um modelo para aplicar a toda a Europa.

# inovação e qualificação profissional geração em Portugal

Ficou assim estabelecido que, o ISEL passaria a dispor de um centro de competências em IP/MPLS, sem contrapartidas para o Instituto de Engenharia, para além do compromisso de formar cerca de 150 alunos por ano. O êxito da parceria seria utilizado como um caso de sucesso pela empresa.

A partir desta data o projeto avançou sem demora. O investimento rapidamente passou de uma configuração minimalista para valores avultados em equipamentos. Foram realizadas as obras necessárias, nas instalações do ISEL onde iria ficar instalado o laboratório, tendo a Alcatel já realizado ações de formação para doze docentes, da ADEETC, na utilização do equipamento.

Nuno Cota, não esquece o empenhamento da direção do ISEL no desenvolvimento de todo o processo, nomeadamente na rapidez com que foram realizadas as obras necessárias para a instalação do laboratório. Essas alterações não foram fáceis, devido às condições que o equipamento exige para operar, fatores como a temperatura, insono-

rização e energia, tiveram de ser adaptados ao funcionamento do laboratório.

Em janeiro de 2013 o “High Leverage Network Laboratory” foi inaugurado oficialmente. Durante o mês de fevereiro foi realizada a 2.ª fase de formação para docentes, já nas instalações do laboratório, e em março arrancaram as aulas para os alunos dos cursos de licenciaturas e mestrados ancorados na área departamental. O espaço pode ser utilizado por vinte e oito alunos simultaneamente.

Para além da formação ministrada aos alunos do ISEL o laboratório vai funcionar como um centro de formação profissional, contribuindo para as receitas próprias do Instituto de Engenharia. O mercado das telecomunicações mudou muito na última década, existe uma convergência para que as múltiplas redes passem a uma comum que transporte todo o tráfego.

Os quadros das empresas, que trabalham nesta área, geralmente têm formação anterior à criação da tecnologia MPLS. O laboratório permite uma forma-

ção efetiva aos elementos de qualquer empresa, na reciclagem e na formação de profissionais que não possuam conhecimentos na área do MPLS.

Outra vertente a ser desenvolvida é o das pós-graduações, através da realização de cursos de curta duração, com conteúdos que integrem os novos conceitos na área das telecomunicações. Esta formação será dirigida aos profissionais, que sintam necessidade de fazer uma pós-graduação numa área específica.

Todas estas potencialidades do laboratório exigem um grande esforço, por parte dos docentes da ADEETC, no sentido de adquirirem, rapidamente, competências técnicas nestas áreas para corresponderem às várias solicitações de formação.

Com o laboratório a funcionar a 100%, o Instituto Superior de Engenharia de Lisboa passa a estar dotado com os meios necessários para participar em projetos industriais, nacionais e internacionais, de carácter inovador na área das telecomunicações.

## Conciliar a teoria com a prática

ANA CATARINA, aluna do mestrado de engenharia em telecomunicações, refere que o novo laboratório vai permitir conciliar a teoria com a prática. O facto de o ISEL ser a única instituição de ensino superior, a nível europeu, a ministrar formação nesta tecnologia emergente, constitui uma vantagem para os seus alunos. A aquisição de competências nesta área será um trunfo para os diplomados quando se apresentarem aos empregadores. Ana Catarina acredita que o número de candidatos aos cursos do ISEL vai ter um grande incremento.

Para Pedro Ribeiro, docente da área departamental de engenharia de eletrónica e telecomunicações e de computadores do ISEL, este laboratório vai permitir o ensino do Multiprotocol Label Switching numa aplicação prática. Antes o aluno só adquiria conhecimentos teóricos, o que trazia problemas ao ingressar no mercado de trabalho. Os docentes têm oportunidade para realizar investigação nesta nova tecnologia.



## Multiprotocol Label Switching (MPLS)

EXPLICAR o Multiprotocol Label Switching é imaginar as fibras óticas como autoestradas de informação, onde circulam camiões TIR carregados de informações. A tecnologia MPLS permite criar um formato de camião, suficientemente genérico, que transporte informação e que garanta a qualidade do serviço. Atualmente, quando usamos os nossos telefones fixos ou móveis utilizamos as redes IP, que por convergência, são utilizadas por todos os operadores de telecomunicações. O grande problema desta tecnologia é a falta de qualidade do serviço, o que origina vários problemas, como a perda de dados e a interrupção das comunicações. O MPLS é um princípio unificado de transporte de dados, que vem colmatar essa lacuna introduzindo a fiabilidade do serviço.

## Projeto D: inserção de diplomados no mercado

### Casa cheia no CCB

O projeto D é uma iniciativa da Escola Superior de Dança que disponibiliza recursos para o desenvolvimento das capacidades pessoais e profissionais dos seus licenciados. O objetivo é apoiar os recém-diplomados no desenvolvimento das carreiras profissionais. O trabalho "someone else ago", de Bruno Duarte, apresentado no Centro Cultural de Belém é exemplo do êxito do projeto D.

*Texto de Jorge Silva*



O PROJETO D surgiu no ano de 2005 tendo como objetivo apoiar os alunos recém – licenciados, na inserção profissional, no ano seguinte à conclusão do curso. A iniciativa rapidamente foi aproveitada pelos diplomados da Escola Superior de Dança para o desenvolvimento de projetos individuais. No primeiro ano de funcionamento, um conjunto de alunas criou um ano zero. A ideia era ministrar aulas aos candidatos à Escola Superior de Dança, preparando-os para as provas de acesso. Os apoios situam-se ao nível da formação contínua, através da possibilidade de frequência de aulas de técnica e participação em workshops, contribuindo para os diplomados manterem a sua capacidade performativa, e na produção de espetáculos, abrangendo a cedência de figurinos e de espaços para ensaios e investigação.

Outra mais-valia deste projeto passa pela divulgação das ofertas de emprego junto dos diplomados da ESD, ou por integrá-los em programas que a escola esteja a desenvolver, como é o caso da parceria com a “Liga”. Esta fundação, que tem como objetivo apoiar pessoas deficientes, mantém uma ligação com a Escola de Dança desde o ano 2000, através da Plural/núcleo de dança contemporânea. Esta companhia, que integra diplomados da ESD, pretende proporcionar a pessoas com deficiências a possibilidade de participarem na expressão e criação artística no domínio da dança contemporânea. Esta colaboração tem permitindo aos diplomados da Escola encontrarem, logo

© Francisco Pedro



Bruno Duarte, licenciado pela Escola Superior de Dança, apresentou no Centro Cultural de Belém, o projeto "someone else go"

após a conclusão dos seus cursos, um local de trabalho.

Apesar das limitações de espaço, a ESD tem tentado corresponder às várias solicitações que lhe têm chegado. No ano letivo 2011/12 apoiou cinco produções que envolveram quinze alunos, o que representa um aumento da média registrada nos últimos anos de dois projetos. No presente ano letivo, por contingências orçamentais, houve a necessidade de incluir um pagamento simbólico aos serviços prestados. O valor é apenas 20% das taxas aplicadas à frequência de unidades curriculares isoladas.

O apoio da Escola da Superior de Dança não se restringe apenas aos diplomados. É frequente, no ensino artístico, os alunos acumularem o estudo com a profissão, nesse caso, podem integrar os projetos que se encontrem a desenvolver fora da escola na unidade curricular de projeto, contando com o apoio dos docentes da ESD, na melhoria da sua atividade profissional.

Tem sido preocupação, por parte da direção da ESD, criar as ferramentas que permitam aos alunos uma rápida e efetiva integração profissional. O projeto D é apenas parte, de um conjunto de iniciativas, que projeta o

papel da ESD para além da simples formação. A Escola Superior de Dança deve ser entendida como um espaço de divulgação artística, onde "ser estudante constitui uma valiosa experiência de formação pessoal e social".

### Experiência de Bruno Duarte no projeto D no CCB

"someone else ago", conseguiu casa cheia, nos dois dias, em que esteve em cena na BOXNOVA do Centro Cultural de Belém. Inspirado na obra cinematográfica de Xavier Dolan – os filmes "J'ai Tué Ma Mère" e "Les Amours Imaginaires", o trabalho dissecou a ideia de cálculo pessoal e construção de personalidade que, hoje, caracteriza os jovens que se assumem culturalmente evoluídos, socialmente superiores e intelectualmente ecléticos.

O espetáculo resulta do trabalho desenvolvido por Bruno Duarte, no âmbito da unidade curricular de projeto, criação coreográfica. No final a peça foi trabalhada para apresentação no CCB. O jovem artista não esquece o contributo dos docentes da ESD para a concretização, "todos eles foram importantes na minha formação" refere. O apoio do projeto

D foi essencial para o êxito do espetáculo. Os ensaios foram realizados nos estúdios da Escola e alguns dos intérpretes são seus alunos.

O percurso de Bruno Duarte é curioso. Começou por praticar hip-hop, atividade que manteve em várias escolas de dança. Mais tarde foi convidado para integrar um espetáculo de dança contemporânea. Integrou uma pequena companhia onde realizou várias atuações. Quando decidiu aprofundar os conhecimentos escolheu a ESD.

Para Bruno Duarte, o curso é exigente, mas prepara bem os alunos para o mercado de trabalho. A escola proporcionou-lhe uma experiência na Holanda, no âmbito do programa Erasmus, onde frequentou o ARTEZ Institute of the Arts. Quando voltou, a sua perspetiva sobre a dança tinha mudado. O ensino holandês incentiva a individualidade artística, preparando o aluno para o desenvolvimento de projetos pessoais. Já em Portugal, existe o conceito de grupo, onde as individualidades estão ao serviço do movimento coletivo. Bruno Duarte considera que, as duas conceções de ensino acabaram por contribuir para o sucesso profissional. Aos 21 anos Bruno Duarte, aproveita as oportunidades que lhe têm surgido.

## Funcionária e aluna do Ins

# Dramaturgia: um sonho



**Sempre senti o apelo do teatro, mas a vida profissional manteve-a afastada dos palcos.**

**Rute Fialho decidiu estudar dramaturgia na Escola Superior de Teatro e Cinema, onde exerce funções de secretariado. Foi o concretizar de um sonho teve direito à apresentação de uma peça no Teatro D. Maria II.**

*Textos de Paulo Silveiro*

*Fotos de Vanessa de S. Glória*

O TEATRO esteve sempre presente nos seus objetivos, mesmo quando frequentava na faculdade de letras o curso de línguas e literaturas modernas, a ideia acabou por concretizar-se quando a informaram que, devido à reestruturação do curso, no final do 2.º ano tinha de regressar ao 1.º para fazer algumas unidades curriculares. Foi aí que decidiu avançar para o curso de teatro, ramo dramaturgia, aproveitando o facto de, na altura, já trabalhar na Escola Superior de Teatro e Cinema. A partir dessa data passou a ser aluna e funcionária da escola, situação que nos primeiros foi complicada por não se conseguir distanciar do seu “papel” de funcionária perante os professores. Com

o decorrer do curso, foi perdendo esse preconceito “a ajuda dos colegas e professores ajudou-me a ultrapassar essa inibição” refere Rute Fialho. Ser trabalhadora/estudante no mesmo local acabou por a ajudar a gerir melhor o tempo, poupando tempo nas deslocções. “Aqui bastava descer umas escadas para ir para as aulas” afirma.

O curso acabou por superar as suas melhores expectativas, a discussão de diversas teorias e correntes permitiu-lhe aprofundar conhecimentos em várias áreas. Recorda as aulas onde o contacto com várias personagens e os conhecimentos transmitidos por professores como mestres David Antunes e a Eugénia Vasques, entre outros, contribuíram para um grande crescimento cultural e social.

Também a nível profissional o curso contribuiu para uma melhoria de desempenho. No seu dia a dia acaba por escrever muito, a aprendizagem das técnicas de escrita dramática acabou por desenvolver a sua capacidade de redação, tornando-a mais capaz para redigir textos de todos os formatos.

Para Rute Fialho, são as pessoas que fazem a escola, alunos, funcionários, e professores contribuem, através das suas ideias, para a imagem da Escola Superior de Teatro e Cinema. O ensino artístico tem características muito próprias, muitos alunos interrompem o curso, para ingressa-

rem no mercado de trabalho, retornando mais tarde à escola para o finalizarem.

No futuro, espera conciliar o teatro com o secretariado, por gostar do que faz. Talvez opte por uma pós-graduação em produção. A experiência do seu projeto de fim de curso, onde trabalhou com alunos de todos os ramos do curso de teatro da Escola, acabou por despertá-la para esta área que envolve todos os momentos do espetáculo, desde a sua preparação, escolha de atores, figurinos e cenários, até ao dia da estreia.

### O teatro frenético de Copi

Definir dramaturgia é difícil, pode-se pegar num texto e adaptá-lo criando um autónomo, ou então realizar uma peça a partir de um texto já existente. Foi isso que Rute Fialho fez no seu projeto de finalista “EDIFÍCIO AUTOR, 13.º Andar” que esteve em cena na Sala Estúdio do Teatro D. Maria II, ao adaptar um texto do controverso romancista, dramaturgo e caricaturista, Copi. Nascido na Argentina, em 1940, exilou-se em França em 1963, onde escreveu o essencial da sua obra. Homossexual e portador do vírus HIV o seu trabalho, com um humor surrealista, assenta nas relações familiares conflitantes e na noção ambígua de identidade sexual. A escolha do texto envolveu todo o grupo que participou no espetáculo, depois de algumas discussões, “La Tour de La De-

tituto Politécnico de Lisboa

## que se tornou realidade



fêense” foi o escolhido, para ser adaptado. A peça reúne um casal gay, uma burguesa em ácidos e a sua filha, um travesti, um árabe e um americano na noite de passagem de ano de 1977, num apartamento do Bairro de La Défense, em Paris. A adaptação, realizada por Rute Fialho, pretendeu que o público fosse mais além do que as personagens personificam à primeira vista, um grupo de amigos excêntricos alterados pelo álcool e pela droga. O texto foca uma Europa a atravessar uma revolta social, onde os valores instituídos são postos em causa.

A preparação para a peça incluiu o visionamento de vários filmes do Pedro Almodóvar. As películas do realizador espanhol, contextualizantes da época, serviram de inspiração aos figurinos e à criação das personagens para os atores. Uma particularidade passou pela escolha do material a utilizar nos cenários, o papelão. Segundo Rute Fialho, este material tem uma memória, o que acaba por ser simbólico, “tudo o que se lá se passa fica marcado, como uma prova de que existiu” afirma.

O trabalho final envolveu alunos de vários ramos do curso de teatro, contribuindo assim, para a compreensão do que é trabalhar em grupo para a produção de um espetáculo. Para Rute Fialho, o curso com disciplinas comuns em todos os ramos, está orientado para o projeto final. Ao longo da licenciatura os alunos vão-se habituan-

do a interagir uns com os outros, adquirindo uma perspetiva coletiva acabando por trabalhar em todas as áreas.

Durante os cinco dias em que a peça esteve em cena, o público, maioritariamente constituído, por “gente do teatro” aplaudiu a representação dos alunos da Escola Superior de Teatro e Cinema. Apesar da densidade do texto, a atuação acabou por arrancar risos na assistência, nos momentos com mais humor. O resultado final

é claramente positivo o esforço conjunto, como uma verdadeira companhia de teatro, resultou na produção de um espetáculo com o qual todos se identificaram. Rute Fialho considera esta experiência muito enriquecedora “fazer teatro não é um ato isolado” afirma. A comunhão de ideias, a partilha de conceitos e o choque de personalidades contribuiu para o fortalecimento das individualidades, de cada aluno, inseridas no âmbito de uma sociedade.



EDIFÍCIO AUTOR, 13.º Andar” esteve em cena na Sala Estúdio do Teatro Nacional D. Maria II

## Inês Figueira: técnica de per

# A paixão pela

A frustração de não entrar em medicina levou-a a repensar o futuro. Por mero acaso, num programa de televisão, Inês Figueira ficou a conhecer um profissional da equipa cirúrgica, até aí desconhecido, o perfusionista. Hoje, o bloco operatório é a sua vida e a escolha “consciente” da cardiopneumologia e da perfusão permitem-lhe olhar o doente como um todo.

*Textos de Clara Santos Silva  
Fotos de Vanessa Glória*

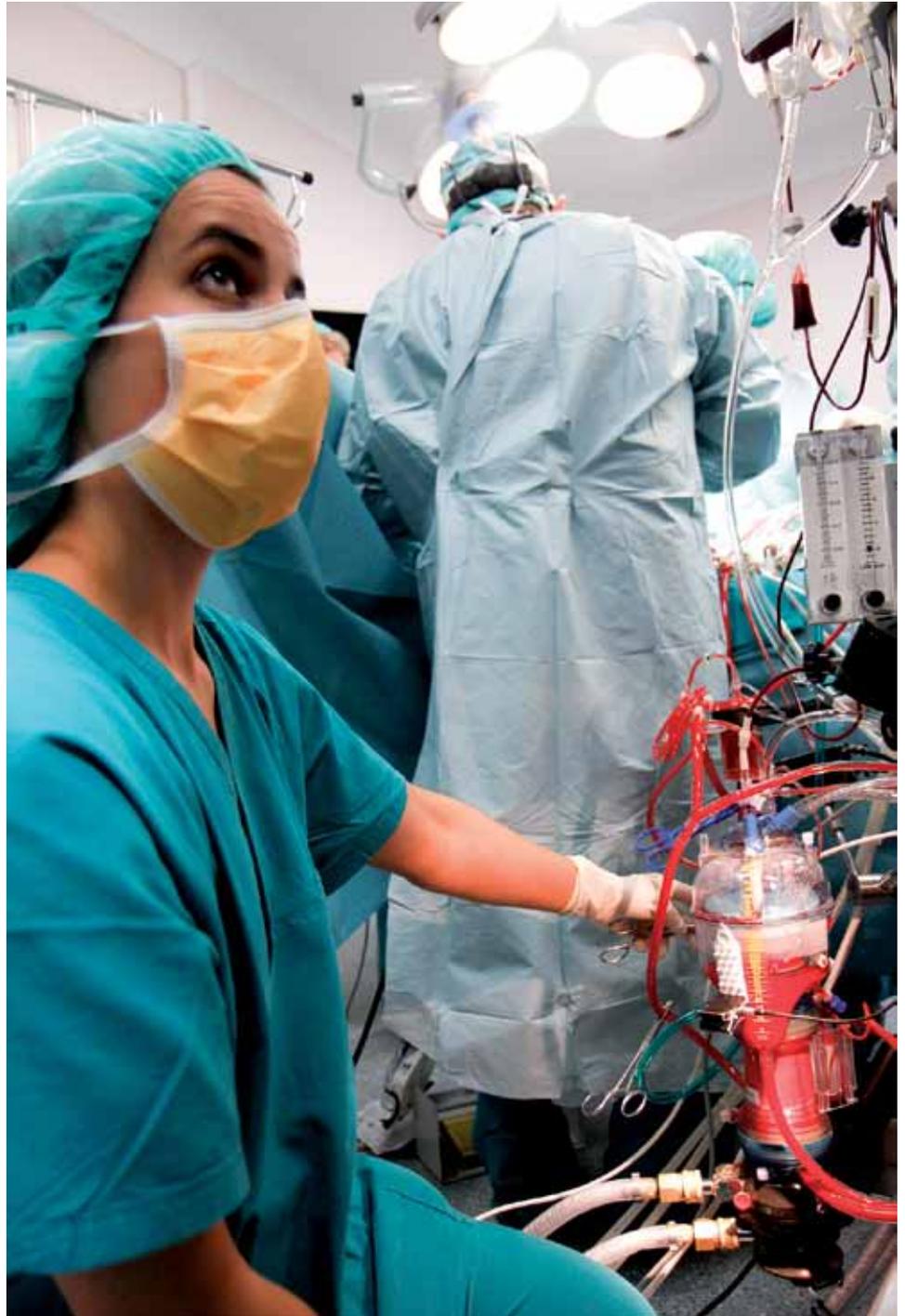
NO BLOCO de especialidade de cirurgia cardíaca, do Hospital de Santa Marta, Inês Figueira recebeu a equipa da *Politecnia*, já vestida a rigor para a cirurgia a que, com surpresa, tivemos o privilégio de assistir.

Com passo apressado pelos corredores, a perfusionista ia explicando os procedimentos da cirurgia, em fase de preparação, da bebé de seis meses, a quem foi realizada uma correção de deficiência congénita.

Licenciada em Cardiopneumologia, pela Escola Superior de Tecnologia da Saúde, Inês não esconde ter passado por momentos em que “sentiu um problema mal resolvido pela escolha da medicina”. Hoje considera-se uma técnica, uma perfusionista cardiopneumologista, muito preocupada com o estado da profissão.

Com apenas 35 perfusionistas em Portugal, a atividade ainda não é reconhecida, ao contrário dos EUA onde é uma profissão de base, com 4 anos de formação superior em Perfusão.

Mesmo assim, quando optou pela Cardiopneumologia, Inês, já tinha perspetivado seguir a área de Perfusão. “Foi sempre uma



escolha consciente”, refere, “apesar de não ter sido um caminho fácil”, pelo contacto “muito limitado”, com a especialização.

A exigência, a escolha por vocação e a motivação, aliados ao facto da Cardiopneu-

mologia ser um curso com competências diversificadas, fazem desta, uma área em que “se olha para o doente como um todo”, algo em que Inês se revê. Há, na sua opinião “quase que um fenómeno de admiração por

# perfusão no Hospital de Santa Marta

## cirurgia cardíaca



Inês Figueira analisa os níveis da colheita de sangue do paciente submetido a uma intervenção cirúrgica para proceder a ajustes se necessário

um técnico poder estar tão próximo de tantas áreas em simultâneo”.

Depois da licenciatura, a perfusão não “estava de portas abertas” para Inês. Começou por trabalhar seis meses numa clínica privada, na área das técnicas não invasivas em cardiologia. Mas, não afastou, nem a vontade, nem o percurso traçado. Visitou hospitais, nomeadamente o Hospital de Santa Cruz, onde estagiou, na esperança de poder vir a prolongar o seu estágio.

Nesta altura estabeleceu uma ligação à Associação Profissional de Cardiopneumologistas (APTEC) onde esteve diretamente associada à direção de informação da revista científica, o que lhe garantiu um contacto privilegiado com técnicos que estavam a desenvolver trabalhos na área da perfusão.

Meses mais tarde, conseguiu um estágio não remunerado de dez meses, no Hospital de Santa Marta. “Foi uma decisão de vida”, afirma. Deixou a atividade

profissional e voltou a ser uma estudante com o apoio dos pais. Hoje, integra a equipa de cinco cardiopneumologistas deste Hospital, dos quais três estão ligados à perfusão pediátrica .

Em Santa Marta trabalha em ambiente adulto e pediátrico, onde já teve episódios que a marcaram especialmente pelo facto de ser mãe de três filhos. Acompanhou de perto uma criança de 12 anos, submetida a



Sistema de Circulação Extracorporeal que permite controlar a circulação e oxigenação do sangue

um transplante. A situação, com desfecho trágico, foi um ponto de viragem na vida desta profissional. Nestes momentos de fragilidade, regressa a casa e o abraço dos filhos fazem-na esquecer tudo. "Nesta profissão é fundamental deixar os problemas à porta de casa" diz.

Para além do trabalho em ambiente hospitalar Inês Figueira tem uma atividade privada de prestação de serviços na área da Tecnologia Extracorporal.

Dar aulas é outra das atividades da perfusionista de 35 anos. Na ESTeSL, leciona Perfusão Cardiovascular, na licenciatura em Cardiopneumologia. A escola e o curso foram recentemente acreditados pelo Comité Europeu de Perfusão Cardiovascular na área de perfusão Cardiovascular até 2017.

A atuação do perfusionista "é muito exigente, muito complexa de grande responsabilidade e muito tensa". Mas, definitivamente, Inês, sente que, vai exercê-la até fim dos seus dias.



A desinfecção das mãos é importante para manter o ambiente estéril da sala de operações

## Com um pequeno coração nas mãos



O CIRURGIÃO José Fragata, diretor do Serviço de Cirurgia Cardiorácica do Hospital de Santa Marta, liderou a equipa cirúrgica que fez a correção cardíaca de um defeito congénito do coração. Tetralogia de Fallot (diminuição da capacidade de oxigenação do sangue nos pulmões), é o nome da patologia que levou uma bebé de seis meses ao bloco operatório.

Inês Figueira fez parte da equipa, como perfusionista. Trabalhou em interação com o cirurgião e o anestesista. A sua intervenção na cirurgia foi garantir a substituição das funções vitais, nomeadamente, a circulação e respiração durante o procedimento cirúrgico.

Através do sistema de Circulação Extracorporal, e a pedido do cirurgião, diminuiu a temperatura do corpo da doente, até deixar de haver batimento cardíaco. Assim, a menina passou a estar totalmente dependente da perfusionista. As análises feitas a amostras de sangue permitiram ir ajustando alguns dos níveis, nomeadamente a oxigenação. No final foi invertido o processo para que o pequeno coração voltasse a bater por si. "A bebé ficou muito bem!"

## Representantes dos alunos no conselho geral

# Momento certo para pensar o Politécnico como um todo

Eleger o primeiro provedor do estudante, rever a tabela de emolumentos e alterar o regulamento de propinas, são os principais compromissos da lista eleita para representar os alunos do Instituto Politécnico de Lisboa no conselho geral. A lista "i" apresentou-se como lista única ao escrutínio.

*Texto de Luís Castro  
(membro efetivo da lista "i")*

O CONSELHO GERAL é um dos órgãos de gestão do Instituto Politécnico de Lisboa (IPL) sendo constituído por 33 elementos: 17 professores e investigadores; 5 alunos; 1 funcionário, e 10 personalidades externas de reconhecido mérito convidadas.

Uma das funções mais importantes do conselho geral é a eleição do presidente do IPL e a supervisão das suas medidas, assim como das unidades orgânicas do Instituto. Este órgão de gestão propõe iniciativas que considere necessárias ao bom funcionamento da instituição, elege o provedor do estudante, mediante proposta da federação académica do IPL e aprova o regulamento das suas atividades, autoriza o estabelecimento de consórcios e homologa o regulamento disciplinar dos estudantes.

Sob proposta do presidente do IPL, o conselho geral aprova e fiscaliza a concretização do plano de atividades e o plano de ação para o quadriénio do mandato do presidente. Compete ao conselho a aprovação das linhas gerais de orientação da instituição nos planos científico, pedagógico, financeiro e patrimonial, pode ainda criar, transformar, cindir, fundir ou extinguir unidades orgânicas. É da responsabilidade deste órgão de gestão a homologação da proposta de orçamento e as contas anuais consolidadas. Tem competências para fixar propinas devidas pelos estudantes, propor ou autorizar a aquisição ou alienação de património imobiliário da instituição, bem como as operações de crédito.

**LISTA i**  
**CONSELHO GERAL DO IPL**  
CORPO DISCENTE  
ELEIÇÕES 2012/2013

JOSE CASTELA ESML	RICARDO ABREU ESML	LUÍS CASTRO IPL	RUBEN PARDAL IPL
PEDRO COUTINHO ESML	FABIO ALMEIDA IPL	DIANA ANICETO ESTC	MARIANA GOMES ESTC
JOANA BELES ESML	DANIEL MONTEIRO ESML	CLAUDIA CARVALHIDO ESML	FREDERICO SARAINA ESML

**ELEIÇÃO DO PROVIDOR DO ESTUDANTE**  
**REVISÃO DA TABELA DE EMOLUMENTOS DO IPL**  
**ALTERAÇÃO DO REGULAMENTO DE PROPINAS DO IPL**

**DIA 10, VOTA i!**

facebook.com/listaicgip12013

Nas eleições do corpo discente para o conselho geral do Instituto Politécnico de Lisboa, a lista "I" apresentou-se a votos como lista única sendo composta pelos seguintes membros: Luís Castro (ISCAL), Fábio Almeida (ISEL), Ruben Pardal (ESCS), Diana Aniceto (ESTeSL), Pedro Coutinho (ESML), Joana Beles (ESELx), Mariana Gomes (ESTC), Cláudia Carvalhido (ESD), Daniel Monteiro (ISCAL) e Frederico Saraiva (ISEL). Como mandatário, surgiu o colega José Castela da ESML.

A lista "I" foi a natural vencedora, tendo sido eleitos como membros efetivos os colegas Luís Castro, Fábio Almeida, Rúben Pardal, Diana Aniceto e Pedro Coutinho.

No processo eleitoral a lista apresentou-se com três ideias chave para o mandato: eleição do primeiro provedor do estudante do IPL, revisão da tabela de emolumentos e alteração do regulamento de propinas do Instituto.

As associações de estudantes do IPL, estão assim, completamente unidas no sentido de melhorarem muitas situações deficitárias que existem na instituição, comuns a todas as escolas e que abrangem assim os cerca de 14.000 estudantes do Instituto. É então o momento certo de pensar o IPL, como um todo, e não apenas em cada uma das oito escolas, sendo a atitude dos membros eleitos, para o conselho geral do IPL, fundamental nesta transformação. Pretende-se garantir uma política continuada de melhoria do ensino e da investigação, abrindo a colaboração entre professores e estudantes para que se criem sinergias entre as unidades orgânicas, partilhas de recursos, minimizações de desperdícios e maximização das mais-valias de cada escola.

O IPL tem uma enorme diversidade de escolas e serviços que estão por dinamizar e que podem trazer uma mais-valia para todos.

Tal como já foi referido, no programa eleitoral proposto constam três temas como bandeiras eleitorais, sendo que brevemente um deles ficará resolvido, referindo-me à questão da eleição do provedor do estudante. Por incrível que pareça, o IPL consegue ser uma das poucas instituições, de ensino superior em Portugal, que ainda não elegeu o provedor do estudante.

Em relação à tabela de emolumentos pretendemos uma maior harmonia entre todas as unidades orgânicas do IPL, pois existem situações muito díspares quando comparamos os emolumentos entre as várias escolas. É incompreensível que uma aplique uma taxa de inscrição de 20,00€ e outra escola, igualmente pertencente ao IPL, se aplique um valor de 50,00€. Se os procedimentos são os mesmos há que eliminar as desigualdades e estabelecer procedimentos justos e universais entre todas as unidades orgânicas do IPL.

Relativamente ao regulamento de propinas pretendemos que existam mais prestações, em vez das atuais quatro, mas principalmente que estas sejam mais regulares e não tão concentradas conforme estão na atualidade.

Para além destas principais bandeiras, temos ainda outros objetivos como é o caso da alteração dos estatutos do IPL, em relação à duração dos mandatos do corpo discente no conselho geral do IPL, pretendemos passar dos atuais dois anos para apenas um ano.

Como já foi referido, a união entre as associações de estudantes na melhoria contínua das condições de ensino no IPL, leva-nos a pegar numa ambição antiga mas muito atual, uma estrutura que trate de problemas comuns dos estudantes. Por este motivo e muitos outros, estamos a criar a FAIPL (Federação Académica do IPL), que visa ser um fórum de discussão e entreaajuda interna, respeitando a esfera de atuação e independência das oito associações de estudantes existentes.

## Lurdes Serrazina eleita provedora dos alunos

A PROFESSORA Maria de Lurdes Serrazina, que desempenhou funções como vice-presidente do IPL, foi eleita provedor dos estudantes do Instituto Politécnico de Lisboa. O nome da anterior dirigente do Instituto foi proposto pelos representantes dos alunos no conselho geral do IPL, tendo assegurado a maioria dos votos. A tomada de posse vai-se realizar nas comemorações do 27.º aniversário do Instituto.

Compete ao provedor do estudante apreciar queixas dos estudantes sobre assuntos pedagógicos, administrativos e de ação social. Embora o Provedor de Estudante não tenha poder decisório, compete-lhe elaborar as recomendações necessárias para prevenir e reparar ilegalidades ou injustiças, e encaminhá-las aos órgãos competentes

Durante o mandato de quatro anos, Lurdes Serrazina, vai desenvolver as atividades em articulação com os conselhos pedagógicos das unidades orgânicas, associações de estudantes e serviços de ação social.

Maria de Lurdes Serrazina é doutorada em Educação Matemática pela Universidade de Londres, sendo, presentemente, professora coordena-



dora aposentada da Escola Superior de Educação de Lisboa. Coordenou diferentes projetos de investigação na área da didática da Matemática e da formação de professores, bem como o programa de formação contínua em Matemática para professores do 1.º e 2.º ciclo. Coorientou a equipa que elaborou o novo programa de Matemática do Ensino Básico (2007) e dirigiu a equipa que estipulou as metas de aprendizagem em Matemática para o Ensino Básico (2009). Foi presidente do conselho diretivo da Escola Superior de Educação de Lisboa entre 2004 e 2008 e vice-presidente do IPL entre 2008 e 2012.

## Nova estrutura dos serviços da presidência

### Mais apoio às unidades orgânicas

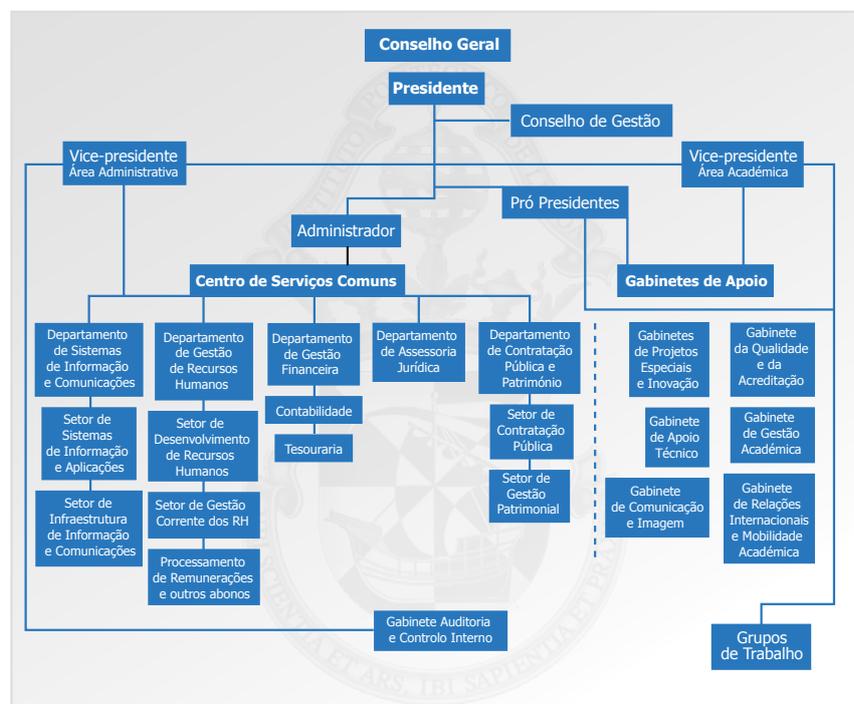
Os serviços da presidência do Instituto Politécnico de Lisboa adotaram uma nova estrutura orgânica e funcional que assenta no reforço do apoio às unidades orgânicas. Com uma centralização nas áreas transversais, numa lógica de prestação de serviços e de reforço do planeamento e controlo, que passam a constituir os pilares fundamentais de uma identidade e cultura organizacionais do Instituto no seu todo.

*Texto de Pedro Pinto Coelho*

A REFORMA do ensino superior em Portugal, materializada sobretudo pela nova lei de bases e pelo novo regime jurídico (RJIES) aprovado pela Lei n.º 62/2007 de 10 de setembro veio obrigar as instituições de ensino superior a procederem à revisão dos seus estatutos. No caso do Instituto Politécnico de Lisboa, essa revisão, foi consubstanciada pelo despacho normativo n.º 20/2009 de 21 de maio do Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior à época (Prof. Mariano Gago), que veio, entre outros, estabelecer os princípios básicos para a revisão dos estatutos das unidades orgânicas do Instituto e definir a natureza dos serviços da presidência.

No tocante a estes serviços, os estatutos acima referidos vieram determinar que a definição da sua natureza seja feita pelo conselho geral sob proposta do presidente. Esta mudança representa uma mais-valia no sentido em que a necessidade de uma alteração estrutural, num contexto de uma sociedade dinâmica e moderna, não se coaduna com a morosidade de uma alteração estatutária para a sua concretização (como acontecia nos anteriores estatutos).

A nova orgânica dos serviços da presidência do IPL foi aprovada pelo conselho geral do Instituto na sua reunião de 27.06.2012, tendo entrado em vigor no dia 18 de julho seguinte, após a sua publicação em diário da república. O princípio básico em que assentou esta reestruturação foi o da criação de uma estrutura que responda eficientemente às exigências dos



Nova estrutura orgânica e funcional dos serviços da presidência do IPL

órgãos do IPL e das suas Unidades Orgânicas, nomeadamente na “conceção, coordenação e implementação de funções comuns e de projetos transversais” (art. 37.º dos Estatutos do IPL).

Esta nova estrutura orgânica assenta essencialmente em três vetores: um “Centro de Serviços Comuns”, constituído por departamentos e por setores dentro de cada departamento, um conjunto de “Gabinetes de Apoio” que prestam assessoria direta aos órgãos do IPL e “Grupos de Trabalho ou de Projeto”, que visam responder a necessidades não permanentes da administração do Instituto. O Centro

de Serviços Comuns encerra em si as atividades principais numa ótica de criação de valor para o Instituto e para as suas unidades orgânicas. Funciona sob a direta coordenação do Administrador do Instituto e inclui os Departamentos de Recursos Humanos, de Gestão Financeira, de Contratação Pública e Património, de Sistemas de Informação e Comunicação e de Assessoria Jurídica. A constituição desta estrutura departamental teve como base dois pilares estratégicos: por um lado, incluir as atividades consideradas fundamentais e transversais a todo o Instituto, numa lógica de gestão de

processos, de prestação de serviços, de partilha de recursos e de orientação para resultados e, por outro, criar uma estrutura leve que não compromettesse o Instituto no futuro com a criação de gastos fixos exagerados e incorportáveis no quadro atual de constrangimentos orçamentais.

Os princípios de atuação do Centro de Serviços Comuns estão bem definidos no regulamento que aprova a nova orgânica dos quais se realçam os da manutenção da autonomia decisória (de acordo com as competência próprias e delegadas), da disseminação de boas práticas, da normalização de processos e da avaliação do desempenho.

As principais alterações face à anterior estrutura incidem na junção do IPLNET e do núcleo de informática num departamento, conferindo-lhe a importância que esta área da informática e das comunicações têm nas organizações modernas; a criação de um departamento para a contratação pública e gestão do património, apostando, por um lado, na segregação de funções e, por outro, na especialização

numa área fundamental para o desenvolvimento das unidades orgânicas.

Quanto aos gabinetes de apoio, a grande novidade é a criação do Gabinete de Apoio Técnico que pretende centralizar num só serviço as atividades de gestão intimamente ligadas

*O princípio básico em que assentou esta reestruturação foi o da criação de uma estrutura que responda eficientemente às exigências dos órgãos do IPL e das suas Unidades Orgânicas*

à administração do Instituto, não se limitando apenas ao apoio de secretariado. Pretende-se com a criação deste gabinete que as atividades de planeamento e controlo, de gestão da logística e da mobilidade, e que o tratamento da documentação (expediente e arquivo) fiquem centralizados num serviço que funciona na direta dependência da presidência do Insti-

tuto. São também criados três novos gabinetes, o de auditoria e controlo interno, o da qualidade e acreditação, para tratar dos temas da acreditação e avaliação de ciclos de estudos e unidades orgânicas, e de projetos especiais e inovação, numa aposta de ligação à comunidade científica e à sociedade em geral.

Finalmente, os grupos de trabalho ou projeto são criados consoante haja a necessidade de responder a uma nova oportunidade ou exigência, ao desempenho de determinadas tarefas, ao cumprimento de obrigações de carácter temporário ou ainda tarefas cuja natureza interdisciplinar ou o seu carácter específico assim o aconselhe.

Em conclusão, a nova estrutura orgânica dos Serviços da Presidência, instituída em meados do ano de 2012, foi estruturada a pensar no futuro de médio/longo prazo, pretendendo ser uma estrutura eficiente, que responda às necessidades do Instituto no seu todo e que se possa adaptar facilmente às constantes mudanças e desafios com que o ensino superior se defronta.

PUBLICIDADE

## O valor da autoconsciência organizacional

Hoje os principais desafios das organizações são a garantia do desempenho, a globalização, a capacidade de mudança e adaptação, tecnologia e envolvimento dos recursos. Equilibrar estes e outros requisitos só é possível através da implementação de um sistema de gestão eficaz, capaz de gerir os seus riscos sociais, ambientais e financeiros, melhorar a eficácia operacional, a satisfação dos clientes e stakeholders, proteger a sua notoriedade e promover a inovação. As organizações com sistemas de gestão certificados, em parti-

cular com sistemas de gestão da qualidade implementados e certificados de acordo com a Norma ISO 9001, são mais resilientes em tempo de crise registando um desempenho superior à média dos sectores económicos em que se inserem. **A ISO 9001 impõe a análise e autoconsciência das forças e fraquezas da organização.** Exige estabelecer, documentar, implementar e manter um sistema de gestão da qualidade e melhorar continuamente a sua eficácia de acordo com os requisitos desta norma de referência interna-

cional. Há mais de um milhão de certificados de qualidade no mundo, sendo mais de 30% das organizações prestadoras de serviços. A decisão das organizações em implementar e certificar sistemas de gestão é uma decisão estratégica que permite o seu desenvolvimento sustentado e não é já, um fenómeno de "moda". Em Portugal, há muitas Instituições de Ensino Superior certificadas em qualidade. A certificação potencia uma série de benefícios como o aumento da motivação dos colaboradores, foco nos objetivos e, sobretudo,

o aumento da confiança do público-alvo. A certificação em qualidade, constituindo um sucesso assinalável, confere à organização a diferença para melhor. Passa a ser, verdadeiramente, um ativo da organização, de importância comparável aos seus recursos humanos, à sua liderança e à sua oferta. A Qualiwork, através da sua equipa de consultores especializados, possui a competência necessária para garantir o sucesso do processo de certificação, através de metodologias próprias que permitem integrar as regras dos

Sistemas de Gestão, respeitando a cultura e identidade da organização. Ao longo de 10 anos de atividade a Qualiwork facilitou mais de 75 certificações de sistemas de clientes, como o Instituto Politécnico de Lisboa e Instituto Politécnico de Bragança.

**O primeiro passo que uma Organização toma na direção do reconhecimento do seu Sistema de Gestão é a seleção de uma consultora experiente e competente!**

Sónia Vieira  
Diretora Qualiwork



QualiWork | 10 anos building knowledge together



:: Consultoria e Formação

Qualidade, Inovação (IOI), IT Service Manag. (ISO/IEC 20000), Ambiente, Segurança no Trabalho, Segurança Alimentar, Segurança da Informação, Cadeia de Responsabilidade Florestal, Sistemas Integrados

www.qualiwork.pt :: geral@qualiwork.pt



## Espaço europeu de ensino superior

# Docentes em mobilidade

Proporcionar aos professores uma oportunidade de valorização pessoal e profissional, é o objetivo central da mobilidade de docentes. A promoção do intercâmbio de métodos pedagógicos, e troca de saberes e experiências, contribuem para o reforço dos laços entre as instituições de ensino superior de diferentes países, alargando a promoção da dimensão europeia das instituições e da qualidade do ensino.

*Textos de Carla Ruivo (Serviço Projetos Mobilidade e Cooperação da ESELx)*

A MOBILIDADE de docentes (STA) é uma das vertentes de mobilidade do Programa LLP/Erasmus. Através desta atividade, o programa LLP/ERASMUS procura incentivar as instituições de ensino superior (IES) a alargarem e enriquecerem a variedade e o conteúdo da sua oferta formativa e permitir que os estudantes que não podem participar num programa de mobilidade beneficiem dos conhecimentos e da experiência do corpo docente de universidades de outros países europeus.

A mobilidade de docentes entre IES europeias é incentivada através da concessão de apoio financeiro comunitário. As missões podem ter a duração de um dia a seis semanas (com um mínimo de cinco horas de trabalho).

A Escola Superior de Educação de Lisboa (ESELx), dando cumprimento à política de internacionalização da instituição, aposta no reforço deste tipo de mobilidade, através do apoio da sua direção a este tipo de atividades, da divulgação da mobilidade STA e dos seus objetivos (nomeadamente através de uma “newsletter” mensal dedicada ao assunto) e também de uma forte disseminação dos resultados obtidos pelos docentes que já realizaram missões, nomeadamente através de sessões públicas de partilha de experiências.

A Escola Superior de Educação de Lisboa tem registado um contínuo crescimento no número de docentes em mobilidade, apesar de todos os constrangimentos financeiros, apresentando mesmo o número mais ele-



A professora Bianor Valente, da ESELx, em mobilidade Erasmus

vado de mobilidade de docentes, no universo das unidades orgânicas do IPL, nos últimos anos letivos. Também as áreas de trabalho, os países e instituições visitados têm vindo a ser cada vez mais diversificados e as missões têm sido aproveitadas para vários tipos

de atividades para além da atividade letiva em sala de aula, nomeadamente o acompanhamento e a monitorização de alunos da ESELx em mobilidade Erasmus, o desenvolvimento de novos projetos de cooperação ou ainda atividades de investigação.

## Experiência dos professores de Educação numa instituição de ensino estrangeira

*“O Erasmus permite alargar horizontes, conhecer novas realidades, partilhar experiências, criar e estreitar laços! Desta forma crescemos como indivíduos e como profissionais, os nossos alunos ganham e a ESELx também!”*

**Profª Bianor Valente**  
(mobilidade em Vilnius, Lituânia e em Roterdão, Holanda)



*“Em termos profissionais, iniciativa que promoveu trocas de saberes, de conhecimento profissional, de experiências de trabalho conjuntas e diferentes entre si e que promoveu, também, a internacionalização do curso de Licenciatura em Animação Sociocultural”*

**Profª Ana Simões**  
(mobilidade em em Bordéus, França)

*“Percebi que existem importantes diferenças culturais com reflexo na organização da vida académica e no modo como os estudantes e agentes educativos se envolvem na vida da instituição.”*

**Profª Antónia Estrela**  
(mobilidade em Ljubljana, na Eslovénia)



*“Permitiu visitar alunas em mobilidade na instituição de acolhimento da nossa missão. A colaboração entre as duas instituições deu origem à missão Erasmus que se realizou no ano seguinte, em que de dois colegas da Universidade Autónoma de Barcelona foram recebidos pela ESELx”*

**Profª Susana Pereira**  
(mobilidade em Barcelona, Espanha)

*“Com meios humanos modestos mas dedicados, recebem a população escolar da região de Patras. Para surpresa minha, no 2.º ano, há uma unidade curricular eletiva de “Métodos de Investigação em Educação” as alunas trabalham com software usado na melhor investigação em educação”*

**Profª Paulo Maurício**  
(mobilidade em Patras, na Grécia)



## Semana Internacional do IPL

O INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA e as unidades orgânicas estão já a trabalhar na organização da 2.º edição da International Week STT, que se vai realizar entre 29 de abril e 3 de maio.

A primeira edição, decorreu no ano passado, e acolheu trinta e oito participantes de catorze países diferentes. Os funcionários estrangeiros conheceram a cidade de Lisboa, participaram num curso de Português “Flash” e visitaram os serviços da presidência, em Benfica, e as diferentes unidades orgânicas, de acordo com os seus interesses. Foi uma troca de experiências e boas práticas.

A semana internacional, deste ano, vai manter as atividades de sucesso da primeira edição e vai dar destaque a um dia dedicado à apresentação de workshops e comunicações, para além da visita às unidades orgânicas escolhidas por cada participante.

Para além do almoço de boas vindas, oferecido pelo Serviços de Ação Social do Instituto Politécnico de Lisboa, a edição vai organizar um programa social com jantar de despedida, num restaurante de um bairro antigo da cidade, com o objectivo de divulgar a gastronomia, música e dança típicas.

A mobilidade de pessoal não docente em ações de formação é uma das atividades previstas no âmbito do programa LLP/ERAMUS, que permite ao pessoal não docente, de instituições de ensino superior, a aquisição de conhecimentos ou saberes especializados, a partir de experiências e boas práticas realizadas no estrangeiro.

A mobilidade de trabalhadores não docentes é incentivada pela concessão de apoio financeiro comunitário, para a realização de formação in situ que, normalmente, tem a duração de uma semana e se realiza numa instituição de ensino superior estrangeira.

## Papel fulcral de Don Davies na investigação

# Escola e família de mãos dadas

A relação escola-família tem vantagens e desvantagens, barreiras e benefícios, venturas e desventuras, sendo sempre uma aventura. Trata-se de uma relação que, ao contrário de outras, não é de soma nula. Quando “corre bem”, todos os atores sociais implicados, crianças e jovens, pais, professores, organizações comunitárias, podem “ganhar”. Ao invés, quando “corre mal”, todos podem sair a perder.

*Textos de Pedro Silva e Mariana Dias\**

VÁRIOS especialistas têm sublinhado que os primeiros grandes beneficiários de uma boa relação são as crianças e jovens - filhos em casa, alunos na escola -, que denotam, em regra, um maior sucesso educativo (e não apenas académico). Contudo, vai-se sabendo que também os professores, as famílias, as associações de pais, as autarquias, os vários tipos de associações locais, reportam vantagens aquando de uma colaboração digna desse nome.

A investigação sobre a relação justifica-se, pois, tanto mais que estamos perante a interação de duas instituições sociais centrais nas sociedades de hoje em dia, uma relação que se encontra em processo de reconfiguração, pois é parte e parcela de uma sociedade em permanente e acelerada mudança.

A investigação estrangeira sobre ela tem raízes de várias décadas. Mesmo um sociólogo clássico como Durkheim se lhe referiu há cerca de um século atrás, para não falarmos de Comênio que, na sua conhecida defesa de uma escola para todos, defendia a necessidade de uma aliança entre pais e professores.

Acontece que a investigação científica sobre esta relação é recente em Portugal. Por volta de 1980 havia duas ou três obras em formato livro, todas de autores estrangeiros. Em 1983 e 1984 decorreu, no entanto, um mestrado na Universidade de Boston que - ao abrigo de um programa financiado pelo Banco Mundial - visava a formação de docentes para as então recém-criadas Escolas Superiores de Educação. Um



dos professores dessa universidade que se destacou foi Don Davies. Este professor catedrático - atualmente jubinado - é, seguramente, um especialista

mundial no campo da relação escola-família-comunidade. A sua visão sobre esta relação tem em conta os aspetos acima enunciados, mas também - como

gosta de sublinhar - o da possibilidade de aprofundamento da democracia através da participação direta dos envolvidos. E a democracia constitui para ele um valor inquestionável, que traduz na sua relação com os outros através de uma atitude de empatia e de escuta permanente e de curiosidade genuína pela opinião alheia.

A sua influência sobre o grupo com quem trabalhou mais diretamente não podia deixar de se sentir, em particular, embora não exclusivamente, o grupo da área de Análise Social da Educação, de quem foi docente e cujas teses orientou, todas com sucesso. Como resultado, quer antigos alunos seus deste grupo, quer alguns outros, vieram a participar em diversos projetos de investigação por ele coordenados, alguns de âmbito internacional. Vários destes seus pupilos desenvolveriam posteriormente uma obra autónoma que lhes trouxe reconhecimento nesta área científica, assim como, por extensão, às instituições de onde eram originários.

Fica, a título de exemplo, a referência à primeira pesquisa que coordenou em Portugal nos anos 80, um projeto sobre os pais que nunca se deslocavam às escolas, por sinal o que envolveu uma equipa mais

*(...) os primeiros grandes beneficiários de uma boa relação são as crianças e jovens - filhos em casa, alunos na escola -, que denotam, em regra, um maior sucesso educativo (...)*

numerosa de investigadores e um maior número de Escolas Superiores de Educação. Este projeto viria a dar origem, em 1989, à publicação do livro “As Escolas e as Famílias em Portugal - Realidade e Perspetivas”, tendo como autores, para além dele próprio, João Viegas Fernandes, José Catarino Soares, Lucília Lourenço, Luís Costa, Maria Adelina Villas-Boas, Maria Conceição Vilhena, Maria Teresa Oliveira, Mariana Dias, Pedro Silva, Ramiro Marques e Rosa Lima. As escolas envolvidas foram as de Beja, Castelo Branco, Faro, Leiria,

## Homenagem nacional ao investigador



Don Davies na homenagem nacional atribuída pelo Presidente da República

EM 2011 Don Davies viu reconhecido o seu contributo para a investigação na área da relação escola-família-comunidade, através de uma homenagem nacional que lhe foi prestada, que decorreu na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa, onde a Ministra da Educação de então, Isabel Alçada, lhe atribuiu uma medalha concedida pelo Presidente da República.

Professor emérito da Universidade de Boston, Davies foi o fundador do Institute for Responsive Education, uma organização sem fins lucrativos que investiga e enceta esforços no sentido de fomentar a participação das famílias e da comunidade nas escolas públicas. Ao longo de 28 anos, participou em vários projetos e estudos portugueses. Um destes projetos foi o do Banco Mundial patrocinado pela Universidade de Boston, que permitiu dar formação a dezasseis novos professores das Escolas Superiores de Educação, entre os quais Isabel Alçada, ministra da

Educação do XVIII Governo Constitucional.

Na sua visita à Escola Superior de Educação de Lisboa, para além de ser homenageado, o professor participou como orador na conferência sobre “Escola, Comunidade e Equidade”. Depois de rever muitos dos seus antigos alunos, Don Davies falou da visão que tem do ensino e das mudanças que o afetam. Não deixou de realçar o importante papel dos professores, nunca esquecendo a ligação à comunidade.

Na intervenção, o professor retratou a realidade que melhor conhece, a dos Estados Unidos da América, país onde o recrutamento de professores já é feito para além das escolas de educação. Alunos das universidades mais conceituadas do país são alvo de propostas de salários mais elevados por parte das escolas, mesmo não sendo da área do ensino. Segundo Don Davies “Pela primeira vez há pessoas de Stanford e Yale, a querer ensinar porque lhes pagam bem por isso”.

Lisboa, Porto, Santarém e Setúbal. Outros investigadores estariam, noutros projetos e noutras obras, também a ele associados, como são os casos de Isabel Alçada, Luís Souta,

Maria Emília Brederode Santos ou Natércio Afonso.

\* Pedro Silva, Docente da Esc. Sup. de Educação de Leiria  
Mariana Dias, Docente da Esc. Sup. de Educação de Lisboa

# A Materialização da Cadeia de Valor

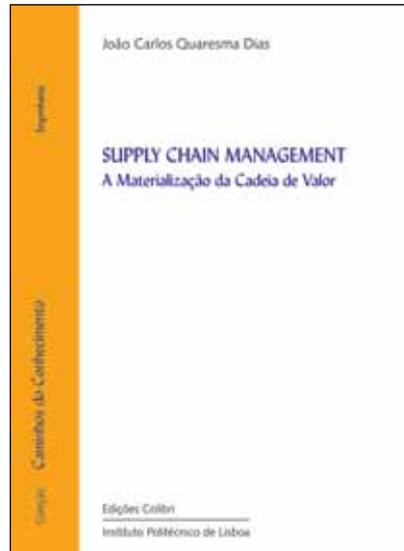
Estabelecer ligação estratégica entre cadeias de valor globais e apresentar soluções para novos problemas advindos de um mundo de turbulência e incerteza, é um dos objectivos do livro "Supply Chain Management- A materialização da cadeia de valor" de João Carlos Quaresma Dias, professor do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa.

*Texto de João Quaresma Dias*

Publicada na Coleção Caminhos do Conhecimento, do Instituto Politécnico de Lisboa, a obra "Supply Chain Management (SCM) – a materialização da Cadeia de Valor", destina-se, fundamentalmente, a estudantes de mestrado ou doutoramento e, também, a profissionais dos níveis mais elevados da gestão dos segmentos da SCM, nomeadamente os de nível da gestão estratégica.

O termo conceptual de cadeia de valor materializada corresponde a uma visão sistémica, de natureza adaptativa complexa onde, na maior parte das vezes, os dados do passado são irrelevantes para a previsão ou obtenção de resultados seguros para o futuro.

São apresentados ao longo do presente trabalho, de João Quaresma Dias, "padrões" associados à complexidade que, pretendem configurar-se como resposta a fenómenos decorrentes da gestão de prazos certos, seguros, fiáveis e de qualidade num



tempo, paradoxalmente, cada vez mais incerto, inseguro e turbulento. Em suma, o autor, professor do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, apresenta, neste livro, as melhores práticas adotadas na SCM, que na adversidade atual da aceleração da

mudança, possam garantir operações seguras e fiáveis entre quem produz, quem fornece, quem distribui e quem consome e, ainda assim, consegue sobreviver.

Existe um vasto leque de literatura nacional e internacional disponível para os estudantes dos diversos níveis do ensino superior, ou dos profissionais das indústrias nos domínios correntes da gestão, planeamento das operações, da otimização, da engenharia industrial e das suas diversas especialidades, nomeadamente ao nível da gestão do inventário, da manutenção de equipamentos, estudos fiabilísticos, análise de risco, ou até da própria gestão logística.

Infelizmente, não é o caso das matérias vertentes da Logística, Macrologística e Gestão da SCM, matérias tratadas neste livro, o número trinta e seis, da coleção do Instituto Politécnico de Lisboa.

O trabalho está organizado em doze capítulos, ou secções.

## Horizontes da Comunicação



O NÚMERO 12 da Revista Comunicação Pública saiu

em janeiro último, no âmbito das comemorações do 24.º aniversário da Escola Superior de Comunicação Social. Projeto editorial multidisciplinar, nesta edição assinala-se a colaboração de investigadores estrangeiros em dois dos cinco artigos científicos. Carmela Ortega e Ricardo Azagra abordam a cobertura realizada pelas principais cadeias televisivas espanholas, nas eleições europeias de 2009. Já Alan Freitag e Jacek Trebecki examinam a Comunicação interna no decurso de uma mudança

organizacional, tendo como objeto de estudo a indústria automóvel. Nas Relações Públicas (RP), Sónia Sebastião, conclui, no seu artigo, que o setor das RP é cada vez mais reconhecido em Portugal. Na mesma área, Kelly Pereira, mestre em Gestão Estratégica das Relações Públicas pela ESCS, assume uma visão da área, enquanto elemento estratégico e fundamental, para a gestão organizacional. Sofia Borges propõe uma imagem centrada numa máquina de fotografar, olhando para o

momento em que cada imagem se revela. De fotografia fala a recensão de Andreia Cruz, realizada em torno de um livro de Margarida Medeiros, cujo enfoque é nas imagens fotográficas que retratam a imagem do mundo (supostamente) invisível. De jornalismo falam duas das três recensões. Cláudia Lamy analisa Bernar Poulet e a sobrevivência da imprensa como a conhecemos e Filomena Borges recorre a João Paulo Menezes para falar da análise da rádio no passado, presente e futuro.

## Organizações culturais em Portugal

“As organizações culturais e o espaço público - A experiência da rede nacional de teatros e cineteatros”, é útil para quem desenvolve a programação dos equipamentos culturais. Da autoria de Maria João Centeno, professora na Escola Superior de Comunicação Social, a obra é da Coleção Caminhos do Conhecimento do Instituto Politécnico de Lisboa.

*Texto de Maria João Centeno*



RESULTADO da investigação de Maria João Centeno, no âmbito do doutoramento em Ciências da Comunicação, a obra “As organizações culturais e o espaço público: a experiência da rede nacional de teatros e cineteatros” problematiza a natureza da relação que se estabelece entre as organizações culturais e os seus públicos e verifica se as especificidades das organizações que pertencem à Rede, lançada em 1999 pelo então ministro da Cultura, Manuel Maria Carrilho, favorecem a interação no seio da esfera pública.

A pesquisa de Maria João Centeno, professora da Escola Superior de Comunicação Social, recua à constituição da esfera pública literária no século XVIII, para perspetivar a prática que se constitui como a referência ideal do uso público e crítico da razão, em que a partir de razões invocadas

e da força do melhor argumento, o indivíduo é livre de fazer a sua escolha tendo em vista o entendimento.

O novo pensamento crítico, protagonizado entre outros por Jürgen Habermas, é profundamente cético em relação à ideia de que o espaço público das sociedades pós-liberais se tenha esvaziado por completo das tradicionais funções críticas e emancipatórias. O contributo de Habermas vai no sentido de redescobrir as propriedades curativas do diálogo, mesmo sob a disseminação das massas.

Atendendo às organizações que compõem a Rede e analisando as propostas realizadas por cada uma delas nos três primeiros anos de atividade, averigua-se se a relação organização/públicos é de caráter instrumental, marcada essencialmente por ações estratégicas, apoiadas na influência de uma das partes sobre a outra

e em que só os interesses dessa parte são tidos em conta, ou pelo contrário dialógica, baseada em ações comunicacionais, ações coordenadas através do mecanismo do entendimento.

Quando assim acontece, a pesquisa mostra que estamos perante organizações que, ao estabelecer vínculos duradouros e exigentes, promovem espaços simbólicos que contribuem para a edificação da identidade social e propiciam a reflexão sobre as situações do Mundo da Vida.

Na cerimónia de lançamento do livro, que decorreu na Escola Superior de Comunicação Social, em Novembro do ano passado, Manuel Maria Carrilho, o antigo ministro da Cultura, considerou a obra “Instrutiva, útil e acutilante”.

O livro é o número 32 da coleção Caminhos do Conhecimento, uma parceria do Instituto Politécnico de Lisboa e as Edições Colibri.

### Física Estatística



INTRODUÇÃO À FÍSICA Estatística é um dos livros inseridos na Coleção Ensino da

Ciência e da Tecnologia, editado pelo Instituto Superior Técnico Press. Com autoria dos professores João Paulo Casquilho e Paulo Ivo Teixeira, a obra tem origem nos apontamentos reunidos, por um dos autores, na disciplina de Física Estatística das licenciaturas em Engenharia Física, Ensino da Física e da Química, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. O trabalho destina-se ao uso em licenciaturas como Ciências ou Engenharia dos Materiais, Química ou

Engenharia Química e Engenharia Biomédica. Para tal, o conteúdo é (quase) elementar, não exigindo um conhecimento profundo de Mecânica Quântica ou Mecânica Analítica. São necessário, no entanto, bases sólidas em Física Geral, designadamente em Mecânica Clássica, Termodinâmica Clássica e Eletromagnetismo e alguns conhecimentos de Física do século XX. A introdução à Física Estatística ocupa, segundo os autores, uma posição central num curso de Física, de Enge-

naria Física ou do ensino da Física (e da Química), a par da introdução à Mecânica Quântica. Para além de fornecerem formação de base de Física, apoiam outras disciplinas, como a Física Atómica e Molecular e Física da Matéria Condensada ou Física do Estado Sólido. A Física Estatística é de igual modo importante na fundamentação e/ou interpretação da Termodinâmica Clássica, particularmente, na obtenção das Leis da Termodinâmica e de resultados como os do gás ideal clássico.

## Melhores práticas de ensino em aula

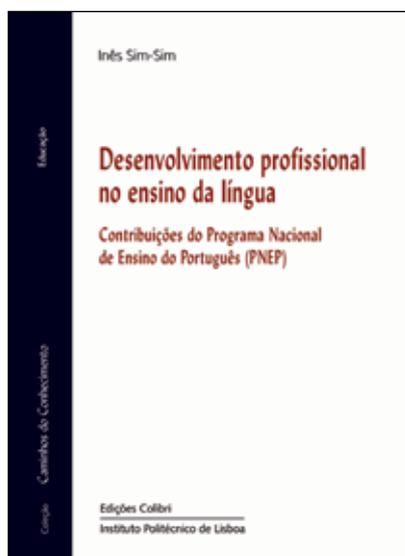
"Reflexões sobre o desenvolvimento profissional do professor" de Inês Sim-Sim, professora aposentada, da Escola Superior de Educação de Lisboa, chega à conclusão que melhorias de práticas de ensino na sala de aula levam a progressos na aprendizagem dos alunos. A autora recorre à experiência do modelo seguido no Programa Nacional do Ensino do Português. É a edição trinta e cinco da Coleção Caminhos do Conhecimento, do Instituto Politécnico de Lisboa.

*Texto de Inês Sim-Sim*

A EFICÁCIA, pertinência e sustentabilidade são três vetores na apreciação da qualidade de programas formativos que visem o desenvolvimento de profissionais em exercício.

A obra "Desenvolvimento Profissional no Ensino da Língua: Contribuições do Programa nacional de ensino do Português (PNEP)", de Inês Sim-Sim, espelha os dados de um programa de âmbito nacional de formação contínua de professores que decorreu entre 2006 e 2010. Por desenvolvimento profissional entende-se, aqui, a dinâmica geradora de melhoria de práticas de ensino que originam progressos nas aprendizagens dos alunos que, por sua vez, afetam a imagem, as atitudes e as crenças do docente.

Embora destinado a docentes em exercício, e por isso, ancorando-se em referenciais teóricos específicos, e com uma estrutura organizativa



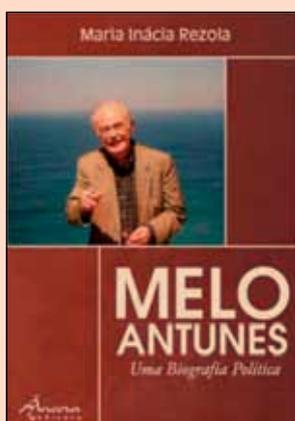
própria, o livro oferece contributos para modelos de formação profissional noutros domínios. Como alicerces importantes da qualidade conseguida salienta-se uma formação direcionada

para a prática letiva, desenvolvida no espaço escolar de pertença de cada docente, num ambiente de cooperação entre pares, em que se valorizou a relação de proximidade através do apoio tutorial de um colega, o formador residente, e a supervisão e ligação imprescindíveis da instituição de ensino superior da respetiva área geográfica.

A figura do formador residente, em articulação com outros formadores residentes, possibilitou um trabalho em rede, no agrupamento de escolas, na região, via instituições de ensino superior, e a nível nacional, impulsionado por uma comissão nacional de acompanhamento com funções de dinamização e de monitorização.

A produção e divulgação de materiais específicos de formação, em diversos suportes, alimentaram o alargamento consolidado da aprendizagem profissional visada.

### Herói discreto



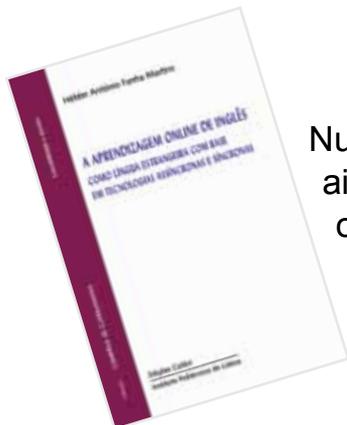
COM BASE em dados inéditos, Maria Inácia Rezola, investigadora e profes-

sa da Escola Superior de Comunicação Social, dá a conhecer no livro "Melo Antunes, uma biografia política", uma figura de relevo da Revolução de 25 de Abril. Apesar de ter sido uma figura determinante na história contemporânea portuguesa, Ernesto Melo Antunes permanece desconhecido para a maioria dos portugueses. Publicado pela editora Âncora, o livro traça o percurso do biografado, desde a adolescência, início da carreira militar, passando

pela militância nas hostes oposicionistas açorianas nos primeiros anos do Marcelismo, às experiências de guerra em África, a conspiração do Movimento dos Capitães e a trajetória no processo revolucionário, salientando o seu papel na descolonização, como ministro sem pasta, ministro dos negócios estrangeiros e conselheiro da revolução. Tendo por base a documentação existente no arquivo pessoal do biografado, complementada com outros fundos docu-

mentais, foram recolhidos testemunhos de alguns dos que com ele privaram, Jorge Sampaio, José Medeiros Ferreira, Amadou Mahtar M'Bow (ex-diretor-geral da UNESCO) ou Diogo Freitas do Amaral, com quem Melo Antunes travou duras contendas. Inácia Rezola reconstituiu, assim, peças fundamentais para entender uma época da História recente. O escritor António Lobo Antunes, amigo e camarada de guerra de Melo Antunes, é o autor do prefácio.

## Aprender inglês na internet



Numa altura em que a investigação no campo dos ambientes online ainda está a dar os primeiros passos em Portugal, "Aprendizagem online de Inglês- como língua estrangeira com base em tecnologias assíncronas e síncronas" pretende constituir um contributo para esta nova área, guia orientador e promotor de reflexões, fomentando a discussão deste novo instrumento de aprendizagem.

*Texto de Hélder Fanha Martins*

PROFESSOR e presidente do conselho pedagógico do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa, Hélder Fanha Martins, defende, no livro "A aprendizagem online de inglês", ser indispensável reforçar a utilização, ainda incipiente entre nós, de métodos de ensino e aprendizagem baseados no conceito de aprendizagem à distância, através de tecnologias síncronas e assíncronas. O que não significa que a aprendizagem passe necessariamente a ter lugar exclusivamente em casa dos estudantes, em regime de isolamento em relação aos colegas.

O autor considera que é importante incorporar num processo de educação uma componente de auto-aprendizagem, a par das componentes presenciais mais clássicas por forma a estender o alcance, alargar a cobertura e multiplicar a eficácia dos instru-

mentos já disponíveis para auxiliar o processo de ensino e aprendizagem. Publicado na Coleção Caminhos do Conhecimento, do Instituto Politécnico de Lisboa, o livro propõe uma incursão pela educação online e pelas percepções da utilização de uma metodologia de *blended learning* na reformulação dos papéis tradicionais de professores e alunos nos processos de ensino-aprendizagem, considerando unidades curriculares de Inglês de Negócios em duas licenciaturas de uma Instituição de Ensino Superior público em Lisboa.

Os ambientes de aprendizagem *online*, suportados em plataformas de e-learning podem constituir importantes instrumentos de inovação e desenvolvimento da atividade de ensino nas instituições de ensino superior. As mudanças registadas nos processos de ensino-aprendizagem nas institui-

ções mais tradicionais, associadas à incorporação de tecnologias de informação e comunicação, têm, no entanto, sido consideradas reduzidas e com um ritmo de evolução lento.

Os estudos realizados pretendem explorar e encontrar abordagens mais eficazes para o desenvolvimento de ambientes de aprendizagem de línguas estrangeiras através da utilização da tecnologia Internet. Procurou-se, ainda, reflectir e concluir sobre impactos e perspectivas de evolução que os ambientes online permitem perceber para a actividade de ensino-aprendizagem em geral e do Inglês como língua estrangeira em particular, promovendo instituições de ensino superior mais flexíveis e com um papel renovado e reforçado, numa sociedade crescentemente baseada no conhecimento como factor de desenvolvimento económico, social e cultural.

### Antes que me esqueça



COM PREFÁCIO de Luis Miguel Cintra e com uma

carta de Manoel d' Oliveira como Posfácio, Antes que me Esqueça, retrata uma teia de memórias da autora Júlia Buisel. Editada em 2012, a obra tem edição da Associação Il Sorpasso e da Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura e mostra como revalorizar o cinema como produção eminentemente humana. A autora tem acompanhado a trajetória de um cineasta – Manoel d'Oliveira, cuja intervenção formal e alegria criativa são capazes de surpreender tudo e todos, começando

pelos mais próximos colaboradores. Anotadora de Oliveira, Júlia tem partilhado com o realizador, artificios do cinema e oscilações de uma existência pessoal, cujo cerne é o puro desejo de filmar. Tratando-se, segundo João Lopes, programador de Cinema e Audiovisual, de "um livro de notações e anotações" em que podemos ter acesso aos "detalhes de uma convivência tecida entre a cumplicidade afetiva e o mais profundo amor pelo cinema". No prefácio, o Luís Miguel Cintra frisa a "grande

amizade" que o liga a Júlia Buisel e como esta "conhece os cantos à casa" do cinema. Considera que o livro é "uma espécie de grande genérico raisonné, como se diz nos catálogos de pintura". No posfácio, podemos ler uma carta de Oliveira em que os desabafos a Júlia Buisel fazem referência a pensamentos, sentimentos e estados de espírito. Confessa ainda que a sua "fiel" Isabel é quem mais ama no mundo e que ainda tem dentro de si "uma alma rebelde e solitária como a de um animal".

## Física e Mecânica em livro



A Coleção Caminhos do Conhecimento, do Instituto Politécnico de Lisboa e das Edições Colibri, conta com mais uma obra, desta feita, na área da Física. “Mecânica – uma Introdução”, título do número 37, é da autoria dos professores António Jorge Silvestre e de Paulo Ivo Cortez Teixeira, da área departamental de Física do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa.

*Texto de Clara Santos Silva \**

SENDO a Física a mais fundamental das ciências da natureza, é nela que assenta a formação de base de qualquer curso superior de ciências ou de engenharia. A maioria destes cursos, nacionais ou internacionais, encontra-se estruturada de modo a que o primeiro contacto dos alunos com a Física ocorra numa disciplina de Mecânica elementar. Tal facto tem uma razão de ser; é na Mecânica que a muitos dos conceitos e princípios fundamentais da Física têm a sua raiz. Conceitos e princípios estes, que os alunos vão ver, posteriormente, ao longo do seu percurso académico, estendidos e adaptados não só a outros ramos da Física que, eventualmente, possam vir a estudar, mas também, às restantes disciplinas de ciências e engenharia que constituam o cerne dos seus cursos.

Este livro "Mecânica- uma Introdução", dos professores António Jorge Silvestre e Paulo Ivo Cortez, destina-se, precisamente, ao ensino de uma primeira disciplina de Mecânica de cursos de ciências ou de engenharia, tendo a sua génese na unidade curricular de “Mecânica Geral” que os autores leccionam no segundo semestre do primeiro ano da Licenciatura em Engenharia Química e Biológica do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, do Instituto Politécnico de Lisboa.

Sem prejuízo do rigor, os autores procuraram concentrar-se no essencial da Mecânica que um futuro cientista ou engenheiro deve dominar, não só ao nível do conhecimento factual, como também, o que é porventura mais importante, da atitude a adoptar face a um problema.

Com o objectivo de combater a dificuldade que muitos estudantes en-

contram na aplicação dos conceitos teóricos a situações concretas, o livro inclui um grande número de exercícios resolvidos ao longo do texto bem como, no final de cada capítulo, um conjunto significativo de exercícios propostos, cuja resolução vai permitir aos estudantes desenvolver a capacidade de cálculo, sedimentar a teoria e ganhar a necessária confiança para a aplicar correctamente nas mais variadas situações.

Os autores salientam no prefácio desta obra, o cálculo é um ingrediente essencial da Física e a capacidade de obter resultados numéricos que podem ser verificados pela observação experimental é a base do enorme sucesso das ciências e tecnologias modernas.

\*Texto redigido de acordo com as regras pré-acordo ortográfico, em sintonia com a redação do livro e opção dos autores

### Relatos e Reflexões



Resultado de vários documentos produzidos no âmbito do projeto “Qualificação

dos Professores em Países Lusófonos”, Formação Contínua - Relatos e Reflexões, foi publicado em 2011, numa edição conjunta do Instituto Politécnico de Lisboa e da Escola Superior de Educação de Lisboa. Com coordenação de Lurdes Serrazina, Fernanda Gomes, João Rosa e José Portela, professores da Escola Superior de Educação e envolvidos no projeto Edulink, houve lugar à publicação de dois volumes com direito a um e-book incluído. O primeiro volume está dividido

em três partes. Na primeira estão contidos os documentos que estruturam o projeto e que representam a sua filosofia e as ações previstas implementadas. Na segunda podem ser encontrados textos de cada uma das quatro áreas de formação – Qualidade na Educação e Desenvolvimento, Ensino da Matemática, Tecnologias de Informação e Comunicação e Ensino das Ciências. Na terceira, incluem-se textos de conferências proferidas no âmbito em seminários que procuraram

contextualizar alguns dos problemas inerentes aos processos e modelos de formação de professores. O segundo volume, com o subtítulo Textos de Enquadramento e Alguns Exemplos de Materiais, também ele se divide em três partes, a primeira das quais contem os Princípios Gerais para a Elaboração de Um Plano de Formação e os Objetivos da Formação Contínua nas áreas do projeto. Seguem-se os textos das áreas de formação produzidas durante o primeiro Seminário.

# Uma Escola de Artes

A ESCOLA SUPERIOR de Teatro e Cinema – ESTC, com 175 anos de existência, sucessora do antigo Conservatório Nacional, da Rua dos Caetanos em Lisboa, é a mais antiga, influente e conceituada Escola Superior Artística na área das artes performativas no nosso país, para o ensino das diversas artes de palco e há 40 anos das artes do ecrã. Com um ensino de excelência marcado pela inovação, criatividade e contemporaneidade, que atrai os melhores e mais promissores alunos, continua a ser uma referência na nossa vida atual.

Dela têm saído gigantes do nosso teatro e cinema como Eunice Muñoz, Ruy de Carvalho, Nicolau Breyner e outros tão relevantes como Maria Barroso (cuja carreira foi proibida por Salazar), Cecília Guimarães, Anna Paula, Mário Viegas, Luísa Cruz, João Grosso, Rita Blanco, Alexandra Lencastre, Maria Emília Correia, Miguel, Álvaro Correia, Carlos Pessoa, André e. Teodósio, Mariana Sá Nogueira, entre muitos outros. Recuando mais no tempo – João Villaret ou Maria Lalande.

Nomes tão significativos da realização cinematográfica, como Miguel Gomes, João Salaviza, Pedro Costa, Teresa Villaverde, João Botelho, Joaquim Leitão, Joaquim Sapinho, Marco Martins, Edgar Pera, alguns premiados internacionalmente em Festivais como Veneza, Cannes e Berlim.

O que significa 175 anos de vida de uma instituição? Pensar-se-ia que seria um peso demasiado, mas não se sente, possivelmente porque já não estamos no histórico edifício do Bairro Alto.

Criado em 1836, por Almeida Garrett, que presidiu à Instituição, o Conservatório esteve encerrado durante largos períodos nos finais do séc XIX. Com a República consolidou-se a sua existência. A ligação ao Teatro D. Maria II, também criado por Garrett, tem-se mantido.

A coexistência na Escola de Teatro, das áreas de Atores, Design de Cena, Produção, e Teoria, demonstra a relevância duma experiência integrada.

Também na Escola de Cinema, as áreas de Argumento, Imagem, Montagem, Som, Produção e Realização apresentam-se num contexto integrado. O Mestrado em Teatro oferece especia-



**António Lagarto \***

*A nossa função é preparar os alunos com espírito inovador, liberdade para experimentar, debater e questionar, proporcionando-lhes realização e confiança sem perder de vista o passado e a nossa memória*

lizações em Artes Performativas, Design de Cena, Encenação, Produção e Teatro e Comunidade, e o Mestrado em Desenvolvimento de Projeto Cinematográfico oferece especializações em Narrativas Cinematográficas, Dramaturgia e Realização e Tecnologias de Pós-Produção.

Em parceria com a Universidade de Lisboa, a ESTC integra o Doutoramento em Artes Performativas e da Imagem em Movimento, sendo lecionadas oito Unidades Curriculares.

A ESTC tem um corpo docente de relevantes artistas profissionais, com carreiras multiplamente premiadas, tanto nacional como internacionalmente, assim como, reconhecidos Doutorados, Mestres e Especialistas. A ESTC e a Universidade do Algarve, criaram o Centro de Investigação em Artes e Comunicação, avaliado como Excelente e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, que já produziu várias publicações, editadas

pela Gradiva, duas das quais: «A Escola de Teatro do Conservatório (1839-1901)», de Eugénia Vasques e «Novas e Velhas Tendências do Cinema Português Contemporâneo», coordenado por João Maria Mendes.

A Biblioteca da ESTC possui um acervo histórico valioso e uma bibliografia nas Artes Performativas e do Cinema. Em 2011 adquiriu o espólio do crítico de teatro Carlos Porto.

A mudança em 1998 para o edifício na Amadora, do Arqº Manuel Salgado, e a necessidade de constante renovação artística, fazem com que não se sinta esse peso. Uma instituição como esta, é feita pelos seus jovens alunos que trazem um contributo à vitalidade.

A ESTC tem estabelecido protocolos com instituições, permitindo aos alunos a apresentação de exercícios, a realização de estágios e aumentando a empregabilidade: Teatro D. Maria II, Teatro S. João, CCB, Cinemateca, SIC, Câmara Municipal da Amadora, Cornucópia, Artistas Unidos, Companhia Olga Roriz, Escola de Mulheres, Teatro da Gargem, entre outros.

Conceituados artistas têm colaborado com a ESTC: Fernanda Lapa, Beatriz Batasta, Jorge Silva Melo, Ricardo Pais, Rui Horta, Olga Roriz, Mónica Calle, Cucha Carvalheiro, Luís Castro, Pedro Penim, José Capela, António Jorge Gonçalves, António Sousa Dias, Vasco Araújo, Pedro Cabral Santo, entre outros.

A nossa função é preparar os alunos com espírito inovador, liberdade para experimentar, debater e questionar, proporcionando-lhes realização e confiança sem perder de vista o passado e a nossa memória.

Celebrámos 175 anos com a homenagem a Manoel de Oliveira, a agradecer-lhe ter dado a conhecer internacionalmente os nossos atores de teatro. Homenageámos também Luís Miguel Cintra (Prémio Pessoa 2005), encenador/ator e diretor do Teatro da Cornucópia, figura incontornável da vida cultural portuguesa que tem sido, desde há muito, uma presença constante nos filmes de Oliveira.

\*Presidente da Escola Superior de Teatro e Cinema



**UM CLIENTE  
UM CONSELHO  
UMA SOLUÇÃO**

**SECURITAS...  
O PARCEIRO NATURAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR!**

**securitas.pt**



**SECURITAS - Serviços e Tecnologia de Segurança, S.A**  
**Telf.: 21 415 46 00 E-mail: comercial@mail.securitas.pt**

Alvarás: MAI n.º 22 A, 22 B, 22 C e 22 D; INCI n.º 68711  
Sistema de Gestão Certificado em conformidade com NP EN ISO 9001 e 14001.

SE QUERES TER FUTURO,  
NÃO COMPLIQUES. POUPA.



**Caixa Geral  
de Depósitos**

www.cgd.pt  
www.caixaiu.cgd.pt  
caixadirecta IU  
808 212 213  
24 horas por dia  
todos os dias do ano

### CONTA CAIXAPOUPANÇA SUPERIOR

Poupar é como estudar. Quanto mais praticares no dia-a-dia, melhor para o teu futuro. Com a nova conta Caixapoupança Superior, exclusiva para universitários com cartão Caixa IU ou ISIC ou Caixa Académica Estudante, é fácil poupar.

Primeiro, porque podes abri-la com apenas 10 Euros e fazer reforços quando quiseres a partir de 1 Euro. Segundo, porque além de crescer com os juros, a tua poupança ainda cresce mais se tiveres um cartão de crédito, de débito e o serviço Caixadirecta. E finalmente, porque a conta continua a render mesmo depois de acabares o curso ou começares a trabalhar.

Por isso, não compliques. Informa-te já na Caixa.

**O teu futuro é na Caixa. Com Certeza.**